

**BOLETIM DA
COMISSÃO**

D

CATARINENSE DE

FOLCLORE



Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansch
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim

Editor e Diretor: Doralécio Soares
Secretário: Oswaldo Ferraro de Carvalho
Membros:
Nereu do Vale Pereira, Victor Antônio Peluso Junior,
Lélia Pereira da Silva Nunes.

Capa: Jair M. Oliveira (foto-Doralécio Soares)
Fotolito: Nery Marçal

Endereço para correspondência: Rua Júlio Moura, 28 — 1º andar — 88020
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

Edição patrocinada pelo Governo do Estado (Secretaria de Estado da
Cultura e Esporte).

BIBLIOTECA DA SANTUR
Tipo de publicação
Admissão de
Data de Admissão
Data Registro

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Comissão Catarinense de Folclore
Rua Júlio Moura, 28 1º andar
CEP 88.000 Florianópolis SC

BIBLIOTECA DA SANTUR

Tipo de aquisição Doação

Adquirido de SANTUR

Data de Aquisição / /

Registro 0362

Data Registro 05/06/96

NOSSA CAPA

Festa do DIVINO ESPÍRITO SANTO

Anualmente são realizadas festas do Divino Espírito Santo em várias comunidades de Santa Catarina, onde o Espírito Santo é padroeiro ou mesmo venerado. Algumas são pomposas, outras mais modestas, que procuram manter o máximo de autenticidade. Todas, entretanto, primam no rigor que imprimem ao ato litúrgico, onde alguns celebrantes se destacam na mensagem transmitida aos fiéis.

A nossa capa é uma foto do cortejo do Divino Espírito Santo, de Santo Antônio de Lisboa, quando as madrinhas portando as Bandeiras, conduziam o Imperador e a Imperatriz e toda a sua corte para a solenidade de coroação no interior da igreja.

SUMÁRIO

Nesta edição apresentamos vários trabalhos que relacionamos, e por sua importância, recomendamos.

EDITORIAL / Doralécio Soares

Estatutos da Comissão Catarinense de Folclore

Biblioteca da Cultura Popular / Doralécio Soares

Festa do Divino Espírito Santo / Lélia Pereira da Silva Nunes

Sobre a Pombinha Açoriana / Nereu do Vale Pereira

Arte-Artesanato — Arte Popular — Artesanato Folclórico / Doralécio Soares

Pronunciamento do Deputado Federal Pedro Ivo Campos, sobre Folclore Lei nº 4287, Institui o Dia do Folclore em Santa Catarina

Por que somos Barriga-Verde / Doralécio Soares

Cultura Popular Catarinense “Falares” / Flávio José Cardozo. Idem o Misterioso Número Três.

Bruxas Açorianas num Teatro do Sul do Brasil / João Lupi

Promoção do Folclore na Escola / Sônia Maria Copp da Costa

Festa do Vinho: Urussanga

Academia Italiana quer acervo de Seixas Neto

Luís da Câmara Cascudo / Theobaldo Costa Jamundá

Governador Pedro Ivo Campos, inaugura Exposição Sobre Banda Centenária.

Viola da Saudade / Aleixo Leite Filho

CEIA DE NATAL / Maria Brígido

COCO: Sua importância na Cozinha do Nordeste / Mário Souto Maior

Medicina Popular / Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo

Culto Populares / Raul Lody

Campina Grande e o Maior São João do Mundo / Maria Conceição Soares Leite

O Diabo da Tradição Cultural... / Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima

Ecologia do MITÓS / José Carlos Rossato

Dos Raizeiros Alagoanos as Mezinhas de Casa de Macau / Ana Maria Amaro

Cantigas Amigas na Tradição de Algarves / Maria Alieta das Dores Galhoz

O Imigrante Italiano. . . / Doralécio Soares

Farto noticiário de 1986-87 e 88, organizado e comentado por nosso Diretor, complementam esta edição.

O Secretário

ÍNDICE

EDITORIAL / *Doralécio Soares* / 7

Estatutos da Comissão Catarinense de Folclore / 9

Biblioteca da Cultura Popular / *Doralécio Soares* / 15

Culto ao Divino Espírito Santo / *Doralécio Soares* / 20

Festa do Divino Espírito Santo / *Lélia Ferreira da Silva Nunes* / 22

Sobre a Pombinha Açoriana / *Nereu do Vale Pereira* / 34

Arte-Artesanato — Arte Popular — Artesanato Folclórico / *Doralécio Soares* / 41

Deputado Federal fala sobre Folclore / *Pedro Ivo Campos* / 45

Lei n.º 4.287 de 27 de abril de 1969, Institui o Dia do Folclore em Santa Catarina / 47

Por que somos “Barriga-Verde” / *Doralécio Soares* / 48

Cultura Popular Catarinense, (Falares) / *Flávio José Cardozo* / 50

Pesca com Tarrafa é Herança de Portugal / 53

Modinha do Jogo do Bicho — Casamento da Onça / *Isaque de Borba Corrêa* / 54

Grupo Folclórico Silberfluss / *Silvia Maria Günther* / 56

O Misterioso Número Três / *Flávio José Cardozo* / 58

Bruxas Açorianas num Teatro do Sul do Brasil / *João Lupi* / 60

Aconteceu na Ilha de Santa Catarina / 63

Instituto Lageano de Tradição e Folclore — ILTF / 64

Promoção do Folclore na Escola / *Sônia Copp da Costa* / 66

Morro do Guiné — Bairro Mirim / *Jane Pereira* / 70

Colégio Estadual “São Miguel” / *Ivone Pelegrini Aléssio* / 71

Promoção do Folclore na Escola — “Festa do Vinho — URUSSANGA” / *Ana Maria Mariot Vieira* / 72

NOTICIÁRIO: Movimento Cultural Catarinense — Ano 86: Florianópolis — Caçador — Urussanga / 80

“Festa do Vinho — Marejada — Fenarrecó” / 82

Academia Italiana quer acervo de Seixas Netto / 86

Notícias Culturais dos Estado — 86 — “Contos do Folclore Fluminense — Rodolfo Cavalcanti” / 88

Grupo Folclórico de Danças Tirolesas / 91

NOTICIÁRIO Cultural de Santa Catarina — 1987 — 89 — *Associação*

Profissional de Escritores — Cerâmica Portobello — Ervin Curt Teichmann

— *Temas de Linguagem e Folclore* / *Florival Seraine. Academia Santamarense de Letras* / 82

NOTICIÁRIO Cultural de Santa Catarina 1988 / Charles Edgar Moritz —
200 anos do Hospital de Caridade — Museu de Arte — Casa da Alfandega
— Exposição de Maria Celeste / 103
Luís da Câmara Cascudo / Theobaldo Costa Jamundá / 109
Associação dos Artistas Plásticos Primitivistas / Janga / 111
La Sagra des Beppi / Rodeio / 112
Visita do Divino / Willy Zumblik / 113
Florianópolis: Edital de Estímulo à Produção Cultural / 114
Notícias de "VICENTE SÓ" n.º 1 / 115
A Propósito de PERNAMBUCO / Ferraro de Carvalho / 117
Caboclo do Contestado / Lúcia Dagostin Sprigio / 118
Colégio Estadual "Centro Educacional Vidal Ramos Jr." / 119
NOTICIÁRIO Cultural do Estados / 1988 — Belém do Pará — Rio de Janeiro
— S. Vicente — Recife / 120
Festa do Folclore — "Joana Caraju" / Ramilson França de Souza / 121
SUÉCIA — Gotemburgo — 122 "Menino Poeta" / Nelson Fachinelli / 122
Olimpia / Anuário do Folclore / 124
COFI — Correio Filatélico — Guarujá, SP. Revista do Folclore — Recife:
Natal Sempre Natal / 125
Velha Rua Direita — Férias no Campo — Bibliografia de Jequitinhonha / 126
Folclore de Olimpia / Laura Dela Monica — Exposição Sobre Banda Centenária
— Ciclo Junino em Pernambuco — Folclore Teoria e Método — CONGADO
"Família de Sete Irmãos / Saul Martins / 127
Caruaru PE — Visita ao Poeta Christovam — Prof. Aleixo Leite Filho / 131
Rendas da Bélgica / Dr. Rogério Queiroz / 131
CEIA DE NATAL / Maria Brígido / 136
COCO: sua importância na Cozinha Nordestina / Mário Souto Maior / 138
Medicina Popular / Maria Thereza Lemos Arruda Camargo / 140
Cultos Populares / Raul Lody / 142
Campina Grande e o Maior São João do Mundo / Maria Conceição Soares
Leite / 143
O Diabo da Tradição Cultural Judaico — Cristã e Suas Comparsas as Bruxas
/ Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima / 145
Ecologia dos Mitos / José Carlos Rossato / 158
Dos Raizeiros Alagoanos às Mezinhas de Casa de Macau / Ana Maria
Amaro / 162
Cantigas Amigas na Tradição de Algarves: Gêneros, Estruturas. Linguagem
/ Maria Alieta das Dores Galhoz / 170
O Imigrante Italiano, Seus Costumes, Sua Música, Seu Folclore / Doralécio
Soares / 175.

EDITORIAL

Nesses três anos que este Boletim deixou de circular, voltamos agora em 89, com os números correspondentes a 86, 87 e 88, deixando propriamente os assuntos relacionados ao ano incurso de 89, para tratarmos no decorrer de 90.

Entretanto, nesse período de ausência da publicação do Boletim, a Comissão Catarinense de Folclore se manteve atuante, pois além do lançamento de três cadernos da Biblioteca da Cultura Popular, com as pesquisas do "Jogo da Mora" — "Jogo de Bocha" e a "Schützenverein", cujo destaque damos na seqüência de nossas páginas. Editamos ainda o livro "Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina", também noticiado nesta edição.

Bem sabemos das dificuldades encontradas pelo novo governo para pôr em ordem as finanças do Estado. Mesmo assim com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, fomos atendidos com edições acima citadas.

Sendo o nosso Boletim uma obra com um volume superior a 150 páginas, nos foi possível esta edição, graças ao patrocínio do Governo do Estado através da sua Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, cuja titular é a Professora Zuleika Mussi Lenzi, a quem externamos o nosso agradecimento.

NOVO ESTATUTO

Graças a participação de alguns membros da nossa Comissão, entre os quais destacamos: Paschoal Apóstolo Pítsica, Victor Antonio Peluso Junior e Nerêu do Vale Pereira, nos foi possível finalmente concluir o novo Estatuto da Comissão Catarinense de Folclore, e assim regularizar uma situação de há muito existente, perante os órgãos públicos do Estado e da Receita Federal, com o registro no Cartório de Pessoas Jurídicas e a expedição do CGC competente.

Sanadas essas irregularidades, estamos ultimando processo para que a nossa Comissão, cuja fundação data de 1948, possa ser considerada de "Utilidade Pública", perante os governos do Estado e Municípios.

NOVA SEDE

Continua o processo judicial, para desocupação do prédio nº 15 da Praça XV de Novembro, adquirido pelo Governo do Estado à Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, em 1985, e cedido à Comissão Catarinense de Folclore no Governo do Sr. Esperidião Amin Helou Filho, cessão ratificada pelo atual Governador Pedro Ivo Figueiredo de Campos.

O prédio de arquitetura portuguesa do século XVIII, situado bem no centro da Praça XV, juntamente com um conglomerado de prédios ali existentes, destina-se à instalação da sede da Comissão Catarinense de Folclore. O primeiro andar, será ocupado pela administração, biblioteca e o museu de folclore, na parte térrea será instalado condignamente, o Museu de Rendas da Ilha.

O prédio está ocupado por moradores permanentes, de mais de 20 anos, que exigiram do governo um ressarcimento na ordem de Cz\$ 450.000,00 (Quatrocentos e cinquenta mil cruzados), isto em 86, para desocupá-lo. Alegaram direitos adquiridos pela conservação do prédio.

Diante do exposto, o então Governador Amin, instrui-o a Procuradoria do Estado para proceder a ação judicial de despejo, renovada pelo governo atual, que deseja ver concretizado o projeto da Comissão Catarinense de Folclore, com a instalação dos Museus de Folclore e de Rendas da Ilha.

Resta a Comissão de Folclore esperar, até quando teremos os sonhados museus, num local ideal para a sua efetivação.

ESTATUTOS

Comissão Catarinense de Folclore

A Comissão Catarinense de Folclore, integrada ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — IBECC, órgão da UNESCO, e filiada à Comissão Nacional de Folclore, com sede à Avenida Marechal Floriano, 196 — Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, por seus membros reunidos em sessão extraordinária na Biblioteca da Comissão, sito na Alameda Adolfo Konder s/nº, às 16 horas do dia 16 de janeiro de 1988, em Florianópolis: RESOLVE aprovar o novo Estatuto da Comissão, abaixo transcrito.

Estatuto da Comissão Catarinense de Folclore

TÍTULO I DA CONSTITUIÇÃO E FINS

Art. 1º — É constituída, na cidade de Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, com sede e foro nesta Capital, uma sociedade civil, sem fins lucrativos, de caráter científico e cultural, denominada COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, a 2 de janeiro de 1970, de duração ilimitada.

Como Subcomissão de Folclore, foi instalada a 7 de outubro de 1948, sendo a sua diretoria: Osvaldo Rodrigues Cabral, Secretário-geral e Subsecretário Almiro Caldeira de Andrade.

Art. 2º — A COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, tem por objetivo incentivar e coordenar pesquisas, estudos, promoção, defesa e divulgação do folclore no âmbito do Estado de Santa Catarina.

Art. 3º — A COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, para cumprir essas finalidades promoverá:

- a) pesquisas sobre o folclore de Santa Catarina;
- b) publicação e divulgação de trabalhos;
- c) promoção para aproveitamento do folclore na escola;
- d) articulará medidas para proteção do artesanato folclórico, arte popular e outros afins dessas manifestações;
- e) manterá intercâmbio com as demais comissões ou sociedades congêneres;
- f) dará apoio a exposição, feiras, palestras, cursos, seminários, comemorações e solenidades relativas ao folclore;

- g) a defesa do patrimônio folclórico existente no Estado de Santa Catarina;
- h) manterá a publicação: "Boletim da Comissão Catarinense de Folclore;
- i) atendimento a solicitações informativas sobre o folclore catarinense, e, dentro dos limites, o nacional.

TÍTULO II DOS SÓCIOS

CAPÍTULO I DOS SÓCIOS E SUA ADMISSÃO

Art. 4º — O quadro de sócios da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, selecionado entre autores de trabalhos sobre folclore e pessoas interessadas em qualquer de suas diversas manifestações, compor-se-á de: fundadores, efetivos, correspondentes, honorários e colaboradores.

Parágrafo único — Os sócios constantes desse artigo não responderão, subsidiariamente, pelas obrigações da Comissão Catarinense de Folclore.

Art. 5º — A admissão de sócios dar-se-á em sessão ordinária.

Parágrafo único — A cada sócio admitido será expedido diploma assinado pelo Presidente e Secretário.

SEÇÃO I DOS SÓCIOS FUNDADORES

Art. 6º — São considerados sócios fundadores e sócios efetivos os que assinam o presente Estatuto, e todos que integravam a Subcomissão em 1949.

SEÇÃO II DOS SÓCIOS EFETIVOS

Art. 7º — A indicação para sócio efetivo deverá ser apresentada por outro sócio, por escrito e fundamentada no Art. 4º, e submetida a votação em sessão ordinária.

SEÇÃO III DOS SÓCIOS HONORÁRIOS

Art. 8º — Será admitido como sócio honorário a pessoa de excepcional merecimento, que se salientar por seu saber; por ação em prol do desenvolvimento cultural ou ainda, aquele que contribuir expressivamente para o prestígio da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.

SEÇÃO IV DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

Art. 9º — A categoria de sócio correspondente é destinada a pessoas que preencherem as condições do art. 4º, com residência fora do município da Capital ou do Estado de Santa Catarina.

CAPÍTULO II DOS DIREITOS E DEVERES DOS SÓCIOS

Art. 10 — São direitos dos sócios:

- a) participar de todas as programações da Comissão;
- b) discutir, votar, eleger e ser eleito para qualquer cargo da Comissão;
- c) apresentar trabalhos relacionados a cultura popular e folclórica;
- d) ter preferência na publicação de trabalhos no Boletim;
- e) declarar em suas obras que pertence à Comissão Catarinense de Folclore.

Art. 11 — São deveres dos sócios:

- a) cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto;
- b) pagar as contribuições porventura fixadas;
- c) aceitar os encargos que lhes competirem ou que lhes forem atribuídos;
- d) comparecer às sessões da Comissão;
- e) dedicar-se com empenho aos fins da instituição.

TÍTULO III DO FUNCIONAMENTO DA COMISSÃO

CAPÍTULO III DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 12 — Os negócios da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE serão resolvidos:

- a) pelo Presidente;
- b) pela Diretoria;
- c) pelo Conselho Fiscal;
- d) pela Assembléia-Geral.

SEÇÃO I DA DIRETORIA DO PRESIDENTE E DEMAIS MEMBROS DA DIRETORIA

Art. 13 — Ao presidente compete representar a Comissão em juízo e fora dele; convocar e presidir assembléias, sessões e reuniões; assinar os diplomas de admissão de sócios, inclusive dos fundadores, conforme o constante do Art. 4º; designar a direção do Boletim e desempenhar todas as demais atribuições inerentes ao cargo.

Art. 14 — Ao vice-presidente compete substituir o presidente, desempenhando suas funções e encargos;

Art. 15 — Ao secretário, na qualidade de superintendente de todos os serviços da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, compete a lavratura e leitura das atas, bem como manter em ordem e funcionamento os serviços da secretaria.

Art. 16 — Ao tesoureiro compete arrecadar e zelar pelos fundos da instituição, movimentando, com o presidente, as contas bancárias, elaborar balancetes e prestar contas.

SEÇÃO II

Art. 17 — A diretoria, cujo mandato será de dois anos, é eleita simultaneamente com o conselho fiscal, no final do mês de junho dos anos ímpares e compor-se-á de 4 membros a saber: presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro.

a) Todos os membros da diretoria exercerão seus mandatos sem remuneração ou vantagens.

Parágrafo único — A diretoria poderá constituir subcomissões, fixando a pauta, número de membros e tempo de duração que entender necessários.

Art. 18 — Não é vedada a reeleição. No caso de substituição eventual e nos impedimentos temporários, obedecer-se-á a ordem de preferência do Art. 17 para acumulação.

Parágrafo único — Os cargos que vagarem durante o biênio serão preenchidos:

a) o do presidente, pelo vice-presidente;

b) os membros remanescentes da diretoria e do conselho elegerão os ocupantes dos demais cargos vagos.

SEÇÃO III DO CONSELHO FISCAL

Art. 19 — Incumbe ao conselho fiscal, composto de 3 membros, opinar sobre a prestação de contas da diretoria e manifestar-se sempre que assim o exigir a diretoria da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.

Parágrafo único — O conselho será sempre presidido pelo sócio mais idoso.

SEÇÃO IV DA ASSEMBLÉIA-GERAL

Art. 20 — A Assembléia-geral é o órgão máximo de deliberação e será sempre convocada a cada dois anos, para eleger a diretoria e o conselho fiscal, por escrutínio secreto, caso não se delibere em contrário. Não comparecendo a maioria absoluta dos sócios fundadores e efetivos, considera-se convocada, automaticamente, para se deliberar com os sócios presentes, 15 minutos após. A posse terá lugar na sessão em que foram eleitos.

Parágrafo único — A Assembléia-geral Extraordinária poderá ser convocada pelo presidente, pela diretoria, pelo conselho fiscal ou por 10 associados e obedecerá à ordem do dia que a convocou.

CAPÍTULO IV DAS SESSÕES DA COMISSÃO

Art. 21 — As sessões da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE serão ordinárias, extraordinárias ou solenes, deliberando-se com a presença da maioria dos membros da diretoria, do conselho e dos sócios presentes.

TÍTULO IV DOS FUNDOS SOCIAIS

Art. 22 — Os fundos da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE serão constituídos:

- a) das anuidades dos sócios, quando estabelecidas;
- b) da venda dos Boletins e demais obras avulsas;
- c) dos subsídios concedidos pelos Poderes Públicos;
- d) dos rendimentos do patrimônio;
- e) de doações de pessoas físicas ou jurídicas amparadas por incentivos fiscais, ou pela Lei Federal nº 7.505, de 02/07/86;
- f) rendas eventuais.

Parágrafo único — Constitui o Patrimônio da COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE, além dos atribuídos no presente artigo, os móveis, utensílios e objetos existentes em sua sede, constante de livros e estantes de aço que compõem a sua biblioteca, devidamente cadastrada, além das peças do acervo do museu, relacionadas e escrituradas em livro próprio.

TÍTULO V DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 23 — A fim de incentivar a pesquisa de campo do folclore catarinense, a COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE cria o prêmio “FOLCLORISTA CATARINENSE”.

Parágrafo único — O Prêmio “Folclorista Catarinense”, homenageará anualmente, a pessoa que, mesmo falecida, tenha contribuído para o folclore do Estado de Santa Catarina, quer na área de pesquisa, estudos ou divulgação.

Art. 24 — A COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE terá bandeira e símbolo próprio.

a) a bandeira e o símbolo de que trata o presente artigo será matéria para estudo e prévia aprovação entre os seus membros.

Art. 25 — O presente Estatuto somente poderá ser reformado pela Assembléia-geral convocada especialmente para este fim.

Art. 26 — A COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE só poderá ser extinta por decisão da maioria absoluta dos sócios fundadores e efetivos, em Assembléia-geral convocada especialmente para este fim.

Parágrafo único — Liquidadas as suas obrigações, a Assembléia-geral destinará seus bens a entidades que por lei ou estatutos mais assemelhados forem seus fins com os da instituição.

Art. 27 — Os casos omissos neste Estatuto serão decididos pela Diretoria, “ad referendum” da Assembléia-geral, observada a praxe consuetudinária.

Art. 28 — Este Estatuto entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 29 — A primeira diretoria e o conselho fiscal fica constituída:

Presidente: Doralécio Soares — CEP 002 670 589-34

Vice-Presidente: Victor Antonio Peluso Junior — CEP 002 276 339-20

Secretária: Myriam Conceição Beltrão Ferraro de Carvalho — CEP 091 178 147-15

Tesoureira: Cléa Mendes de Brito — CEP 006 658 009-91

Conselho Fiscal:

Nereu do Vale Pereira — CPF 007 872 729-49

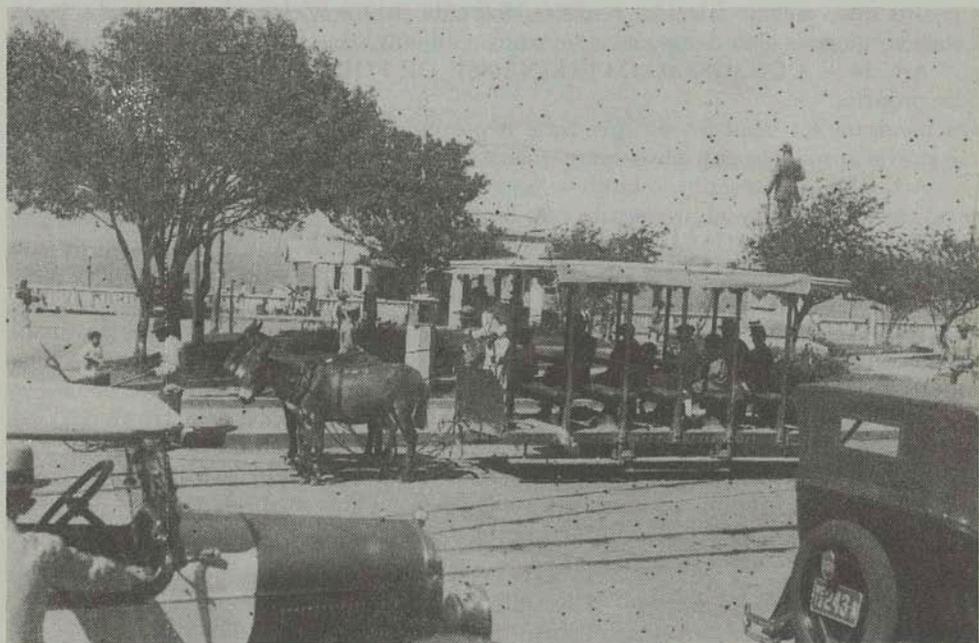
Walter Fernando Piazza — CPF 001 834 669-34

Oswaldo Ferreira de Melo — CPF 002 265 219-15

Sócios Fundadores:

São sócios fundadores, além dos da diretoria atual, mais os seguintes:

Theobaldo Costa Jamundá, Maria do Carmo Pinto, Carlos Alberto Angioletti Vieira, Maria Therezinha Sobiersjski Barreto, Roberto Kel, Lélia Pereira da Silva Nunes, Sônia Maria Copp da Costa, Oswaldo Ferraro de Carvalho, Theófilo Matos, além dos que assinaram a ata de instalação da subcomissão a 7 de outubro de 1948, constante da ata dos trabalhos, bem como todos os membros da subcomissão de Folclore relacionados na publicação do Boletim nº 1, em setembro de 1949.



“Bondinho de Burros” — Florianópolis pelos anos de 1932, vendo-se também os carros de praça da época, e ao fundo a estátua de “Dias Velho” e parte do antigo Miramar.

Biblioteca da Cultura Popular Catarinense

Doralécio Soares

O objetivo da Comissão Catarinense de Folclore, com o lançamento dos “Cadernos da Biblioteca da Cultura Popular Catarinense”, é reunir em cadernos, aspectos da cultura popular, tão rica em Santa Catarina.

O Folclore Catarinense existe no mais diversificado sentido, coberto pelas várias culturas étnicas que formam a população do Estado.

Aborígine — Integrado à nossa cultura popular, o folclore aborígine permanece na sua tradição, representado pelos apetrechos e costumes vividos nos seus núcleos existentes em nosso Estado. A cerâmica e trançados por aculturação foram absorvidos pelo nosso artesanato, que mantendo a tradição a eles se dedicam como utilidades domésticas e figurativas.

A absorção dos seus hábitos acumulados a milênios, nos transmitiu o amor à natureza, às suas lendas, às nossas águas e serras, às árvores, flores, frutos, animais e pássaros. Graças aos primitivos donos da terra em que vivemos, somos um povo pacífico e amante da natureza.

AFRO-BRASILEIRO — As manifestações da cultura popular afro-brasileira, são registradas nas danças e cultos do sincretismo religioso, nos terreiros de umbandas e candomblés, nas superstições, nas credices, na alimentação, e em outros aspectos já integrados aos nossos costumes. Nas danças temos a presença de grupos de cacumbis, e outras culturas, que miscigenadas, integraram-se ao padrão de nossa formação étnica.

LUSO-BRASILEIRO — Nas danças, nos folguedos, na pesca, no artesanato das rendas de bilros, nos teares manuais, e outras manifestações, continua a herança açoriana, manifestada ainda na lavoura de mandioca com seus engenhos de farinha, alguns ainda movidos a tração animal com todos os apetrechos tradicionais, permanecendo em atividades não somente em Florianópolis, como na Laguna. São Francisco e vários outros municípios da zona litorânea.

Nas Danças e Folguedos, registramos no município da Capital, pau-de-fita e dança dos arcos floridos, tipicamente de influência lusa. Bandeiras e Festas do Divino Espírito Santo, Terno de Reis, Terno de Santo Amaro, Terno de São Sebastião, notadamente nos municípios de São José, Palhoça, Laguna e São Francisco do Sul. Constam ainda do registro, o grupo do fandango português “Os Tangarás” em Joinville e Dança do “Vilão” em São Francisco do Sul. Destacamos o folguedo do boi-de-mamão, não somente em Florianópolis, bem como em vários municípios do litoral, inclusive na zona de colonização alemã e italiana, onde vamos encontrá-lo em Jaraguá do Sul. Ainda de influência lusa, temos a dança de São Gonçalo, boi da vara e farra do boi.

CTG — Centro de Tradições Gaúchas

A participação dos gaúchos do vizinho Estado do Rio Grande do Sul, nas lides de trato ao gado, nas fazendas e estâncias catarinenses, têm por aculturação transferido aos que habitam a região campeira toda a sua cultura popular. A absorvência dessa cultura pelos catarinenses da zona serrana por longos anos, tem se projetado através dos inúmeros CTGs existentes no Estado. É importante assinalar que essa cultura desceu a serra e vem se fixando também no litoral, onde registramos a existência de vários Centros de Tradições Gaúchas.

Os rodeios crioulos, realizados por esses CTGs, transformam-se em festas regionalistas de grande amplitude, principalmente quando são de natureza interestadual e mesmo intermunicipais, destacando-se nos “fandangos” as suas danças típicas, com os chotes, chulas e poesias regionais.

Manifestações da Cultura ÍTALO-TEUTO-BRASILEIRA

Nas zonas de colonização alemã e italiana e outros povos oriundos de outras partes da Europa, encontramos o folclore ligado à cultura desses povos, cujos registros assinalamos: Grupo Folclórico “Alpino Germânico” de Testo Salto de Pomerode e “Pomeranos” de Blumenau. “Silberfluss” em Joinville, “Böhnerwald”, em São Bento do Sul, Grupo de Danças “Tirolesa” em Treze Tílias, “GIBRAC — Grupo Ítalo-Brasileiro de Arte e Cultura de Rodeio. Em outros municípios anotamos os grupos: “Venezianos” em Nova Veneza, Grupo Folclórico “Gigante da Colina”, em Rio Negrinho, além de outros em Armazém, Lauro Müller, Treze de Maio, Criciúma, Urussanga e outros no Oeste catarinense.

Merece registro especial, Criciúma, com suas “Associações Étnicas de Tradição e Cultura”, cujos grupos folclóricos representados pelas etnias, italiana, polonesa, alemã, negra e portuguesa, que se confraternizam, realizando naquele município, uma vez por outra, encontros de grande significação cultural.

Biblioteca da Cultura Popular Catarinense: Caderno n.º 1

Conforme iniciamos este comentário, a Comissão Catarinense de Folclore procurando suprir a falta do seu Boletim, pelos motivos óbvios, comentados no editorial deste número, criou a Biblioteca da Cultura Popular Catarinense, com a edição de cadernos que reunissem trabalhos específicos de pesquisas relacionadas à cultura popular. E assim editamos o Caderno n.º 1 — JOGO DA MORA — “alla mora”, da Cultura Popular Italiana.

A imigração italiana, como as demais, legou a Santa Catarina, vários aspectos da sua cultura popular. Entre esses focalizamos no Caderno n.º 1 o Jogo da Mora. Realizamos um trabalho de pesquisa, que também contou com a colaboração de vários afeicionados da brincadeira ou “esporte”, em torneios realizados em vários pontos do Estado Catarinenses.

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Biblioteca da Cultura Popular Catarinense

CADERNO 1

Doralecio Soares



Ilustração: Doralecio Soares

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
Biblioteca da Cultura Popular Catarinense

1988 - Florianópolis - Santa Catarina

CADERNO 2
Doralecio Soares

JOGO DE BOCHA



COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
BIBLIOTECA DA CULTURA POPULAR CATARINENSE



SCHÜTZENVEREIN Sociedade de Atiradores

Cultura Popular Teuto-Brasileira

CADERNO N.º 3

DORALÉCIO SOARES



Rendas e Rendeiras, é um trabalho de pesquisa que reúne os mais variados tipos de rendas executadas pelas rendeiras da Ilha de Santa Catarina.

Além de focalizarmos os aspectos que envolvem a vida dessas artesãs, falamos de todos os apetrechos usados por nossas rendeiras, entre os quais destacamos: piques, bilros, almofadas, linhas, etc., além de sua parte histórica relacionada à origem e sua entrada no Brasil.

É um tipo de trabalho classificado como “artesanato folclórico”, por pertencer a uma corporação de artesãos, num trabalho de tradição, com a transmissão de mães a filhas, quando ainda bem jovens.

É uma arte popular que vem se mantendo através dos anos, perpetuada por três séculos de existência, vinda com as famílias açorianas para a Ilha de Santa Catarina nos anos de 1745 e 1748.

Não é um trabalho considerado lucrativo, entretanto, os afazeres e quefazeres domésticos permitem a artesã continuar esse labor diário, cuja renda obtida representa um pouco na economia do lar.

CADERNO Nº 2 — JOGO DE BOCHA

O Jogo de Bocha, reúne uma pesquisa com aspectos dos principais lances do jogo, com texto descritivo obedecendo o estabelecido pela Federação Catarinense de Bocha.

São apresentadas “Canchas” internas de algumas casas comerciais e bares de beira de estrada, de Joinville, Taió, Blumenau e Catanduvas.

Bocha de Campo (ou grama): Também focalizamos aspectos da Bocha de Campo, realizada no município de Morro da Fumaça, no Sul do Estado.

Procurando valorizar a pesquisa, são apresentadas fotos captadas na cidade de Barcelona, na Espanha, onde a Bocha tem o nome de Petanca. Foram fotos colhidas em jogo realizado nos passeios entre os canteiros do Jardim da Praça da igreja de Nossa Senhora de Fátima, isto em 1984.

CADERNO nº 3 — SCHÜTZENWREIN” — Sociedade de Atiradores

No Caderno nº 3, focalizamos a “Schützenwrein”, num trabalho de pesquisa bibliográfica e de campo, realizada na Sociedade Desportiva “VASTO VERDE” de Blumenau.

Num caderno de 48 páginas, apresentamos vários aspectos de desfiles públicos das Sociedades Desportivas e de Atiradores, nas ruas principais das cidades de Blumenau, Pomerode, Brusque e Jaraguá do Sul. Em Joinville destacamos uma exposição “Documentário de uma Tradição” no Museu de Arte daquele município, onde foram expostos, troféus, coletes engalanados, braçõs, e bandeiras das sociedades ali existentes.

Bandinhas Típicas: Complementando aspectos culturais do Vale do Itajaí, está na pauta de publicações desta Comissão, um Caderno alusivo às “Bandinhas Típicas” da região.

Culto ao Divino Espírito Santo

Doralécio Soares

Abrimos espaço nesta edição para a publicação de dois importantes trabalhos, relacionados ao "Culto" do Divino Espírito Santo, de autoria dos professores, Lélia Pereira da Silva Nunes e Nereu do Vale Pereira, ilustrados com fotos de uma solenidade completa, realizada em Santo Antônio de Lisboa, um dos distritos da Ilha de Santa Catarina, em 1987. (fotos de Doralécio Soares).

Anualmente são realizadas festas do Divino em várias comunidades de Santa Catarina, onde o Espírito Santo é padroeiro, ou mesmo venerado. Algumas são pomposas, outras mais modestas, que procuram manter o máximo de autenticidade. Todas, entretanto, primam no rigor que imprimem ao ato litúrgico, onde alguns celebrantes se destacam na mensagem transmitida aos fiéis.

Na ilha de Santa Catarina, onde predomina os efeitos da Colonização Açoriana, antecediam às festas, as "romarias" da Bandeira do Divino, cuja finalidade era e ainda é, o recolhimento de "esmolas, óbulos, espórtulas", cuja renda recolhida, destinavam-se (e ainda destinam-se) a auxiliar as despesas com a festa, conforme destaca a professora Lélia no seu trabalho.

Antigamente se revestia de certa cerimônia essa coleta, quando os irmãos das confrarias, portando as suas "opas" acompanhavam o grupo dos que conduziam a Bandeira, empunhada por uma moça, e outra a Coroa. Essa coleta entretanto, foi-se pouco a pouco simplificando-se, e nessa simplificação, poucos são os distritos de Florianópolis, ou mesmo de outros municípios que ainda dão-se à prática da Bandeira do Divino.

Culto às "Pombinhas" — Descritivamente nos mostra o Prof. Nereu do Vale Pereira em seu trabalho, que nos traz dos Açores, onde permaneceu por vários meses em 87, a importância representativa do "culto" às POMBINHAS, cuja tradição trazida para a ilha de Santa Catarina, vem sendo mantida até a época atual, conforme atesta explicitamente, o trabalho que classifico como uma complementação valiosa à pesquisa da professora Lélia.

Resta, a nós catarinenses ilhéus, ou de outras comunidades, onde são cultuadas essa tradição milinar, mantermo-nos "vigilantes", a fim de que o culto permaneça autêntico com honra e Glória ao Senhor DIVINO ESPÍRITO SANTO.



“Festa do Divino Espírito Santo”

RESCATE DE UMA TRADIÇÃO

Prof. Lélia Pereira da Silva Nunes (*)

O propósito de estudar a Festa do Divino Espírito Santo — sua incidência e manifestação no solo catarinense, bem como a preocupação com o resgate de uma tradição orientou este trabalho.

Como estratégia para o seu desenvolvimento, o trabalho compreende, fundamentalmente:

a) breve relato de suas origens e exame das características principais de sua celebração nos Açores;

b) apresenta-se a tradição da Festa do Divino em Santa Catarina, mapeando os municípios que ainda realizam os festejos do Espírito Santo.

Nesta parte, aponta-se algumas mudanças que se processaram ao longo dos anos. Deu-se especial atenção à celebração religiosa, a bandeira peditéria, o pagamento de promessas, as novenas, os festejos, as cantorias ou folias do Divino, os jogos populares e a corte do Imperador e Imperatriz.

O trabalho conclui, justificando a importância do estudo e do resgate de uma das manifestações mais significativas de nossa herança cultural, pelo caráter religioso que se reveste, como também pela popularidade de seus festejos plenamente incorporados nos costumes e nas tradições da gente catarinense.

1. ORIGENS: DOS AÇORES À SANTA CATARINA

Muitas são as versões sobre as origens das Festas do Divino Espírito Santo, uma das mais antigas, data do século XII com o aparecimento das “confrarias” do Divino Espírito Santo, em França e Alemanha. Na Alemanha teriam sido praticadas durante a “Dinastia dos Othons” como objetivo de uma organização que através da coleta de esmolas socorresse os mais necessitados. Como os invocantes eram reis, os festejos mantiveram as características peculiares de realeza.

Já nos Açores, onde a festa é um costume que abrange quase todo o arquipélago, acredita-se que teria inciado na Vila de Alenquer por um voto da Rainha Santa Izabel, casada com Dom Diniz, Rei de Portugal, no século XIII.

A partir de então, as festas começaram a ser realizadas e se propagaram desde

* Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.



A irmandade em cortejo vai à casa do império para conduzir o imperador e a imperatriz e os dignatários da corte às solenidades de coroação, vendo-se a igreja ao fundo.



O cortejo a caminho da igreja deixando a casa do império.



O cortejo do império, vendo-se no primeiro plano o provedor da irmandade, portando o cetro simbólico da provedoria.



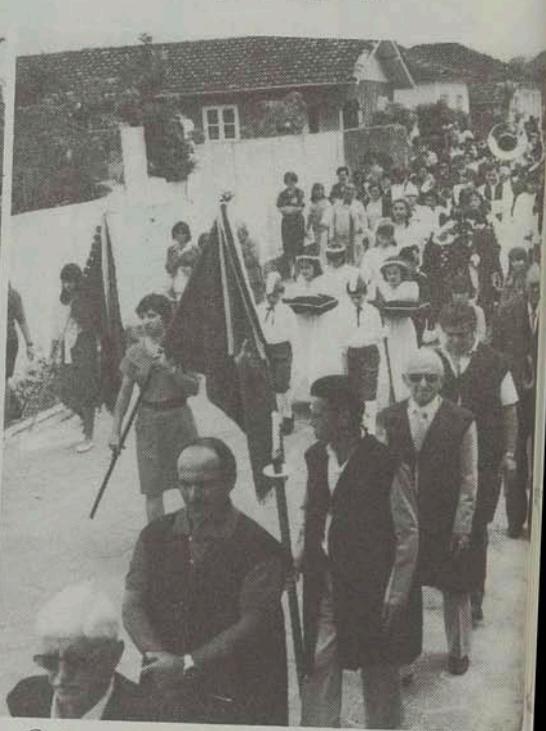
O cortejo a caminho da igreja com pagens, damas da corte, o príncipe e a princesa, componentes do império.



O príncipe e a princesa a caminho da igreja à frente do cortejo do império.



As bandeiras portadas pelas madrinhas, conduzem os imperadores e comitiva à igreja.



Outro aspecto do cortejo vendo-se as bandeiras e a irmandade.

os reis e nobres até as camadas populares, sempre revestidas por um intenso sentimento de religiosidade.

Do continente, trazidas pelos primitivos povoadores do arquipélago, as Festas do Divino Espírito Santo se enraizaram e formaram uma tradição nos Açores.

A primeira festa teria acontecido na ilha de Santa Maria com a construção de uma “ermida de invocação” — os Impérios Marienses. Há referência da presença do “Impeño dos Nobres” em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira em 1492. Enquanto na ilha de São Miguel, de acordo com os registros históricos, teria se iniciado por volta de 1522, época em que a ocorrência de um terremoto, destruiu a Vila Franca do Campo. A população abalada e fervorosa passa a cultuar o Divino Espírito Santo, colocando as “coroas dos nobres” sobre estrados enfeitados.

Conta a tradição que a “Coroa dos Nobres” ou “Coroa Real do Divino Espírito Santo” era uma coroa idêntica à coroa portuguesa cujo uso foi permitido aos nobres, por ocasião das festividades do Espírito Santo.

Segundo, Bettencourt Coelho, “os impérios”, pequena construção onde se guardavam a coroas e bandeiras, teriam surgido na ilha de São Miguel. Ali, os festejos começavam no domingo de Pascoela — “domingo de Pombinha” — até princípio de outubro.

“O domingo da Pombinha é uma tradição que se filia no aparecimento milagroso de uma pombinha na Igreja Matriz de São Miguel, quando se celebrava a primeira coroação em Ponta Delgada. A pombinha passou a encimar as coroas, e a ser bordada nas duas faces da bandeira”

(COELHO, 1974:14)

A presença de “impérios”, “irmandades do Divino” e os festejos enriquecem ainda hoje uma das mais belas tradições dos Açores — A Festa do Divino Espírito Santo.

A herança do povoamento açoriano (6.000 saídos do arquipélago, entre 1748 e 1756) em terras de Santa Catarina marcaram profundamente a cultura popular catarinense. Nesta herança sobressai de forma significativa, pela persistência e incidência em todo o litoral catarinense, a Festa do Divino Espírito Santo. Esta festividade também, entre nós catarinenses, se tornou uma tradição, revelando um ritual longo e pomposo, um misto de religioso e profano. No entanto, sofreu algumas alterações na sua forma e se manifesta principalmente na zona rural e suburbana dos municípios litorâneos.

2. FESTA DO DIVINO — ASPECTOS CARACTERÍSTICOS

2.1. NOS AÇORES

As festividades do Espírito Santo, nos Açores, ao longo dos anos, sofreram mudanças na forma de sua realização. Porém, ainda mantém bem viva a antiga tradição da organização em nome do Imperador Dom Diniz e da Imperatriz Isabel de Aragão.

Em todas as freguesias açorianas encontram-se os “impérios” e a respectiva “Irman-

dade do Divino” que se reúne anualmente no “Império” para escolher “os irmãos imperadores” conhecidos como “pelouros”. Os pelouros, que são em número de sete, são responsáveis pelos sete domingos do ano seguinte ou seja pela festa do próximo ano.

Após o sorteio dos “pelouros”, realiza-se uma procissão onde são levados a Coroa, Cetro, Salva e Bandeira com a pombinha bordada em ouro de um lado e em prata do outro, para casa do novo imperador que será coroado no domingo seguinte.

Na quinta-feira que precede o domingo da coroação, há um grande cortejo pelas ruas, onde são conduzidos bezerros enfeitados que serão abatidos e carros de bois, decorados com arcos floridos, que carregam pipas com vinho. Os bezerros e o vinho foram doados pela comunidade para os festejos. Durante todo o trajeto, “os foliões”, vão parando na casa de quem fez a oferta, tocando e cantando quadras em homenagem e agradecimento. As cantorias destes grupos de foliões são conhecidas popularmente como “folias do Divino”. Convém, aqui, destacar o papel dos foliões na festividade do Espírito Santo dos Açores. É ele que dá vida e animação aos festejos. Orienta tanto as cerimônias religiosas como as profanas. Seu número varia de ilha para ilha. Da mesma forma o vestuário e os instrumentos musicais. Usam balandrau ou opa vermelha e lenço, mitra ou chapéu. Portam instrumentos musicais como: pandeiro, tambor, viola, rabeça, testos e ferrinhos e trazem também uma bandeira vermelha do Espírito Santo (COELHO, 1974).

As festividades do Espírito Santo nos Açores culminam com a grande festa que acontece no domingo — “os bodos dos domingos do Espírito Santo”. Neste dia, se rezará o terço e acontecerá a coroação do novo imperador.

É uma festa muito bonita com muita folia e onde todos se divertem. Na ocasião, são distribuídos “alfenim” — confeitos de açúcar em forma de rosquinha ou pombinhas, pão doce feito de massa sovada e muito vinho, a todos que participam ou assistem aos festejos.

Aos pobres da comunidade são doadas esmolas em forma de pão e carne.

Há, ainda, nos domingos do Espírito Santo e da Santíssima Trindade a famosa “sopa do Espírito Santo”. Esta sopa é feita com pão endurecido e partido em pedaços, sobre os quais se coloca o caldo que foi preparado com muitos temperos e carne de boi bem cozida em alguidar de barro.

Estes são alguns aspectos característicos das festividades em louvor do Espírito Santo nos Açores, que embora apresente diferenças na sua celebração de ilha para ilha, constitui a festa tradicional máxima de todo o arquipélago.

2.2. EM SANTA CATARINA

A tradicional Festa do Divino Espírito Santo, legado da cultura açoriana do século XVIII e XIX, é celebrada principalmente na ilha de Santa Catarina e nos municípios da orla catarinense.

Embora, sofrendo constantes alterações e acréscimos, as Festas do Divino persistem ao tempo a assim mantêm-se preservada uma das mais belas manifestações da nossa cultura popular.

Organizada por diversas irmandades do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, os festejos começam após a quaresma com a saída da Bandeira do Divino.



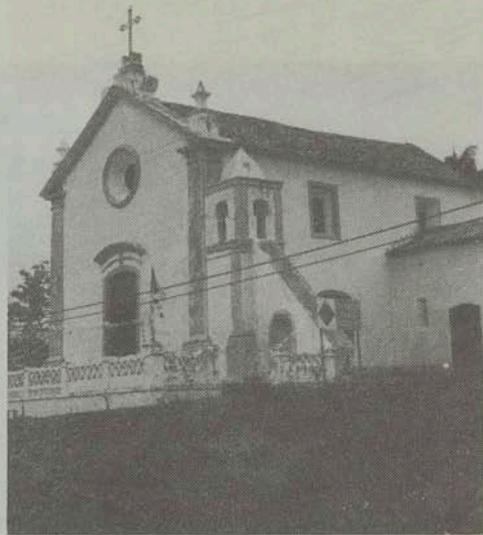
A Irmandade do Divino Espírito Santo numa solenidade noturna, cõnduz o cortejo à igreja.

O Sr. Altino Dealtino Cabral, provedor da irmandade conduzindo o bastão simbólico da provedoria.



A filarmônica comercial, executando músicas sacras, alusivas às solenidades no percurso entre a igreja e a casa do império.

*Igreja do Padroeiro
Santo Antonio de
Lisboa, construída
no ano 1750.*



*As novas madrinhas das
Bandeiras numa solenidade
na Igreja.*



*Solenidades no
interior da igreja.*

Trata-se de uma bandeira, toda vermelha, com uma pombinha branca bordada no seu pano. É sustentada por um mastro de dois metros aproximadamente, em cuja ponta figura uma pombinha branca, ornada de flores. Também da ponta caem fitas coloridas, geralmente doadas como pagamento de promessas. A Bandeira percorre as ruas, visitando todas as casas, coletando donativos para a grande festa. Tais donativos são em espécies, e por doações de prendas, galinhas, patos, porcos, etc. . . que possam ser utilizados ou rifados durante as festividades.

Tradicionalmente, acompanhava a Bandeira o grupo de foliões, composto de três a quatro músicas e cantadores e de uns poucos acompanhantes. A orquestra compreendia da rebeca, violão, cavaquinho, o tambor surdo, a gaita e as cantorias. Um outro elemento levava a Coroa que seria usada na festa.

Com o passar dos anos poucas são as comunidades que mantêm, ainda, este costume. Pouco a pouco foi desaparecendo. Alguns, apenas, portam a Bandeira, outros deixam se acompanhar por um tambor. No entanto, nas comunidades do Ribeirão da Ilha, Campeche e Santo Antônio de Lisboa (no interior da ilha de Santa Catarina) e nos municípios de Governador Celso Ramos, Tijucas, Enseada do Brito e Laguna ainda se encontram Bandeiras, com algumas expressão tradicional. Em geral, a Bandeira é acompanhada por membros da irmandade do Espírito Santo, trajados com "opa vermelha".

A Festa do Divino, que se realiza no município de Santo Amaro da Imperatriz é considerada a mais pomposa do Estado. No entanto, não possui mais os foliões, as cantorias e a Bandeira percorre o município de maneira silenciosa, sem música e sem foguetório.

Cabe, também, considerar aqueles municípios que não realizam mais a Festa do Divino mas cuja Bandeira continua saindo num exemplo de total descaracterização da tradição. É o caso do município de São Joaquim, no planalto serrano. Lá durante os meses de julho e agosto, a "Bandeira do Divino" percorre o município coletando donativos para a Festa de São Joaquim, padroeiro da cidade.

Em Santa Catarina, as Festas do Divino Espírito Santo ocorrem nos meses de maio, junho ou julho, de acordo com o calendário religioso. Com uma duração de três dias (sábado, domingo e segunda-feira) a festa é precedida por novenas e tríduos. No sábado, realiza-se o cortejo imperial com missa festiva em honra ao Espírito Santo. Em alguns municípios o Cortejo parte dos "impérios" ainda existentes. Todavia, em sua maioria, partem da casa do festeiro (casal imperador) ou da prefeitura local, como ocorre em Santo Amaro da Imperatriz, onde recebem a "chave da cidade".

Após a missa realizam-se apresentações folclóricas, folias do divino, bailes e queima de fogos de artifícios. No domingo acontece a festa propriamente dita, com a coroação da imperatriz e do imperador durante missa solene da irmandade do Espírito Santo. A seguir os imperadores e toda corte serão conduzidos para o "Império" ou "Teatro" ou local apropriado que represente os antigos "impérios e teatros" e receberão as homenagens da população. Ainda no domingo se procederá a escolha ou sorteio do casal imperador (festeiro maior) que coordenará as festividades do próximo ano. O casal proclamado tomará posse na 2ª feira. Desta maneira, encerra-se o "Ciclo do Divino Espírito Santo", de muitos meses de preparação, iniciado com o peditório e terminado ou, melhor dito, iniciado novamente com a eleição do casal imperador (SOARES, 1979).

Vista noturna da solenidade na igreja,
no momento da saudação do capelão
aos componentes do império,
vendo-se o imperador com a coroa
sagrada.

No pé do altar encontra-se o príncipe
e a princesa, ladeados pelas damas
e nobres da corte.



O ex-imperador
transmite a coroa ao
novo imperador.



O novo imperador presta
solenemente o juramento diante do
sacerdote e nobres da corte.



O novo imperador com a
coroa, símbolo do império.



Bandeiras: Símbolos das confrarias outrora existentes.

O cortejo do imperador, saindo da igreja, após uma das solenidades.



Os coroinhas acompanham o padre no cortejo noturno.

O pagamento de promessa com pão (de massa doce ou sovada) na forma da parte do corpo, que deu motivo à promessa é uma peculiaridade da Festa do Divino. Encontra-se pés, pernas, mãos, cabeças, braços, corações de massas, que são oferecidas ao Divino, em louvor à graça alcançada, durante os dias da Festa.

Ao lado dos festejos religiosos, durante os três dias, acontecem os folguedos populares com muita música, retretas, barraquinhas, fogos e folias. Daí, se reafirmar, que esta festividade se reveste de um ritual pomposo, misto de acontecimento religioso, profano e folclórico.

3. MAPEAMENTO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM SANTA CATARINA (*)

Ao concluir esta comunicação, cuja finalidade foi mostrar a incidência e manifestação de uma das mais tradicionais festas catarinenses, seja pelo seu caráter religioso ou pela popularidade de seus festejos, apresenta-se o Mapeamento da Festa do Divino Espírito Santo em Santa Catarina.

Este registro cartográfico foi possível, graças ao trabalho que está sendo desenvolvido pelo "Projeto Mapeamento da Cultura Popular do Estado de Santa Catarina", iniciado em 1983, pela Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC e Universidade Para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina — UDESC. Preocupados com o resgate e o registro das manifestações culturais de Santa Catarina, as duas universidades, num esforço conjunto se propuseram a realizar uma pesquisa que permitisse reunir aspectos da cultura popular catarinense; suas peculiaridades e especificidades regionais e através da documentação e registro elaborar um mapa cultural do Estado.

Iniciou-se uma investigação em todo o Estado através da coleta de *dados secundários*, informações e documentos levantados por entidades de diversas procedências e de *dados primários*, com a aplicação de cerca de 1.500 questionários enviados a todas as prefeituras e a uma amostra significativa da rede escolar. Até o presente, agosto de 1987, a equipe já conta com 475 questionários respondidos, procedentes de 192 municípios de um total de 199 que compreende a divisão administrativa do Estado.

Foi a partir dos dados levantados que tornou-se possível mapear a *Festa do Divino* e identificar 49 municípios que ainda realizam a tradicional festividade em Santa Catarina.

O mapa apresentado revela maior incidência da manifestação da Festa do Divino Espírito Santo nos municípios litorâneos, onde subsistem laços culturais evidentes, derivados de um povoamento comum e de modos de vida semelhantes, ligados ao trabalho do mar e agricultura de subsistência. Além disso, trata-se de uma área que recebeu a herança açoriana, da qual persistem até hoje uma série de traços característicos, não obstante as influências decorrentes de miscigenação com elementos autóctones e com imigrantes europeus em contatos posteriores, conforme também observou o Prof. Vitor M. Konder, em sua comunicação neste Seminário.

(*) Na pesquisa dos dados secundários e primários, para o registro cartográfico da Festa do Divino, contou-se com a eficiente colaboração da acadêmica Lorena de Fátima Prim do Curso de Psicologia/UFSC.

Este mapa é o resultado parcial de um trabalho de pesquisa. Todavia, revela a maior preocupação com o estudo, o resgate das nossas tradições e com a preservação da nossa memória cultural.



BIBLIOGRAFIA

1. CARNEIRO, E. Folgedos Tradicionais. Rio de Janeiro, FUNARTE/INF
2. COELHO, J. A. Os Açores. Coleção Educativa — série E, n.º 9 — Lisboa. Ministério da Educação e Cultura; 1974.
3. FIGUEIREDO, J. de. Impérios Marienses, Folclore Açoriano. C. de Oliveira Ltda. Ed. Lisboa. 1957.
4. MELO, O. F. Influência Cultural dos Açores em Santa Catarina, (palestra proferida no II Congresso de Comunidades Açorianas, realizado em Angra do Heroísmo, Açores) Florianópolis, C.E. Cultura. 1987.
5. PELUSO, V. A. Jr. et alii. Fundamentos da cultura catarinense. Rio de Janeiro, Laúdes, 1970.
6. PIAZZA, W. F. A epopéia Açoriana "1748/1756" — (palestra proferida no II Congresso de Comunidades Açorianas, realizada em Angra do Heroísmo, Açores), Florianópolis, Conselho Estadual de Cultura, 1987.
7. SILVEIRA DE SOUZA, S.R. Açorianos em Santa Catarina: povoamento e herança cultural. In: Cadernos de cultura catarinense, Florianópolis, F.C. Cultura, v.1, n.1, out./dez., 1984.
8. SOARES, Doralécio. Folclore brasileiro: Santa Catarina, Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, 1979.
9. Aspectos do folclore catarinense. Florianópolis, Ed. do Autor, 1970.
10. VALE PEREIRA, N. Festividade do Divino Espírito Santo. In: Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, 1983.

Sobre a Pombinha Açoriana

*Prof. Dr. Nereu do Vale Pereira LD UFSC/Membro da
Comissão Catarinense de Folclore*

"Pombinha açoriana" foi o designativo escolhido para identificar o acabamento (remate) trabalhado dos cantos extremos dos beirais dos telhados, construídos de telhas em gôiva, calha ou colonial portuguesa, quando estes são constituídos de quatro águas, também conhecidos por quatro "panos". O encontro inferior, em ângulos retos, dos panos dos telhados, recebem uma superposição de telhas sendo a última mais saliente e trabalhada ilustrando uma pomba pousada suavemente ou voando. Fica a pombinha repousando alegre e suavemente como guarnecendo os quatro cantos da casa, ornando-a e protegendo-a.

A foto de nº 1 a seguir, tomada em Fajã de Baixo, ilha de São Miguel nos Açores (uma casa açoriana) em outubro de 1988, mostra-nos, com clareza (nos dois cantos visíveis) a pombinha pousada.



Casa de Fajã de Baixo. Açores

Esta prática cultural centenária dos açorianos foi transferida para a Ilha de Santa Catarina, com a colonização de 1748, sendo aqui vivenciada com todas as figurações artísticas e míticas que o lendário popular criou.

Em uma tela de grande pintor patricio, nascido em Desterro, Victor Meirelles, estampada no foto nº 2, e produzida em 1851 representando a Rua João Pinto (Rua Augusta na época) pode-se perceber nas duas casas de esquina, no primeiro plano, o acabamento em “pombinhas açorianas” repousando em cada canto.



Tela de Victor Leal de Meirelles. Desterro — 1851

Casas construídas com telhas em quatro panos, de épocas coloniais, são, hoje, raramente encontradas. As casas urbanas já foram destruídas pelo progresso e a evolução da arquitetura e suas concepções artísticas, e as rurais por pertencerem a famílias mais modestas, eram quase sempre construídas com telhados de dois panos longitudinais. O primeiro fronteiroço era curto e íngreme, formando ângulo mais fechado, enquanto o segundo caía suavemente para os fundos da casa.

Nessas últimas, face a inexistência de encontro angular entre os “pannos”, a arte de construir a pombinha não poderia ser exercitada.

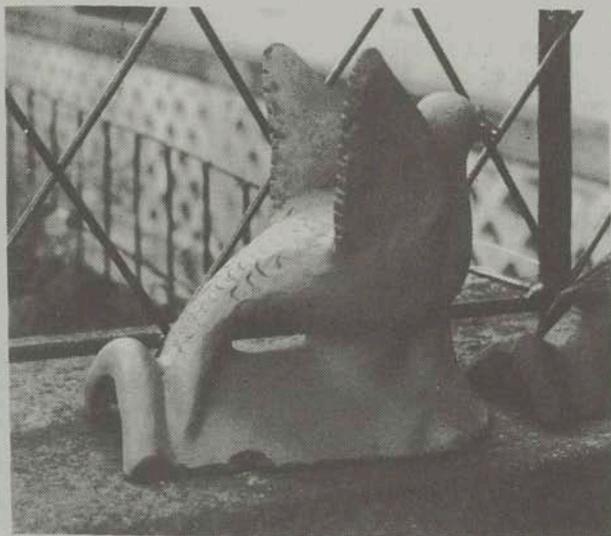
Luiz Fernando Leite de Ataíde, pesquisador açoriano, em *ETNOGRAFIA* (1), Volume I, p. 29 e seguintes escreve “Nas construções rústicas antigas descobrem-se outros sinais dignos de menção.

A cruz grega vê-se gravada ainda em algumas pedras de proteção aos cantos de velhas casas e o remate dos ângulos de telhado em forma de pomba voando é um adorno comum em certas regiões da ilha.”

Esse ornamento também encontrei na ilha da Madeira e não só em São Miguel, Terceira Graciosa e Faial.

A “pombinha” apresenta-se, na maioria dos casos, grosseiramente recortada e às vezes pouco definida. Tudo dependia da habilidade do pedreiro.

Nos poucos casos de acabamentos primorosos se somam aqueles em que a telha final com a pombinha é esculpida na própria olaria. É o que nos mostra a foto de n.º 3 e que foi tomada em loja de artesanato na ilha da Madeira. Estava colocada a venda como “pombinha da sorte” e proteção das casas.



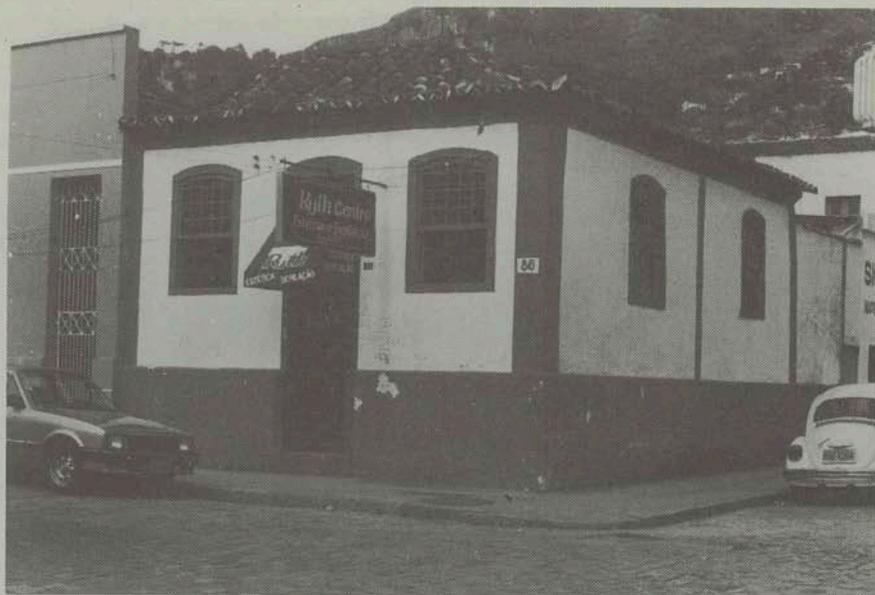
Telhas com “pombinhas açorianas”

Encontrei muitas casas na ilha da Madeira com esse ornato. No arquipélago dos Açores só os encontrei em apenas uma casa na cidade da Horta, ilha do Faial.

No quotidiano da arquitetura residencial da Ilha de Santa Catarina a “pombinha açoriana” é encontrada até o advento da “Art Nouveau”, início do século XX, e desaparece totalmente do visual urbano com a chegada dos edifícios de apartamentos — maciços de concreto e aço — e das casas funcionais e modernas.

O avanço da modernidade aplaudiu a derrubada das casas coloniais e sua arquitetura, e lá se foram voando para sempre, da cidade, as “pombinhas açorianas”. Não encontrei exemplos dessas pombinhas em outras povoações brasileiras de colonização portuguesa ou mesmo açoriana como no Rio Grande do Sul.

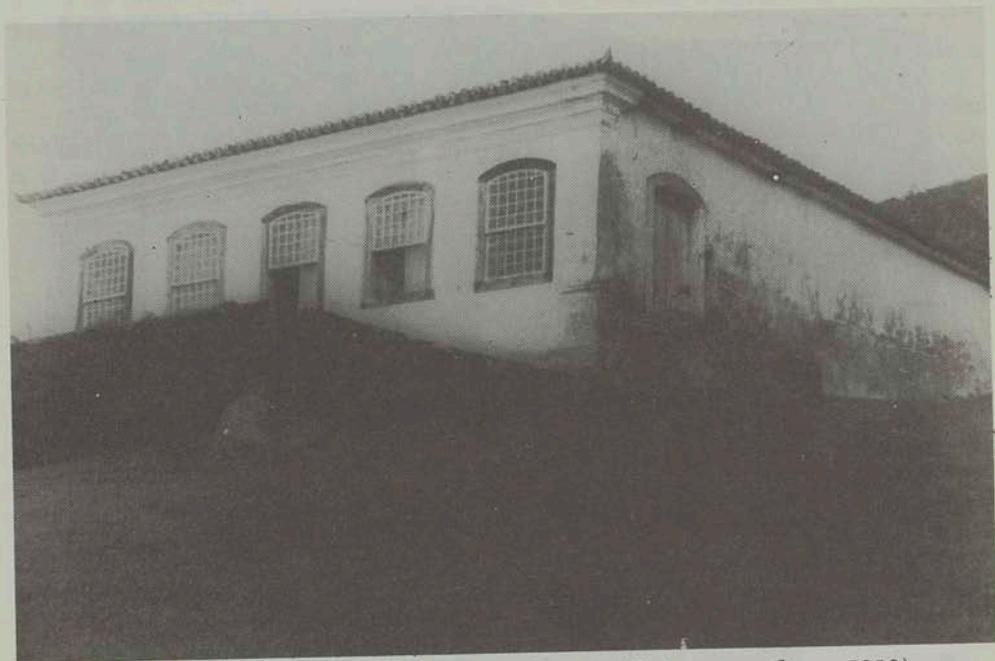
Complementando esta informação mostramos mais fotos tomadas na cidade de Florianópolis, (em 1988) e no distrito do Ribeirão da Ilha que estampam casas com a pombinha em seus cantos de telhados, porém de escultura pouco esmerada.



Casa no centro de Florianópolis — 1988 (construção do século XIX)

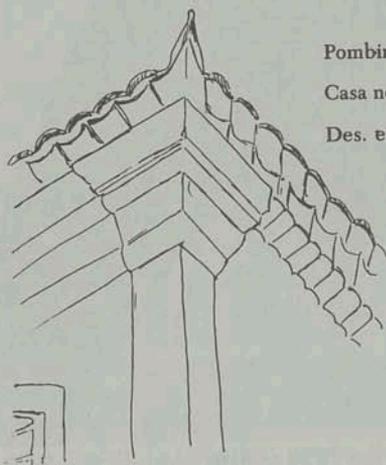


Casa no Ribeirão tombada em 1988 (construção do século XVIII)



Casa na Costeira do Ribeirão tombada em 1988 (construída em 1910)

Dando continuidade à visualização do remate em forma de bomba, encontrados em Florianópolis, apresentamos a seguir um desenho de uma casa do Ribeirão, também tombada pelo Patrimônio Nacional, cuja construção data de 1810. (Foto anterior).



Pombinha açoriana

Casa no Ribeirão da Ilha — Data 1810

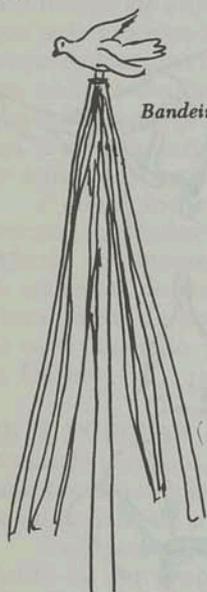
Des. em 17-4-89 N.V.P

Fica, sem dúvida, a indagação da origem e do porquê dessa artística representação arquitetônica e que no popularesco significa sorte e proteção.

O colonizador da nossa ilha, simples e religioso, características que conserva até hoje (1989), ligado às tradições dos festejos do Espírito Santo, irmão da Veneranda Irmandade do Divino Espírito Santo, e que, portanto, não pode jamais estar ausente dessas festividades sob o risco dos “castigos de Deus”, através de seus descendentes nos afirma que a “pombinha açoriana” colocada nos cantos dos telhados é verdadeiro símbolo do DIVINO. Muitos porém não fazem, hoje, qualquer referência a este simbolismo e, até em alguns casos, nem sabem o que se quer dizer com “pombinha açoriana”.

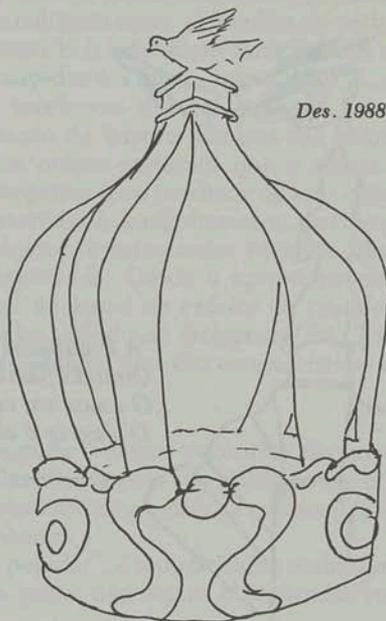
Com efeito, Leite de Ataíde, anteriormente citado, analisando o tema nos Açores, escreve: “À chamada POMBINHA que termina o beirado numa saliência lanceolada, já atribuímos, embora com reservas, uma origem nas tradicionais festas do Espírito Santo a que nosso povo dedica grande devoção e do qual a pomba voando é o símbolo. Seria talvez ali colocada para, sob a sua proteção, ficar garantida à família uma mais completa felicidade e assegurada ao lar uma maior tranquilidade”. Lá como cá as coisas se confirmam e se equivalem.

Não vejo, por este momento, buscar-se outra origem que não o símbolo dos Impérios do Divino (veja coroa do Imperador a seguir desenhada) como quer Ataíde quando defende a hipótese do Dr. Alfredo Bensaúde de ser o ornato uma reminiscência do paganismo e um culto fálico. Cá para nós, o povo é que, usando, inconscientemente, a tese do organismo, malicia a representação não só das casas como também o próprio santo.



Bandeira do Divino

Fitas da Bandeira. Utilizada para curas e sorte. Des. 1988 N.V.P

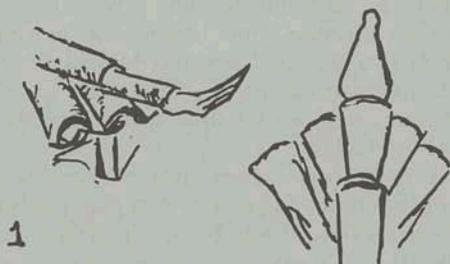


Des. 1988 N.V.P

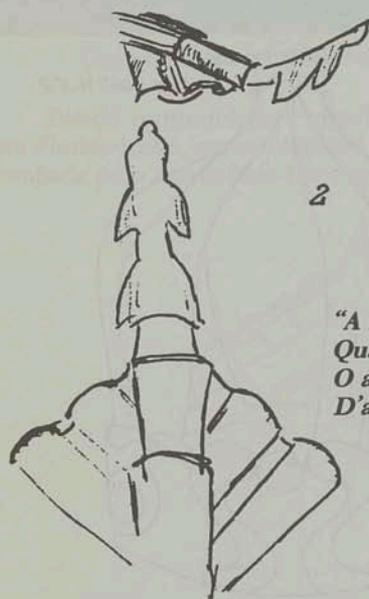
Coroa do Divino para coroar o Imperador

No popular, até hoje, a pomba tem significado fálico (vindo de Vênus) representando a vulva da mulher. Pomba e pomboca alcançam o mesmo significado popular, sem contudo, do lado do consciente, confundi-las com a pombinha dos telhados (logo se entende o porquê do diminutivo que o açoriano emprega para dar destaque, diferenciação, solenidade e louvor) que sem dúvida é representativa do Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade e que sob esta forma é descrita no Evangelho por ocasião do Batismo de Jesus.

Finalizando este trabalho, apresentamos desenhos reproduzindo a forma de construção dessas pombinhas nos Açores, e uma “quadra” da cantoria dos “foliões do divino” reconhecendo o poder sobrenatural da pombinha.



Modelos de Pombinhas dos Açores



*“A Pombinha vai voando
Quando passa tudo canta
O amor vai espalhando
D’alegria é ela a santa”*



1 — Ataíde, Luiz Bernardo Leite de Etnografia. Arte e Vida Antiga dos Açores. Volume I. Edição da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Portugal 1974.

Arte = Artesanato = Arte Popular = Artesanato Folclórico

Artistas — Artesãos — Artífices

Doralécio Soares

ARTE é tudo aquilo que o indivíduo: artista, artífice, artista popular e o artesão, produz com as mãos, manifestado pela sensibilidade artística de cada um, utilizando ferramentas manuais como instrumentos de trabalho, ou máquinas rudimentares.

Através da obra que realiza, o artista, ou artesão transmite a sua mensagem cultural, imprimindo um pouco de sua personalidade às peças que produz numa transmissão de sua criatividade. A mão do homem produz utilidades necessárias à vida social e doméstica da comunidade.

Sem considerarmos os artesãos que representam corporações outrora existentes de fabricantes de artesanato tradicional, ou seja artesanato folclórico ainda existente, perdurando até a época atual, essas raízes culturais entre as famílias de antigos artesãos, que pelo processo aculturativo vêm mantendo o artesanato folclórico. A cerâmica de louças de barro, as rendas de bilros, os trançados em fibras, raízes, lãs etc., os trabalhos em madeira em baixo e alto relevo, a tecelagem manual em seus teares rústicos, a metalurgia no processo de aproveitamento do ferro e flandres das latarias, o couro nos seus mais variados trabalhos e tantos outros materiais que o artista ou artesão, ou artista popular, transforma em matéria-prima para produzir os seus objetos.

A utilização das várias espécies de materiais de aproveitamento, permite aos artistas artesãos, produzirem uma gama de objetos, e brinquedos úteis de uma variedade e forma tão imensa, difícil mesmo de registrá-la. Desde o aproveitamento do trapo na confecção de bonecas ao uso do papel de jornal no enfeite de prateleiras, raízes, fibras, folhas de árvores e outras utilidades, dando ao artesanato folclórico um grau de certa dimensão, permitindo a sua continuidade; uma das características da dinâmica do folclore.

ARTE POPULAR — Através da “arte popular”, vamos encontrar tão imensa diversificação de trabalhos, a sua maioria hoje classificada pela sua utilidade até como objetos exportáveis que coloca o artista popular brasileiro no cenário da cultura popular internacional, ao lado de afamados artistas de renome.

O artesanato que consideramos “arte popular”, é todo trabalho realizado individualmente ou por grupos de pessoas, cujas peças não sejam classificadas na escala do artesanato considerado folclórico.

A produtividade desse tipo de artesanato vem se tornando imensa, havendo um extravasamento da sensibilidade artística dos autores de maneira extraordinária.

O evento do Turismo deu aos nossos artistas populares, oportunidade para realizarem obras das mais variadas espécies e valor reconhecido pelo elevado número de turistas nacionais e estrangeiros, que percorrem o país.

ARTE e ARTESANATO

Na cerâmica figurativa é que se tem revelado expressivos valores neste tipo de arte popular, ⁽¹⁾ “se usando técnicas variadas, simples e complexas, desde o barro cru, seco naturalmente, até as peças vidradas com zarcão”.

As ceramistas do nordeste e norte do Brasil, na sua maioria pessoas analfabetas, são possuidoras de uma sensibilidade artística tão elevada, que têm sido motivo de estudos por sociólogos, etnógrafos e até Universidades estrangeiras têm enviado cientistas sociais para formularem estudos referentes às mesmas.

Os trabalhos produzidos pela maioria desses artistas, se revelam na transmissão de novos estilos que esses imprimem as suas peças.

Artesãos há, que não têm em suas famílias nenhuma tradição artística, como é o caso de Severina Francisca Ramos de Tracunheém em Pernambuco, que somente se revelou para a arte do barro, depois dos 40 anos de idade, isto em 1973. ⁽²⁾ — Diz ela que seu serviço era caseiro, carregando muita lenha do mato para o fogo da casa. Dedicada ao serviço doméstico, mãe de vários filhos, Severina foi observando, diz ela — que viu o exemplo de outros que abandonaram antigos serviços e estavam aumentando o ganho, fazendo bonecos. E foi nessa expectativa que deu início aos trabalhos de barro ajudada por uma vizinha também artista. “Diz que a sua primeira peça foi uma bonita “Nega Fulô” de 30 cm de altura. “Daí por diante, começaram a surgir, máscaras de parede, jarras em forma de urso (zoomorfas), cujos bichos eram tigres, leões, lobos, etc. Mas a revelação da artista, foi na criação de Santos: São Francisco, Frei Damião, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, Nossa Senhora das Graças, Santa Magdalena, Santa Balbina e Santa Cecília.

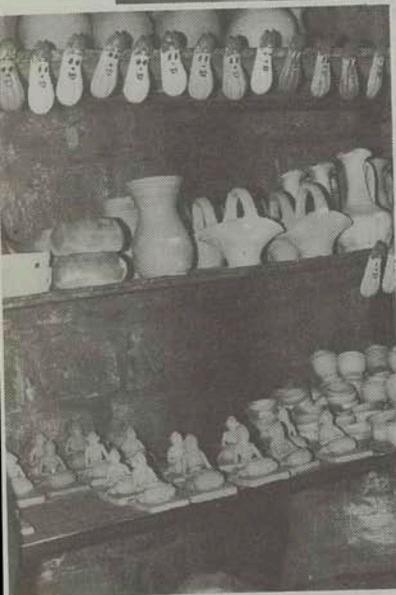
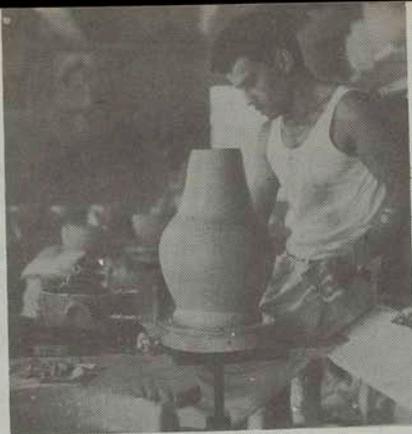
É interessante assinalar, que Severina Batista, analfabeta, produzia seus Santos sem utilizar nenhum modelo prévio. Se inspirava na imaginação criadora, e o Santo saía com toda expressão e vestimenta, sem contestação pelos adquirentes entendidos. Muitas vezes se perdia em detalhes imperceptíveis, que ela achava necessário a fim de sair perfeita a sua obra. (Severina Batista Ramos, faleceu em junho de 1981).

Assim como Severina, existem inúmeros outros artesãos artistas, cujas peças, as centenas, ornaram ricamente mansões nas grandes cidades.

Os artesãos barristas, se espalham por várias partes, cujas raízes têm sua origem nos aborígenes, que receberam dos portugueses e jesuítas certas influências no sentido de produzirem peças de maior utilidade, visto que a cerâmica do aborígine se destinava, além de utilidade doméstica, a urnas fúnebres ou sejam, as “igaçabas”, onde era colocado o corpo do indígena falecido, uma espécie de “jarrões”, descobertos pelos Antropólogos nos Sambaquis, “cemitérios indígenas”.

⁽¹⁾ “Artesanato Brasileiro” — Vicente Sales

⁽²⁾ Fernando de Barros Borba: “As Santas estão entre nós” — Cad. 116. — “Instituto Joaquim Nabuco — de Pesquisas Sociais” — Recife.



**CERAMISTAS E
CERÂMICAS**



**UTILITÁRIAS E
FIGURATIVAS DE**



SANTA CATARINA



Mas foram os europeus que introduziram algumas modificações na tradição indígena. Com a participação do africano, facilmente adaptado ao regime de produção introduzido pelo europeu; com a introdução do “torno oleiro”, fornos cobertos, formas, etc., as olarias passaram a produzir com mão-de-obra indígena e africana, materiais de construção, (foram os americanos que introduziram) “telhas e tijolos”, além das utilidades domésticas.

A influência da igreja, logo se fez sentir, acrescentado-se a feitura de imagens e Santos.

Os barristas santeiros surgiram logo que os jesuítas descobriram a habilidade destes para certos tipos de peças antropomorfas relacionadas as “estatutárias”, e as imagens passaram a ser feitas para os oratórios particulares e capelas dos engenhos.

A cerâmica sendo da cultura indígena, se desenvolveu em todo o Brasil, do Amazonas, ao Rio Grande do Sul.

Aculturação em Santa Catarina — A aculturação em Santa Catarina, deu-se por colonos alemães do Vale do Itajaí. Dos nossos registros constam indústria de cerâmica em Blumenau, Pomerode e Brusque, esta última em “Peterstrasse” (Cerâmica da Estrada do Pedro).

A especialidade dessas cerâmicas são de louças de utilidade doméstica e objetos de adornos, vasos dos mais variados tipos, em cerâmica decorativa.

Se considerarmos a cerâmica fora dos Estados do norte e nordeste, vamos encontrar nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo e Mato Grosso, muitos ceramistas cujas peças produzem, obedecendo as mesmas características de outros Estados. O principal fundamento dos barristas é ter bom barro, que classificam de “massapé, tabatinga e tauá”. Essa classificação entretanto não é conhecida nos Estados do Sul, que lutam com dificuldade para conseguirem um bom barro. O bom barro, dizem, é aquele que dá boa consistência às peças, forma ligas maleáveis e queima com mais segurança.

O trabalho do bom ceramista, não está relacionado apenas no adestramento das peças que executa. Para o completo êxito da produção, deve ter completo conhecimento do barro que utiliza, no preparo da massa, da lenha utilizada para a queima e principalmente na colocação das peças no forno; com as mais pesadas por baixo, e as mais leves por cima.

Como os indígenas queimavam suas cerâmicas — “O forno usado pelos ceramistas populares, é o mais rudimentar possível, bem como são todos os materiais usados no trabalho da cerâmica.

O forno é de fácil construção, construído pelos próprios artesãos. ‘Muitos, entretanto, usam as ‘caieiras’ de assar tijolos, caso em que deitam as louças de barro sobre algumas pilhas de tijolos, daqueles que ficam mais afastadas o quanto possível do braseiro’.

(5)— O indígena tinha técnica mais elementar. Dando forma à peça, deixavam-na secar por algum tempo, depois queimavam-na sob folhas secas de árvores.

Também coziam os vasos em escavações, abertas de madeira a que ateavam fogo”.

(5) Vicente Sales — “Artesanato Brasileiro” — Cerâmica.

Deputado Federal fala sobre Folclore

(Pronunciamento feito pelo Deputado PEDRO IVO CAMPOS de Santa Catarina na Sessão de 21/08/1980, na Câmara dos Deputados.)

Senhor Presidente,
Senhores Deputados:

Consoante o que estabelece o Decreto Nº 56.747, de 17 de agosto de 1965, celebra-se, anualmente, a 22 de agosto, o Dia Nacional do Folclore.

A instituição da efeméride, que representa o conhecimento da importância do folclore na formação cultural do País, visa a estimular, em todo o território nacional, a investigação, os estudos e a sobrevivência das danças, dos folguedos, das artes populares, etc., considerados "elos valiosos da continuidade tradicional" brasileira.

Não obstante ser inerente, a toda e qualquer comunidade humana, a preocupação por preservar os valores que afirmam sua identidade coletiva e a diferenciam das demais comunidades, é de notar-se que, agora, mais do que nunca, o desenvolvimento das atividades culturais endógenas, o estudo, a divulgação e a preservação das tradições, crenças, e costumes populares passaram a constituir uma exigência real dos diversos grupos sociais.

Ninguém mais põe em dúvida, efetivamente, que cada coletividade está implícita ou explicitamente comprometida com alguma forma de afirmação cultural, ao definir sua identidade e construir sua realidade futura e presente.

Dentro dessa perspectiva, o folclore, integrando o amplo quadro do processo cultural, como fundamento vivo da sociedade, ocupa posição de indiscutível relevo, sobretudo nos dias que correm, quando todas as nações reconhecem e valorizam a dimensão cultural do desenvolvimento, vale dizer, quando a ênfase dada anteriormente à concepção de um desenvolvimento baseado exclusivamente no crescimento econômico vem sendo substituída, nos povos civilizados, pela compreensão de que a cultura é componente essencial do desenvolvimento integral dos indivíduos e das comunidades.

Assim, as mutações profundas que caracterizam a evolução acelerada do mundo contemporâneo vêm estimulando a preservação do patrimônio cultural dos povos, integrado por símbolos e signos transmitidos através das artes, da literatura oral, das tradições diversas, das crenças, dos mitos, dos folguedos, dos usos e costumes, em suma, das diversas manifestações folclóricas que, no dizer de Câmara Cascudo, representam a "contemporaneidade do milênio, o presente da antiguidade, as formas pretéritas vivas na diuturnidade do exemplo".

Sob esse enfoque, não creio necessário enfatizar, Senhor Presidente, a necessidade

de uma agressiva e coerente política cultural em defesa de nossas tradições e de nossos costumes.

Embora, como se sabe, a primeira pesquisa sistemática de cultura popular data de 1880, com a publicação da obra "Cantos Populares do Brasil", de Sylvio Romero, o estudo e a divulgação do folclore pelos Poderes Públicos não têm merecido a atenção devida.

A atual Campanha de Defesa do Folclore, órgão que integra a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), à falta de recursos orçamentários compatíveis com a grandiosidade de sua missão, vem atuando timidamente na área, mostrando-se algumas vezes impossibilitada de promover um vigoroso programa de promoção e incentivo das manifestações folclóricas, apresentando-se outras vezes sem qualquer condição para atenuar ou neutralizar os efeitos de correntes de comunicação provenientes de outras áreas culturais, para evitar a corrupção do artesanato por exigências mercantis, ou mesmo para anular pressões sócio-econômicas sobre modos de expressão folclórica.

O auxílio oficial para o desenvolvimento da cultura popular é, sem dúvida, o melhor meio de defendê-la. Isso implica necessariamente a definição de diretrizes políticas que sejam capazes, por um lado, de produzir efeito multiplicador, e promovam, por outro, a execução de programas destinados a coordenar os esforços dos estudiosos, a incentivar a pesquisa, a estimular a organização de museus, a organizar a publicação de livros, a concretizar projetos setoriais, programas que tenham, enfim, a preocupação básica de proteger o patrimônio folclórico.

Convencido de que o folclore, como reza o texto legal referido, constitui "fator legítimo para o maior conhecimento e a mais ampla divulgação da cultura popular brasileira", encareço ao Ministério da Educação e Cultura a adoção de uma efetiva política nesse campo, uma política que evite o atual processo de erosão cultural que estamos vivendo, e favoreça a redescoberta e a identificação de heranças sociais genuínas e os traços fundamentais de nossa nacionalidade.

Com esta mensagem de alerta e esperança, permito-me reiterar ao Senhor Ministro Eduardo Portella e demais autoridades vinculadas à matéria o reexame das diretrizes e dos programas que visam à preservação e à divulgação do folclore, base incontestável e insubstituível da cultura popular brasileira.

Era o que tinha a dizer.

Nota: O Deputado Pedro Ivo Campos, quando Deputado Estadual, foi autor do projeto que deu origem à LEI 4.287, de 7 de abril de 1969, que instituiu o DIA DO FOLCLORE no Estado de Santa Catarina.

Noticiário da Comissão

LEI Nº 4.287, DE 7 DE ABRIL DE 1969

Institui o "DIA DO FOLCLORE", no Estado de Santa Catarina e dá outras providências

O Governador do Estado de Santa Catarina.

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º— Fica instituído em todo o Estado de Santa Catarina o "DIA DO FOLCLORE" e que será comemorado, anualmente, no dia 22 de agosto.

Art. 2.º— O Chefe do Poder Executivo, ou por sua delegação, o Secretário de Educação e Cultura, nas vésperas da efeméride, determinará a todos os estabelecimentos de ensino, nos graus primários e secundários, que promovam palestras, exposições e atos elucidativos sobre folclore, principalmente, o catarinense.

Art. 3.º— A Secretaria de Educação e Cultura através de seu Departamento especializado e sob a orientação da Comissão Catarinense de Folclore, promoverá concurso, conferirá prêmios para os melhores trabalhos literários sobre folclore, dando ampla divulgação dos mesmos.

Art. 4.º— O Governo do Estado dotará nos próximos exercícios verbas específicas na Secretaria de Educação e Cultura para a aquisição de peças de comprovada autenticidade que formarão o acervo folclórico do Estado.

Parágrafo único— As peças e trabalhos adquiridos deverão ser entregues à Biblioteca Pedagógica que os manterá em lugar próprio e efetuará o tombamento respectivo.

Art. 5.º— A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

A Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda assim a faça executar. Palácio do Governo, em Florianópolis, 7 de abril de 1969.

IVO SILVEIRA

Noberto Ulysséa Ungaretti

Ivan Luiz de Mattos

Jaldyr Bhering Faustino da Silva

João Paulo Rodrigues

Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa

Adair Marcolla

Armando Calil Bulos

Serafim Ennos Bertaso

Antonio Moniz de Aragão

Luiz Gabriel

Dib Cherem

Publicada a presente lei na Secretaria do Interior e Justiça, aos 5 dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e nove. Antonieta de Medeiros Vieira, Diretor.

FPOLIS — 5/5/1969.

Por que somos Barriga-Verde! . . .

Doralécio Soares

Eis aí uma pergunta difícil de ser respondida, se formos nos pautar em documentação histórica.

Não importa a falta de registro nos arquivos históricos. Inicialmente a alcunha surgiu pejorativamente, mas com o correr dos tempos a assumimos orgulhosamente.

Os historiadores, José Boiteux, Osvaldo Rodrigues Cabral, Carlos da Costa Pereira, Othon da Gama D'Eça e outros integrantes do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, simplesmente passaram por cima do assunto, por não encontrarem registro concludente da assertiva da alcunha de "Barriga-Verde". Porém, quem mais se aprofundou nessas pesquisas, foi o Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral, historiador, antropólogo, e folclorista de renome nacional, autor de várias obras sobre Antropologia, Sociologia, Folclore e, sobretudo, a História de Santa Catarina. Este publicou em uma de suas obras, o resultado de pesquisas históricas das milícias portuguesas, revolidas por ele, algo que esclarecesse o assunto, visto que falava-se, que entre uma dessas milícias deslocadas para o Sul do Brasil, havia uma que portava uma faixa verde por debaixo do "dolmã" do fardamento, como um largo cinturão. Entretanto, o Cabral não encontrou nada existente entre as várias gravuras de fardamentos que lhes foram enviados de Portugal, não havendo, portanto, registro que estabelecesse a sua existência.

Essa mesma assertiva da existência do tal batalhão catarinense continuou sendo contestada por Osvaldo Cabral, quando em seu livro "Nossa Senhora do Desterro-Memória II", diz à pág. 17: "Da terra mesmo, como gente dela, foi formado um Batalhão, depois Regimento, o de Infantaria de Linha da Ilha de Santa Catarina, pelo Brigadeiro José da Silva Paes, com gente recrutada, está mais que visto, além de alguns elementos trazidos por ele do Rio de Janeiro.

Este Regimento tornou-se glorioso, e é o mesmo para o qual, mais tarde, se inventou a alcunha de BARRIGA-VERDE (pela qual *nunca* foi conhecido no seu tempo. . .) e para o qual, o Coronel Manoel Soares Coimbra, seu Comandante e Governador da Capitania, iniciou a construção do Quartel no Campo do Manejo (hoje local do Instituto de Educação), que dura até nossos dias.

Prossegue Cabral, "Foi este Corpo, hábil no manejo das armas, e não houve campanha no Sul do Brasil em que a qual não tivesse presente. Para falar a verdade passou mais tempo destacado no Rio Grande do Sul do que aquartelado aqui. Desta forma, sua história só nos pertence pela sua gente, que era nossa; pelos seus feitos, ela pertenceria muito mais a Rio Grande de São Pedro, teatro das suas façanhas, de onde muitas vezes, regressou a sua sede coberto de tantas glórias quanto de *farrapos*, pois o Rei não cuidava de lhe dar, nos prazos, os uniformes, como também lhe pagar

os soldados . . . Como qualquer corpo, então, contou com os seus bravos e também com seus desertores, cujos claros eram preenchidos com novos recrutamentos. Mas no balanço geral, seu saldo é farto de glórias e muitos louros. . .” O escritor Gustavo Bátorso, também faz referência aos catarinenses, chamando-os de “Barriga-Verde”, na guerra contra o ditador Artigas do Uruguai.

Um historiador da região platina, entretanto, insere em uma de suas obras a seguinte versão: Diz ele, “determinado batalhão de infantaria catarinense, combatendo as tropas do Ditador Artigas, foi cercado de tal maneira pelas tropas do Ditador, num cerco prolongado, e os milicianos catarinenses na tentativa de furarem o cerco em busca de comida e água, rastejavam sobre a relva verde e húmida, ficando com a frente da farda *verde* pela *clorofila das relvas*, vindo daí a alcunha de *Barriga verde*”. — É uma afirmativa sem valor histórico, visto que como diz o próprio Cabral, nem todos os milicianos que compunham o batalhão eram catarinenses. Seja como for, porém é válida, pois vem reafirmar a existência dessa alcunha.

O escritor Virgílio Várzea, no seu livro “Santa Catarina A ILHA”, editado em 1900, diz à pág. 20: “Do açoriano recebeu também o BARRIGA-VERDE, alcunha originária de um antigo regimento de milicianos catarinenses, cujos soldados usavam um colete verde. Este batalhão tornou-se célebre pela sua bravura nas campanhas do sul, durante, o primeiro império”. Diz ainda Virgílio Várzea, à pág. 21: “O barriga-verde pelo seu temperamento e feição psicológica, é muito sociável, é dado a festas e divertimentos, sendo um desses tipos de povo que raramente experimentam bisonharia e tristeza”.

Complementando, diz o escritor Gal. Osvaldo Ferraro de Carvalho, um dos ex-comandantes da Polícia Militar do Rio de Janeiro, atualmente residindo na Capital catarinense: O termo “Barriga-Verde” era pejorativo e galhofeiro, ao mesmo tempo, usado na Campanha do Paraguai para designar os voluntários procedentes dos antigos açorianos e madeirenses que aqui se fixaram, no século XVIII.

Como explica o Visconde de Taunay (Alfredo D’Escragnolle Taunay), que tomou parte na campanha como oficial-de-estado-maior e foi responsável pela redação do Diário de Campanha do Exército Brasileiro, durante o comando do Marquês de Caxias, “aos soldados oriundos do litoral de Santa Catarina, por sua pele de cor branca e macilenta, meio esverdeada, talvez uma conseqüência da alimentação a base de peixes e crustáceos quase que exclusivamente, os soldados nordestinos, pretos, cafusos, mulatos e caborés, na sua imensa maioria, alcunhavam de barrigas verdes, numa referência jocosa à cor da pele desses descendentes dos antigos imigrantes procedentes das ilhas portuguesas do Açores e da Madeira”.

Eis aí, caros leitores, algumas conclusões sobre o “porquê” dessa alcunha de “Barriga-Verde” que orgulhosamente assumimos e a mantemos através dos anos.

Cultura Popular Catarinense

De crônicas diárias do Jornal "Diário Catarinense", de autoria do Jornalista e Escritor Flávio José Cardozo.

Falares

Celestino Sachet, meu amigo: tu nem te lembaras mas eu me lembro. Tenho contigo uma pequena dívida e venho liquidá-la, já não digo com os devidos juros de mora, que sou pobrinho e o Funaro nisso me apóia, mas com boa vontade e alegria. Há uns sete anos, leste uma crônica em que brinquei com velhas frases populares e pediste mais. O tempo rolou, rolamos, te mostro agora que sou meio demorado, sim, porém honesto, *chiquitito pero cumplidor*, liso e sem babado.

Pois olha aí:

Tocar viola sem corda e dizer asneira, é o mesmo que rimar nabos com bugalhos. Como se vê por aí esse tipo de tocador e de poeta, não é mesmo? Já um sujeito, quando começa a ficar grogue, se diz que ele está com dois dedos de gramática e, quando está mamado de verdade, que não sabe mais de que freguesia é. Dormir de botinas é deixar-se enganar e pegar na cabra pra outro mamar é bancar o trouxa, ser explorado por um espertinho, espécime que eu nem sei se existe por aí, existe? Fazer a boca doce é ser agradável, fazer-se de tio é ficar rabugento. E meter a foice na roça alheia, está claro, é intrometer-se nos negócios dos outros, prática feia e perigosa.

Andar escovando urubu é fogo — é estar desempregado. Pois trabalhar para o bispo é pior ainda, é trabalhar de graça — pelo menos era assim que se falava antigamente. Passar a pirão de areia não é bem uma linda dieta mas passar de pato a ganso já é melhorar na vida. Encher o paiol, então, é comer bem. E morrer? Morrer, que é tão triste, tem também sua graça na boca do povo: é bater o trinta, largar a casa, esticar o pernil, desocupar o beco, bater a caçoleta, fazer viagem sem chapeú e mais um monte de coisas.

Quando tens um problema que desaparece fácil, Celestino, podes dizer que ele sai nas urinas. Não ir à missa de alguém é não se enquadrar com o dito cujo e inchar nas algargatas e assentar-lhe as costuras é mais grave: é ficar furioso e dar-lhe umas boas pelo lombo. Reduzir o outro a pó de traque, então é derrotá-lo por completo na hora de medir os bigodes.

Ser um devoto de São Seguraço é ser pão-duro e ser devoto de Nossa Senhora do Descanso é, que dúvida, ser um vadio de marca maior. Dodói da mamãe é o queridinho, o ai-Jesus de alguém. Mas atenção, muita atenção: mijar para trás é não se comportar como homem. Dar uma de bem-te-vi de igreja é andar todo exibido.

Limpar o salão qualquer criança sabe, é limpar o nariz. Tirar leite com espuma é tirar vantagem das situações. Lavar-se em água de rosas é alegrar-se na vida.

Me lavo em água de rosas com este papo. Eta que é bom esse povo, eta que é sabido e bom o danado! Vai longe.

Do Povo

Uma moça, cuja pele está agora no seu mais pleno esplendor, diz que achou engraçadinha a expressão “maracujá de gaveta” que usei um dia desses a propósito do aspecto de uma senhora entrada em anos, muitos anos. Expliquei que é uma comparação de domínio público, como tantas que estão aí na língua do povo.

Fico feliz que a moça tenha sorrido, pois bem demonstra que está no jeitão do povo. O povo é danado pra achar graça de tudo. Já viram como ele gosta de fazer pouco dos defeitos humanos?

Reparem.

De um sujeito que ficou, coitado, com o rosto cheio de sinais de varíola ele diz, sem cerimônia, que tem cara de areia mijada. Se a cara do cidadão é larga, é cara de bolacha doce. Cabeça grande é cabeça de comarca ou cabeça de nós todos. Quando alguém está vexado, envergonhado, anda com cara de cachorro mijando na chuva. Se o infeliz é corcunda, não tem outra: é caneco amassado. Se é magrinho, é deserto de cemitério. Se é baixote e gorducho, é toco de cachorro mijar. Se tem o hábito de andar cabisbaixo, pensando na vida, chamam-no de vaca laçada. Se tem os pés grandes e grossos, é pé de rebolo. Se é negro e inventou de botar roupa preta, pronto, virou tição apagado.

Mas nem tudo tem essa maldade assim ostensiva, claro. Há também a simples picardia, como nestes exemplo pegados ao acaso: quem apanha de mulher não se queixa a delegado; antes excomunhão de vigário que bênção de pé de burro; sapo não pula por boniteza e sim por precisão; velho não se senta sem ui nem se levanta seu ai; a gente nasce nu e não se enterra de chapéu; brincadeira de homem cheira a defunto; casa de mulher feia não precisa de tramela; mulher e chita, cada um acha a sua bonita; penico de barro não dá ferrugem; pra quem ama, catinga de bode é cheiro; quem tem cara grande não cospe pra cima; quem tem perna curta levanta cedo e sai primeiro; desgraça de pote é caminho de riacho, etc., etc.

São sabedorias postas em invenções bem sonoras, reveladoras de humor. Em vez de se dizer, sem brilho algum, que tal homem é um valentão, diga-se que é um desmancha-sambas, um esfolá-caras, um espanta-patrolha, um fecha-bodegas, um mata-mouros, um tira-prosa, um venta-furada. Em vez de efeminado, que tal pisa-flores, salsinha, salta-pocinhas? Em vez de mau político. . . bah, temos aí uma tonelada de boas variantes, ao gosto do freguês: politiquinho, politicote, politicóide, politiquilho, politiquico, politicante, político, político, político, político, político, político. . .

Acabei em politiqueiro . . . E dizer que o papo começou por causa duma moça cuja pele está agora no seu esplendor mais pleno. . .

Que tu meu amor sejas

Encontram-se também maldades nas quadrinhas populares. De repente, damos com uma assim, em que o namorado propõe à namorada este gesto tenebroso: *Menina, teu pai não quer / que tu meu amor sejas; / bota-lhe cinza nos olhos: / fica cego, não vê mais*. Esta outra quem a diz é uma mulherzinha que não deve ter coração e sim uma pedra no peito: *Casei-me com um anão / só pra me fartar de rir, / pois faço a cama bem alta / e ele não pode subir*. Já é ruindade. Terá, porém, funcionado? Que a tal mulher só queira rir do padecimento alheio até admito; impossível imaginar é que o anão não tenha procurado uma escadinha, uns caixotes para fazer a escalada e dar melhor direção àquele riso.

Mas o que predomina nos velhos versinhos do povo é o lirismo, ora expresso com alegria e deslumbramento, ora com mágoa e tristeza. Para exaltar a mulher, o poetinha se vale das miudezas que o cercam: uma fruta, um bicho, um vento, uma crença. Coisas assim: *À beira d'água se criam / belos peixes nadadores; / na terra também se criam / lindos olhos matadores*. Ou assim: *Os anéis do teu cabelo/já foram avaliados: / cada cacho cem mil réis, / cada fiozinho um cruzado*. A comparação às vezes é meio estapafúrdia, mas funciona: *Tua boca é um tinteiro, / a língua pena aparada, / os dentes letra miúda, / os lábios carta fechada*. A lembrança duma sereia é inevitável: *A sereia quando canta / faz perder embarcações; / a dama quando é bonita / mata vinte corações*. Nesta quadrinha, o poeta começa de leve e termina soturno: *O alecrim miudinho / tem sua flor verde-escura; / esses teus olhos, vizinha, / são a minha sepultura*. E aqui ele suspira que dói: *Quando não te conhecia, / não sabia suspirar; / agora que te conheço, / suspiro me quer matar*.

Quanto suspiro naqueles tempos! As cantigas em que o verzejador se clama do desprezo e da separação são copiosas. Uma bem chorosa: *Lá vai a garça voando / com as penas que Deus lhe deu; / contando pena por pena, / mais pena padeço eu*. Outra: *Se pensas que por ausências / de ti me tenho esquecido, / abre meu peito e verás/ o teu retrato imprimido*. Nesta o sofrimento está temperado do resignação e umas gotas de humor: *Mandei buscar na botica / um remédio para ausência; / me vieram três suspiros / e um vidro de paciência*.

Humor misturado ao afeto e ao desejo é o qua não falta nessa deliciosa herança: *Se eu fora um rato mineiro, / a tua cama eu minava; / de pulinhos em pulinhos, / ia e tua boca eu beijava*. E esta é bem engenhosa: *Eu fui lá não sei aonde, / visitar não sei a quem, / saí assim, não sei como, / morrendo não sei por quem*.

É isso aí.

Estes versinhos tirei dum livro do Boiteux; se alguém gostou, está gostado, se não gostou, que fazer?

Pesca com tarrafa é herança de Portugal

Florianópolis — Outras heranças açorianas podem ser detectadas em Ribeirão da Ilha. Segundo palavras do professor Nereu Pereira a pesca artesanal com tarrafa, jererê, espinhel, rede de espera é herança açoriana. Antônio Antunes da Cruz, 82 anos, conta que no Ribeirão se pescava a cocoroca e a enchova. “Isso aqui era uma fartura. Hoje os homens só vão para o mar buscar camarão. Os peixes acabaram”.

Mas ficou no Ribeirão o hábito de dar o nome de santos ou da mulher amada aos barcos de pesca sempre pintados em verde e vermelho ou azul e vermelho sobre o fundo branco, conta o Sociólogo Nereu Pereira. E acrescenta: “ainda hoje, é em Ribeirão que se encontra as mais bonitas rendas-de-bilro, as de melhor desenho”.

Muitas das festas folclóricas dos açorianos são ainda celebradas na região. O Terno de Reis começa na passagem de ano e vai até o dia de reis, 6 de janeiro. Um grupo de músicos tocando tambor, violão e rebeca — um violino rústico de duas cordas — visita as casas cantando músicas improvisadas na hora e que falam da situação atual, problemas e alegrias da comunidade. Mais suntuosa é a festa do Divino, que ocorre em meados de junho.

Conta a lenda que a festa foi criada pela rainha Dona Isabel, em 1320. Ela prometeu ao Espírito Santo, tornar o primeiro pobre que encontrasse, imperador por um dia, se seu marido Dom Diniz voltasse a ter vida religiosa e vivesse em harmonia em casa. Como seu pedido foi atendido a promessa foi cumprida com grande festa que virou tradição em Portugal. Em Ribeirão, nas semanas que antecedem a data, ocorre o peditório, quando pessoas da irmandade do Divino visitam as casas com uma bandeira do Espírito Santo, recolhendo fundos para a festa. Quatro dias antes da festa, voltam às casas anunciando e animando todos. Na festa, um casal de crianças vestidos de rei e rainha representam D. Isabel e D. Diniz e um homem é coroado imperador. Depois tem quermesse, leilão e muita comida boa.

Segundo o professor Nereu Pereira o isolamento do Ribeirão da Ilha, distante 38 km do centro de Florianópolis, ajudou a comunidade a preservar os hábitos e costumes açorianos.

“A energia elétrica só chegou aqui em 1958, o telefone só em 1980 e apenas há 5 anos temos ônibus de hora em hora. Foi esse isolamento o responsável pela manutenção da cultura populalar que começa a desaparecer, já que os jovens estão saindo para trabalhar na cidade e a televisão uniformiza as formas de expressão, impondo a cultura dos grandes centro”.

Transcrito do Diário Catarinense

Modinha do Jogo do Bicho

Pela Avestruz se começa
Por ser o número primeiro
Que está ao lado da Águia
Quem a guia é o banqueiro
E Burro também o é
Quem nele joga dinheiro

Borboleta é um dos insetos
Que destrói as plantações
O Cachorro é encrenqueiro
Faz barulho em qualquer chão
E a planta que a Cabra come
Seca e não dá produção

O Carneiro é bom demais
Para servir fica pelado
Bem coreundo é o Camelo
Que até parece aleijado
E a Cobra anda de arrasto
É um bicho amaldiçoado

O Coelho é orelhudo
Instruir não adianta
O Cavalo é bem medroso
De tudo ele se espanta
E o Elefante não tem junta
Onde cai não se levanta

O Galo é izibido
Nos filhos não
tem amor
Por pouca coisa é o Gato

Que nas unhas é vingador
Jacaré quando está na água
Apressegue o nadadô

O Leão é o Rei das Selvas
Que protestou a coroa
O Macaco é semvergonha
Malcriado e bem à toa
E o Porco só toma banho

Quando seca a lagoa
O Pavão mira os pés
Acha feio e entristece
Quando o Peru sai de casa
Não volta quando anoitece
E o Touro como tem forças
Garra firme e embrabece

Toda vida o Tigre foi
Assassino e bem malvado
E o Urso é bailarino
Dança todo entusiasmado
O Veado é andarilho
Não pode ficar parado

A Vaca é estimada
Todos gostam de seu nome
Mas os próximos jogadores
Seu dinheiro ela consome
Até que já tem deixado
Muito mal passando fome.

O Casamento da Onça

A Onça tinha uma filha
Delicada de feição
No dia do casamento
Fizeram uma reunião
Para não misturar as raças
Casaram primos-irmão

A festa era bonita
Deixou a recordação
Do Tamanduá que era o padre
E o Lobo o sacristão
O Ouriço juiz de paz
E o veado escrivão

Perguntou se assinava
O noivo disse que não
Para assinar-se a rogo dele
Chamaram o Leão
Compuseram a mesa
Era aquele farturão

Carne de porco assada
E travessa de pirão
Chegou o chefe dos bichos
Com aquele bruta carão
O bigode esparramado
E os olhos de tostão

Atravessava na boca
Um bruto quarto de leitão
O Macaco era servente
Com sua toalha na mão
Andava de carreirinha
Da cozinha para o salão

Tinha garfo e tinha faca
Pegavam tudo com a mão
A Raposa cozinheira
E muito leal de coração
Mas sapecou toda a cola
Na boca do fogão

O Sapo era o sanfoneiro
O Macaco tocava violão
O Cateto⁽¹⁾ com sua viola
Cantava linda trovação
O Bugio dançava bem
Mas andava de pé no chão

O Tatu muito acanhado
Por ser muito caipirão
Para tocar um pouquinho
Tomou quatro xícaras de quentão
Aí ficou inspirado
E canta linda canção

O Tatu entaturrado
Com sua rebeca na mão
Cantava lindas modinhas
Que causava admiração
E pra prosseguir o baile
A música era do Pavão

De meia-noite pro dia
Viraram em namoração
O Lagarto namorava a Cutia
Pelas restas do lampião
O Cateto quando viu
Fez uma revolução
Quando foi daí a pouco
Misturou-se no facão

Cantador: Antônio Bernardes Rocha

Coletor: Isaque de Borba Corrêa

Orientador: Gelci José Coelho

Procedência: Camboriú

(1) *Porco do mato*

Grupo Folclórico Germânico Silberfluss: Joinville

O Grupo Folclórico Germânico Silberfluss fundado em 1º de maio de 1974 por Pedro Ivo Campos (Prefeito na época), congrega diversos casais, na maioria agricultores residentes na localidade de Rio da Prata, no interior de Joinville. Seu nome "Silberfluss" quer dizer: Silber-Prata e Fluss-Rio, e corresponde a versão em língua alemã do nome da localidade em que residem seus integrantes.

Uma vez por semana, à noite, após a jornada de trabalho todos se reúnem para ensaios que são orientados e desenvolvidos pela professora Lili Busse, uma das maiores conhecedoras das danças e canções folclóricas alemã na região. Ao lado da dança, evocando aspectos folclóricos do povo germânico, o grupo funciona também como coral, executando canções populares e tradicionais, extraídas, igualmente do mesmo folclore. O acompanhamento musical, por sua vez, é feito sempre com a atuação de um sanfoneiro, que a exemplo dos dançarinos e cantores, se veste tipicamente.

O "Silberfluss" tem se caracterizado como grupo folclórico interessado em divulgar as tradições germânicas da região Norte do Estado e já participou de inúmeras programações em Estados brasileiros, além de receber convites para apresentações no exterior.

Dentre suas apresentações, destacam-se as seguintes: Canal 4 de São Paulo, no programa "Clube dos Artistas"; Canal 3 de Blumenau; Canal 6 de Florianópolis; em Brasília, Solenidade de Troca da Bandeira (1976); no Rio de Janeiro, Congresso Nacional de Campismo (1976), Festival da Cerveja (1976); Curitiba, Clube Concórdia; no Clube Heuветia de São Paulo; Canal 6, TV Paraná de Curitiba, em Pelotas, na Festa do Colono; em São Bento do Sul, SC, em Osasco na Festa das Nações, além de dezenas de apresentações na cidade de Joinville.

Algumas das Danças que o Grupo executa:

- Rheinlander (Schott do Reno)
- Bauerntanz (Dança do Colono da Região do Reno)
- Bandertanz (Dança da Fita): 1) Louvor à Colheita
2) Dança das Flores
- Die Schwarzwaldmuhler (Moinho da Floresta Negra)
- Der Kuckuck (O Cuco da Floresta Negra)
- Dança da Cidade de Joinville

Canções:

- Wenn Ich Voglen War (Se eu fosse um pássaro)
- Ester Eine Muhle (Aqui há um moinho)
- Canta Passarinho (Louvor à enxada)

Componentes atuais do Grupo:

- | | |
|---------------------|--------------------------|
| — Virgílio Prochnow | — Lili Busse |
| — Wigando Voigt | — Agnes Pries Voigt |
| — Haroldo Sutter | — Asta Pries Sutter |
| — Adival Schroeder | — Nelzina Schroeder |
| — Caldino Dunke | — Elfi Dunke |
| — Edwino Erzinger | — Ingrid Erzinger |
| — Dirson Voigt | — Jane Mery Richter |
| — Dirceu Sutter | — Miriam Sufeld |
| — Egon Eggert | — Luciane Magali Richter |
| — Marcio Erginzer | — Rosane Schroeder |
| — Marcio Hermann | — Karin Sutter |
| — Marcio Schultz | — Eliane Schwitzki |
| — Arceu Dunke | — Rosane Seifelt |
| — Lenoir Dunke | — Gláucia Lüutke |
| — Mauro Erzinger | — Monica Kricheldorf |

Músico:

- Virgílio Prochnow (bandonon)

Professora:

- Lili Busse

Silvia Maria Günther



O Misterioso Número Três

Saul Martins

O três

Um leitor diz não entender que eu tenha perdido um assuntinho tão bom como foi o dia 8.8.88 — um dia mágico, sagrado para muita gente. Garante que veio firme ler meus “comentários a respeito” e saiu frustrado.

Agradeço ao leitor o interesse e lamento a frustração. Mas devo ser franco: não me empolguei com esse tal 8.8.88, com a mística existente em torno dele. O oito não me impressiona. Se tiver de admirar um número, é o três. Depois dele, o sete. Depois ainda, o um. O oito para mim é uma rodinha em cima da outra, mais ou menos isso.

Já o três... Pois olha aí: para compensar o desinteresse pelo oito, e já que a conversa é número, falo umas linhas sobre o meu preferido. Verá o leitor que o três, tido por Pitágoras como o príncipe dos números, é pleno de significação e beleza. Colho meia dúzia de referências a ele no livrinho *O Misterioso Número Três*, do folclorista mineiro Saul Martins.

Há nas Escrituras, por exemplo, 404 alusões ao três. Três foram os filhos conhecidos de Adão: Caim, Abel e Seth. Três foram os que sobreviveram à destruição de Sodoma e Gomorra. Jonas esteve três dias no ventre da baleia. Nabucodonosor lançou três homens na fornalha ardente. Balaão castigou três vezes o seu jumento.

Na Antiguidade Clássica, é três por todo lado. Três eram as Parcas, três as Graças, três as Górgonas, três as Fúrias. Baco era festejado de três em três anos. Cérbero tinha três cabeças. Três eram os juízes do Inferno: Minos, Éaco e Radamanto.

No Cristianismo, quanto três! Três foram os reis magos. Três vezes Cristo foi tentado por Satanás. Três vezes foi negado por Pedro. Três quedas teve a caminho do Calvário. E foi às três da tarde, pregado com três cravos, para ressuscitar após três dias.

É três por tudo que é lado. Na família: pai, mãe e filhos. Na gramática: sujeito, predicado e complemento. Na música: melodia, harmonia e ritmo. Na organização do Estado: executivo, legislativo e judiciário. Três foram as Guerras Púnicas. Três as embarcações de Colombo. A propósito de Colombo, experimente o leitor somar os algarismos que existem em 3.8.1492, que foi quando ele deu a partida para o Novo Mundo: dá 27 — e 27 é três na terceira potência, sim senhor.

Passado, presente e futuro. Comprimento, largura e espessura. Animal, vegetal e mineral. Sólido, líquido e gasoso. Terra, mar e ar. Manhã, tarde e noite. Três três e três. É três a torto e a direito.

Não escrevi sobre 8.8.88, mas já decidi: escreverei sobre 3.3.33. Que o permitam as três pessoas da Santíssima Trindade...

Ainda o três

Fiz ontem rápida conversa sobre o chamado príncipe dos números, que é o três, aproveitando algumas das tantas curiosidades levantadas pelo folclorista mineiro Saul Martins em seu livrinho intitulado *O Misterioso Número Três*. Creio que o leitor não se incomoda se eu esticar um pouco mais a matéria.

Interessante de ver é como dá três no folclore, como é alto o prestígio que ele tem junto à alma popular. Crenças, hábitos, ditados — há um montão de três no fabulário de nossa gente, e aí vão uns exemplos. Solução se cura bebendo três goles d'água. O diabo não entra numa casa em que três comadres estejam juntas. Antes de se fazer uma coisa séria, deve-se pensar três vezes. Uma fome avançada se diz que é fome de três dias. Em Minas Gerais, quem não quer se perder em cidade estranha o que é que faz? Anda com três pedrinhas na boca. E se estiver com uma urgente necessidade fisiológica, o que faz até chegar em casa? Anda com as três pedrinhas na mão. Se tudo der certo... Outra curiosa receita, esta no campo da culinária, é a que manda botar três dentes de alho na feijoada. Sabem para quê? Não propriamente para dar mais gosto à comida, mas para que as almas dos que morreram com feridas não venham lavar na panela as suas chagas. Por falar em alma, para que a de um morto não nos venha perturbar, devemos jogar na sepultura dele três punhadinhos de terra. Um sonho que se repete três vezes acaba se tornando realidade dentro de três anos. O último, entre três fumantes, que acender o cigarro num mesmo fósforo, morrerá, coitado, logo em seguida. Peixe e visita começam a feder em três dias. Quando se desconfia que alguém tem algum mau pensamento em nossa direção, o remédio é simples: é só bater três vezes com a palma da mão na madeira que o mau pensamento é anulado.

O prof. Saul Martins cita uma lista de palavrinhas de três letras que estão entre as mais fundamentais da nossa vida. Algumas delas: sim, não, bem, mal, luz, ser, ovo, Eva, par, avô, avó, pai, mãe, céu, mar, sol, lua, pão, sal, rei, lei, mão, dor, dom, paz. Quantas outras não haverá?

E transcreve para nós três deliciosas quadrinhas. Uma, do cego João Afonso, diz assim: “Há três coisas neste mundo que causam muita desgraça: / dinheiro, mulher bonita / e, mais que isso, cachaca”. Outra é da autoria de Silveira Coutinho: “Quem ama, para dar provas, / deve três coisas cumprir: / tocar violão, fazer trovas / e, havendo luar, não dormir”. A terceira é anônima: “Três coisas nunca se deve / emprestar, dê no que der, / sob pena de perder-se: / livro, serrote e mulher”.

E chega de três pelos próximos três séculos.

Flávio José Cardozo

Bruxas Açorianas num Teatro do Sul do Brasil

por JOÃO LUPI

O Estado de Santa Catarina, o penúltimo do Sul do Brasil, tem um litoral cheio de praias excelentes, que atraem paulistas, gaúchos e argentinos todos os verões. Mas o principal atractivo turístico é a ilha que deu o nome ao Estado — ilha que aliás recebeu um nome cuja origem ou razão é controversa. Alcançada primeiro pelos espanhóis, depois pelos portugueses, foi escassamente povoada até ao século XVIII; constituía então quase que o ponto meridional dos territórios portugueses.

Entre as poucas tentativas de povoamento regular conta-se a história de Francisco Dias Velho, que em 1678 mandou construir uma capela para a imagem de Nossa Senhora fugindo para o Egipto: Nossa Senhora do Desterro. Assassinado por piratas ingleses, teve esse povoador o seu intento frustrado; mas o nome da povoação ficou, e a sede do governo local passou a ser conhecida por Desterro, talvez não tanto pela imagem religiosa, quanto pelo abandono a que as autoridades metropolitanas votaram essa capitania. Até que um século depois, quando aumentaram os territórios do Sul do Brasil, à custa das incursões paulistas e vicentinas, ratificadas por tratados, foi necessário organizar o governo militar da região, e apoiá-lo numa colonização mais intensa. Foi assim que entre 1748 e 1752 (ou 1756) chegaram á ilha, convidados e induzidos pelas promessas reais, cerca de seis mil pessoas vindas dos Açores, e algumas da Madeira; uma parte delas foi depois levada, um tanto contra vontade, para o Continente de S. Pedro, o actual Rio Grande do Sul, e outra parte estabeleceu-se no litoral fronteiro à ilha; nesta espalharam-se, portanto, cerca de trezentos a quatrocentos casais, ou famílias.

A ilha de Santa Catarina (pouco mais da metade, em superfície, da ilha de S. Miguel dos Açores) era então totalmente coberta de florestas impenetráveis, e as famílias dos ilhéus distribuíram-se em todo o contorno do litoral, avançando para o interior só à medida que desbravavam as matas. Pobres, mas trabalhadores, em pouco tempo eram auto-suficientes e logo começaram a exportar farinha de mandioca, e a dedicar-se à plantação de cana-de-açúcar, amendoim, laranjas... Porém, o governo metropolitano começou a cercear e impedir quase todas as exportações, e, privada dos lucros do seu trabalho, a população ou seguia para o continente, desbravando novas terras, ou ficava na ilha sem grandes expectativas de progresso.

Assim, pelo isolamento e pela estagnação forçada, os descendentes de açorianos conservaram até hoje muitos traços culturais bem próximos aos de origem, podendo ainda ouvir-se a pronúncia tão característica do *u* francês, dos ditongos em *õi*, e mesmo muitas palavras próprias do português arcaico: o grande mestre que foi Paiva Boléo por lá andou pesquisando. As casas de adobe e palha, que eram, comuns na ilha

ainda no começo deste século, não seriam muito diferentes daquelas que nos dizem ser as do Portugal medieval. As cozinhas feitas sobre três ou quatro pedras, os teares, os carros de bois, uns desaparecidos há poucos, outros ainda visíveis, deixam-nos entrar numa cultura popular ao mesmo tempo rudimentar e acolhedora, onde poucas vezes se passava fome — embora tenha havido períodos de muita dificuldade e trabalho — e as pessoas tinham tempo para cantar e se divertir. Atrai o visitante a simpatia com que se recebem os estranhos, uma forma de cordialidade ingénuo, sem maldade, que está à vontade com todos e que sente prazer em conversar e contar suas vidas. Quadras, canções, narrativas de coisas passadas, histórias de bruxas e lobisomens, são ainda muito açorianos, e muito vivas quando contadas pelos mais velhos.

Toda essa cultura espiritual e material, a medicina pelas plantas, as festas do Divino Espírito Santo, atraíram a atenção de muitos estudiosos da capital, Florianópolis (a antiga Nossa Senhora do Desterro), que, situada também na ilha mas ligada ao continente por duas pontes, não cresceu demasiado — uma cidade aprazível, de pouco mais de trezentos mil habitantes. Os muitos interessados, curioso e amantes da cultura açoriana recolheram nos últimos anos imenso material etnográfico, do qual bem pouco tem sido publicado, e muito mais merecia ser divulgado.

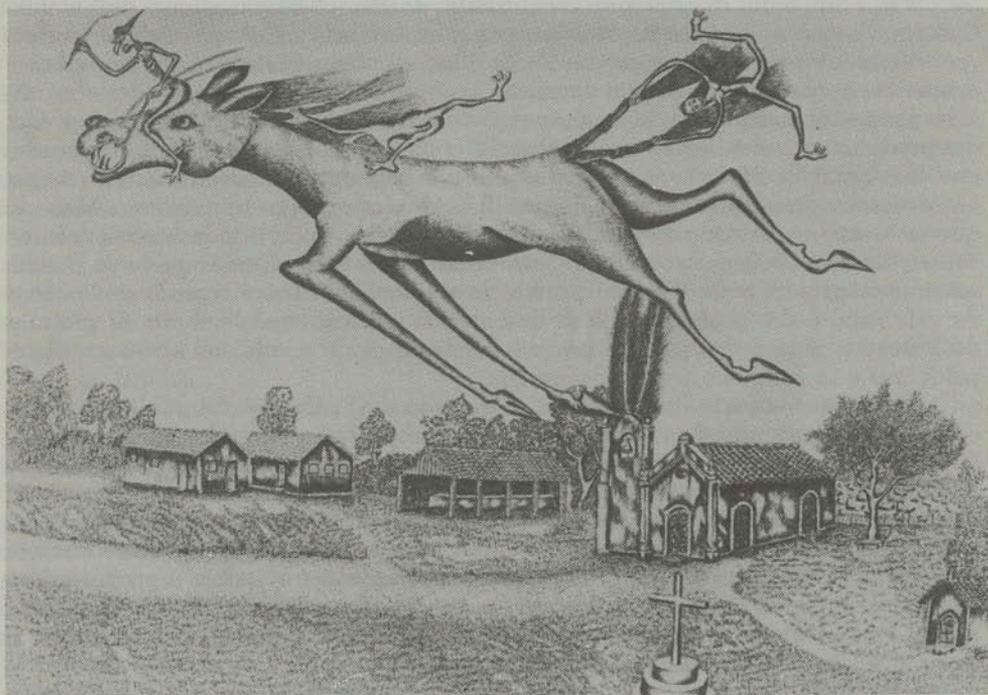
Mas, entre todos os estudiosos e entusiastas da ilha sobressaiu a figura de Franklin Cascaes. Professor, desenhista, e folclorista por experiência e gosto pessoal, ele percorreu inúmeras vezes todas as povoações da ilha, recolheu anotações, fez desenhos e maquetes, e sobretudo conseguiu interessar as autoridades na preservação desse riquíssimo patrimônio, ameaçado de extinção pela decadência da vida rural, os baixos preços dos produtos agrícolas, e o avanço incontornável do turismo. Pouco antes da sua morte, em 1983 Franklin Cascaes viu a sua obra reconhecida, quando foi convidado a realizar um dos seus grandes sonhos: visitar as ilhas do arquipélago dos Açores. Mais do que isso, a Universidade Federal de Santa Catarina recolheu toda a obra dele no Museu de Antropologia, verdadeiro museu do homem catarinense, onde se podem admirar os presépios de folha de piteira, as maquetes de barro reproduzindo cenas da vida rural e dos pescadores, e os desenhos fantásticos, que lembram as pinturas de Bosch, e onde as bruxas que povoam a imaginação e a vida dos ilhéus cavalgam pelos ares e atormentam a vida dos mortais.

Uma pequena parte dos escritos e entrevistas de F. Cascaes foi publicada, outra está entregue aos cuidados de um seu antigo companheiro de andanças e discípulo, Gelcy, o "Peninha". Mas o respeito de que ele foi alvo nos últimos anos de vida levou mais recentemente à revalorização dos seus estudos, e, como ele, a projectar, em forma modernizada, a fantasmagoria das crenças do povo: foi assim que, com o apoio da Fundação Catarinense de Cultura, um grupo de teatro estudou durante meses a obra de Cascaes, o que ele contava, desenhava e esculpia reproduzindo o que via e ouvia no interior da ilha de Santa Catarina; e, embebidos e inspirados no seu entusiasmo pelo modo de vida do povo, deram forma a um espectáculo cénico em que se combina o fundo popular com a forma erudita e a religiosidade tradicional com o desbragamento das bruxas e diabos, e em a apresentação de uma cultura de reminiscências arcaicas é feita num estilo de teatro e bailado contemporâneo. Assim, por um lado se projecta a cultura popular como se ela tivesse evoluído, ou melhor, tivesse sofrido uma mutação segundo padrões de cultura erudita — é aquilo a que

muitos chamam um espectáculo de projecção folclórica — por outro lado, mostra-se em linguagem (gesto, forma, cor) urbana, a vida rural, tornando possível à população da cidade entender e desse modo respeitar valores rurais.

Nesta valorização do passado açoriano de Santa Catarina universalizado pelas concepções estéticas, e apoiado por um grupo de organizadores e de instituições, é que foi montado e encenado o espectáculo: várias cenas, mais ou menos independentes, cada uma representando um caso, um lugar, um traço cultural, mas todas ligadas pela figura do seu inspirador — o povo que veio das ilhas — e pela voz e traço do seu intérprete: Franklin Cascaes. O espírito da tradição da ilha é umas vezes invocado para esconjurar as bruxas que lhe devastaram as matas, outras vezes para curar uma criança, ou fazer uma benzedura. Mas, como mostra da pujança de uma cultura de raízes populares, fomentada por uma política cultural inteligente, esse espírito da tradição é uma forma de entender o mundo mais autenticamente brasileira, e por isso mesmo mais humana e mais universal.

Publicado na revista Brotéria (Lisboa) em julho/86



Bruxas dando nós na crina e rabo de cavalos — 1973

Técnica: Nanquim — Bico-de-Pena — 49 x 68

Obra do Professor Franklin Joaquim Cascaes (1908-1983), artista plástico, escritor e estudioso da Cultura Açoriana na Ilha de Santa Catarina.

Acontece na Ilha de Santa Catarina

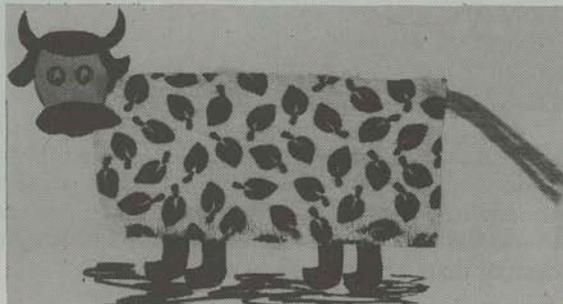
O Sr. Osvaldo dos Reis, é um dos ilhéus apaixonado pela nossa Cultura popular. Cantador de Terno de Reis, Bandeira do Divino, Boi-de-Mamão, etc.

Diz ele que certa ocasião com outros companheiros tinham que dançar uma Bricadeira de Boi, mas não tinham as figuras completas, faltava principalmente o Boi. Na pressa de fazerem a figura do boi, foram no matadouro e conseguiram uma cabeça de boi ainda fresca, e como não dava tempo para secá-la, depois de escorrido todo o sangue, raspam o que deu e começaram a empanar a mesma, ou seja cobri-la de pano, pois o dia da apresentação estava próximo. E assim conseguiram terminar o boi, que já começava a feder. E não deu outra, no dia da apresentação o dançador do boi meteu-se em baixo do boi com a cara enrolada de pano pois o boi estava podre. O fedor era tanto que começaram a gritar: "o boi tá pobre. . . o boi tá podre". Diz o seu Osvaldo que somente cinco meses depois passou a podridão da cabeça do boi. Isso são coisas que acontece.

De outra feita o tocador de Gaita de 8 baixos, João Lindoca, depois de uma apresentação do Terno de Reis do grupo deles, pegou no microfone e para animar o povo que se encontrava no local, disse: "oi gente, agora eu vou tocar na minha gaitinha "Aripuca no quintale".

Depois das cantorias, a dona da casa disse: "agora vamos intrar pra tomar uma "boquinha de café) ou uma "buchechinha". Aí o seu Osvaldo perguntou para uns rapazes que estavam por perto "vocês aí não querem uma buchechinha de café/" Esses responderam: "Não senhora nós estamos com o "panduli cheio".

Disse também um tal de Candido coveiro, grande cantador de terno e bandeira do divino, participou de um convite para ir na Assembléia Legislativa receber um auxílio para o grupo de Terno de Reis, do presidente na época ex-deputado Júlio Cesar. Todos foram apresentados e cumprimentados pelo Deputado. Quando chegou na vez do Candido, o seu Osvaldo disse: "deputado este aqui além de bom cantador ele também é coveiro do cemitério". Aí o deputado disse, "muito prazer", e Candido disse: "o prazer é todo meu deputado pra fazer o seu enterro". Diz o deputado Júlio Cesar "vira essa boca pra lá, vai agora a tua mãe". Diz o Candido, "pois é deputado, ela já morreu".



Instituto Lageano de Tradição e Folclore — ILTF

Em meio à crise generalizada que assola o Brasil, fala-se muito em política, economia, além de mazelas como violência e corrupção. Assim está passando despercebida, entre outras, a questão da cultura, a qual se analisada profundamente, é peça fundamental para o País resolver seus graves problemas. Há décadas, passivamente, estamos sofrendo um intenso processo de aculturação — “batendo palmas à ganância estrangeira” —, que certamente é um dos responsáveis diretos pela nossa dívida externa, pois a intervenção na cultura tem sido usada como estratégia para chegar-se à dominação política e à exploração econômica — todas vêm no mesmo galope.

Na região dos Campos de Lages, evidentemente, a situação é a mesma. Tendo como principal característica de sua formação a presença do homem fortemente enraizado à terra e a atividade primária — o que originou um importante centro da cultura gaúcha —, nos últimos anos estão desaparecendo elementos importantes de nossa identidade histórica, enquanto cavalgamos num lirismo inconseqüente e vivenciamos coisas que não nos dizem respeito.

Por razões como estas, fundou-se e encontra-se em processo de organização o INSTITUTO LAGEANO DE TRADIÇÃO E FOLCLORE — ILTF. Que, de forma sintetizada, tem como objetivo “pesquisar e estudar a cultura do homem serrano, em termos de passado e presente, com vistas a resgatar a sua memória e consciência histórica” — como está definido nos estatutos.

Criado em galpão, a calor dos braseiros, rodas de mate e músicas nativas o ILTF está voltado especialmente para o homem rural, embora conste na programação de suas atividades o estudo de tradições e folclore urbanos. Pretende atuar permanentemente de forma sintonizada com as verdades históricas e sociais do presente, abdicando de figuras mitológicas que infestam o culto das tradições gaúchas (como o “centro dos pampas” e o “monarca das coxilhas”) e também abandonando a idéia saudosista e ultrapassada de “que a única felicidade possível perdeu-se definitivamente no passado”. Chega de conformismo e glorificação do irreal, como se a realidade atual não tivesse a mínima importância e a vida não passasse de uma fantasia. É preciso gerar frutos.

O ILTF é uma entidade civil, autônoma, sem fins lucrativos, com membros fundadores e efetivos definidos, mas aberta a todas as outras entidades e pessoas interessadas pela cultura de Lages e a gaúcha como um todo (gente, terra, história, ecologia . . .). Assim irá trabalhar de forma eclética, nas diversas áreas, como música, literatura, dança, teatro, artesanato, artes cênicas e plásticas, bem como folclore (usos e costumes) e aspectos sociológicas. Para isto pretende contar com um grupo de colaboradores dos mais diversos campos do conhecimento humano.

Visando a consolidação de seus objetivos o ILTF tentará recursos junto aos poderes públicos, fundações estaduais e nacionais; mas pretende, sobretudo, tornar-se um grande beneficiário da Lei 7505 ("Lei Sarney"), além de gerar renda própria através de shows, publicações e outras alternativas.

Lageano como ponto de referência, mas serrano por opção, o ILTF quer transformar-se em mais um instrumento para consolidação dos movimentos culturais de Lages, principalmente quanto ao gauchismo, que nos nossos pagos assume particularidades próprias, como resultado da miscigenação de raças e da adaptação ao conjunto de elementos naturais existentes.

É hora de repensar o conteúdo, a organização e o culto ao tradicionalismo, apresilhando o torneio de laço, o fandango e tragos de canha ao estudo, a pesquisa e o registro de nossas tradições, folclore e história.

Muito disto o ILTF propõe-se a fazer. Que o Patrão Velho nos dê fé, coragem e determinação para cumprirmos estes objetivos.

RENAN DE COËDOVA MELO
Presidente do ILTF

ULISSES DE ARRUDA CÔRDOVA
Diretor de Cultura do ILTF



Promoção do Folclore na Escola

FUCISCF realiza I Festival Estudantil de Danças Juninas

Prof. Sônia Maria Copp da Costa.

Com o objetivo de estimular e valorizar o folclore na formação cultural do município, a diretora da Fundação Cultural Ilha de São Francisco, Sra. Iná Alves de Deus Inácio, promoveu junto aos Estabelecimentos de Ensino, o 1º Festival Estudantil de Danças Juninas.

O evento realizou-se nos dias 22 e 23 de junho no Cine-Teatro X de Novembro e dele participaram cinco dos Estabelecimentos de Ensino da Rede Estadual, a saber: E. B. Prof. Claurinice Vieira Caldeira: Dança da Quadrilha; E. B. Felipe Schmidt: Dança da Chimarrita; E. B. Integrada Victor Konder: Dança da Quadrilha; Colégio Estadual Santa Catarina: Dança do Pau-de-Fitas; E. B. Vereadora Ruth Nóbrega Martinez: Dança da Quadrilha e a Dança da Lenda da Fogueira de São João.

A promoção contou com o apoio e incentivo da 05.04 Coordenadoria Local de Educação, através da Prof. Rosalba Lima Pereira.

A FUCISCF pretende continuar com esta dinâmica programação, valorizando a nossa cultura popular, e motivando os professores na busca de inovações folclóricas, a fim de tornar esses eventos notáveis para a educação das crianças franciscenses.

I Festival Estudantil de Danças Juninas

Promoção: Fundação Cultural Ilha de São Francisco — FUCISCF

Colégio Estadual "Santa Catarina"

Apresentação: "Pau-de-Fitas"

Componentes: 6 pares de alunos da 2ª série

Professora Responsável: Suely Maria da Costa.

Diretor-Geral: Júlio Eloi da Silva

Histórico:

A Dança do "Pau-de-Fitas", no folclore catarinense, é apresentada em várias regiões do Estado, por Grupos folclóricos, que diversificam essas apresentações, com outras danças do folclore catarinense, dadas à formação étnica da população do catarinense.

De origem portuguesa, encontramos-a associada à Dança dos Arcos de Flores e à Jardineira. É uma apresentação das mais lindas do folclore catarinense, apresentada em grupos pares composto de rapazes e moças, ou de moças transvestidas em cavalheiros. É uma dança apresentada por várias etnias, encontrando-se entre os teutos-bra-

sileiros, ítalos e até os poloneses também às apresentam. Entretanto a Dança do Pau-de-Fitas, mais se destaca no litoral, alegrando e colorindo as festas juninas.

A Escola Básica "Vereadora Ruth Nóbrega Martinez" da Localidade de Miranda participou, do I Festival Estudantil de Dança de São João. — Danças Juninas.

Da programação constou: "Lenda da Fogueira de São João".

Dançarinos: 6 pares de alunos das 1.^{as} séries A e B. **Cenários:** 4 alunos da 5.^a série. **Conunto:** 4 professores da 5.^a série. **Cartaz:** 1 aluna da 1.^a série A. **Letra da Música:** I — Venham todos minha gente / Alegrar o coração / Vejam nesta linda noite / É dia de São João. II — Todo ano se repete / Esta lenda Colossal! / De armar uma fogueira / Na Festa do Arraial — Bis / III — Tem barracas, bandeirinhas / Tem pipocas, tem pinhões / Vamos todos minha gente / Reviver as tradições.

Refrão: Vamos acender a fogueira / Como Izabel acendeu / Para contar a Maria / Que seu filho nasceu — Bis. **Pesquisa:** Prof.^a Sônia Maria — **Equipe de Apoio:** Direção da Escola, Secretária, Prof.^s Inalva e Kéthe. "Clube de Mães" e A.P.P. **Pessoal envolvido:** Todas as Professoras e Pais de Alunos. **Gravação Acordeon:** Sr. Tim. **Violão:** Prof. Jucélio. **Pandeiro:** Prof. Inalva, e **Alunos** das 1.^{as} séries A e B.

VIVER NO PRESENTE AS TRADIÇÕES DO PASSADO, É PRESERVAR A NOSSA CULTURA POPULAR. — Clarice Portela Lima — Diretora.



Alunos da 3.^a série A da Escola Básica "Carlos da Costa Pereira", de São Francisco do Sul, momentos antes do Desfile Cívico de Sete de Setembro de 1987, com a Professora Sônia Maria Copp da Costa.

A Lenda da Fogueira: Conta a lenda que, quando a Santa Izabel estava esperando um filho, combinou com a sua prima a Virgem Maria, que mandaria acender uma fogueira no alto de uma colina perto de sua casa. Assim, participaria o nascimento da criança. Quando nasceu São João, uma fogueira bem grande foi acesa. Por causa dessa lenda, até hoje as fogueiras alegram as noites de São João.

Os motivos decorativos e as variedades de comidas e bebidas, são usadas de acordo com os costumes e produtos de cada região, alegrando nossas festas juninas.

Dança da Quadrilha: Componentes — Alunos de 4ª, 5ª e 6ª séries. Cartaz — Uma aluna do Pré-Escolar. **Histórico:** É uma contra-dança de salão, de origem francesa. Surgiu em Paris, no século XVII, como uma Dança Aristocrática, preferida pela sociedade da época. Foi trazida para as Américas, sendo acolhida com simpatia no Rio Grande do Sul, recebendo as vestimentas com colorido especial.

Notadamente apresentada nas festas do mês de junho, a **Dança da Quadrilha** é exercitada aos pares, damas e cavalheiros, obedecendo uma coreografia própria, com bastante animação, alegrando as noites de São João.

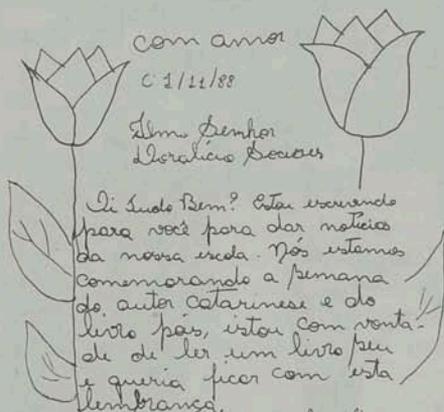
Parabenizamos à diretora da FUCISP pelo evento e à Profª Rosalba Lima Pereira, coordenadora local de Educação pelo incentivo e apoio a esta programação.





FESTA JUNINA: Escola Básica "Ver. Ruth Nóbrega Martinez", na localidade de Miranda, São Francisco do Sul.

MORRO DO MAGUINÉ — BAIRRO MIRIM — IMBITUBA



Com amor

C: 2/11/88

Almo Senhor
Doralício Soares

Li tudo Bem? Está escrevendo
para você para dar notícias
da nossa vida. Nós estamos
comemorando a semana
do autor Catarinense e do
livro país, está com vontade
de ler um livro seu
e queria ficar com esta
lembrança.

Eu gosto muito ler livros
de autores catarinenses e
há muitos livros bons
de se ler porque tem coisas
muito boas que se aprende
nelas. E vou terminar
minha costinha com
uma poesia, beijos e
abraços

Se eu fosse uma rosa
te daria um beijo mas
como sou uma criança
te dou meu coração

Aluna Jane
Lerina

5^a
Série
B

E tenho 11 anos

Com a escrevo amor
Com B escrevo beijos
Com D escrevo Doralício
que fica no meu coração

"Com seu coração ficarei
Com todo amor que ele tem
Que Deus lhe faça muito bem
E linda moça também"

Doralício

F.T. Seguem os livros

MORRO DO MAGUINÉ - BAIRRO MIRIM
IMBITUBA - 88780-50

São Miguel do Oeste — SC

Promoção do Folclore na Escola

12ª UNIDADE DE COORDENAÇÃO REGIONAL — Divisão de Administração do Ensino — São Miguel do Oeste. COLÉGIO ESTADUAL "SÃO MIGUEL".

Projeto PRODIARTE — 14. Responsável Prof. Ivone Pelegrini Aléssio.

Grupo de Dança da 3ª série.

Coral Águia Branca. Alunos da 5ª, 6ª e 7ª séries. Fundado em 1984.



Promoção do Folclore na Escola

Festa do Vinho

Dando seqüência ao destaque da Comissão Catarinense de Folclore, para a “Promoção do Folclore da Escola”, abrimos espaço nesta edição para destacarmos a “FESTA DO VINHO” em Urussanga no ano de 1986, quando presente ali estivemos e fotografamos os vários Corais Infantis que participaram das festividades, e as danças pelos mesmos realizadas.

Os textos entretanto, referentes as participações das escolas e os respectivos corais são de autoria das professoras responsáveis pelas suas escolas, nos sendo enviados pela Secretária da Educação Ana Maria Mariot Vieira.

Nas páginas montadas com as fotos, abrimos espaço, para indicar cada grupo, a que escola pertenciam. D. Soares

COLÉGIO “RAINHA DO MUNDO”: alunos da 3: a 6: séries.

FOLCLORE ITALIANO. Música Orquestrada: MONFERRINA — É uma dança em homenagem à cidade e moradores de MONFERRI.

As músicas do Folclore Italiano, são o espelho da mais bela e encantada península do mundo. São o retrato falado e cantado de um povo, cuja história remonta a milênios. É realmente a imagem viva de um passado que não morre na memória e no coração de um grande povo.

Não somente a letra, que narra em todos os detalhes a vivência de uma gente sangüínea, altaneira e apaixonada, como também da alma italiana. São na realidade um inestimável tesouro de sabedoria e de graça para todos os povos.

A pauta do folclore é simplesmente a vida real sem retoques. É nela que se enfloram o cotidiano, os dramas, as tragédias, as batalhas, as vitórias e as derrotas. É por ela que passam os gênios e os heróis, os ébrios e os palhaços.

O Folclore abrange o homem e a natureza, das montanhas às praias, dos vagalumes às estrelas, do azul dos mares ao azul do céu.

Os mares de Veneza com suas gôndolas e os encouraçados distantes, tudo canta, tudo dança, tudo vive na garganta e no coração de um povo que guarda um passado de lutas e sonha com um futuro de glórias. (Texto do Colégio “Rainha do Mundo”).

COLÉGIO ESTADUAL “CAETANO BEZ BATTI” — Bairro da Estação

O imigrante italiano trouxe consigo um pouco de tudo aquilo que era seu: uma fé inabalável e uma blasfêmia inconsciente; uma alma expansiva e um sangue escaldante; uma prece fervorosa e uma sátira sensual. Trouxe também roupas coloridas, bíblia e rosários, espingarda e facão. Sua alimentação básica é o “macarrão” e a “polenta”.

Além das canções o imigrante italiano trouxe-nos hinos, o jogo de bocha, a mora e o três-sete. Entre tantas recordações de nossos antepassados, temos também a dança Funiculi Funiculá, e a Tarantela que é a mais bela forma de expressão humana, a qual se apresenta aqui através do Grupo.

Folclórico do Colégio Estadual “Caetano Bez Batti”, sob a orientação da Prof. Luiza Maria Serafim Cordini.

DANÇA DOS MINEIROS — Colégio “Lucas Bez Batti” — SANTANA

Dança de Expressão Corporal, na História da Carruagem de Fogo. De manhã à tarde, à noite, não há horário pré-determinado. Qualquer hora é hora do operário da mina de carvão.

Levando seu lanche a tira-colo, seus equipamentos de trabalho, lá... vai... ele... sorrindo e brincalhão, segue firme ao subsolo.

Uma cidade montada de forma rústica, toda iluminada, com ventilação artificial, ele desce... pisando firme, tendo sobre si um teto falso, convicto da ida, duvidoso da volta.

São seis horas de árduo trabalho. O suor e o pó do carvão, misturam-se sobre a pele, tornando-a negra, como o próprio *ouro negro*, que ele extrai. (Texto do Colégio “Lucas Bez Batti” — Santana.)

DANÇA ITALIANA — Professora responsável pela dança: Maria Tereza Chagas.

Os imigrantes italianos contribuíram grandemente para o desenvolvimento e a origem de Urussanga. Ainda hoje conservam os seus costumes, e suas tradições estão presentes nesta terra. Podemos destacar, as atividades religiosas, a alimentação com suas comidas típicas, o romantismo e suas danças.

Através da música, principalmente a “tarantela”, os alunos da Escola Básica “Lucas Bez Batti”, da comunidade de Santana, apresentaram uma dança típica, homenageando os colonizadores de Urussanga, perpetuando a memória desses imigrantes da melhor estirpe, que tudo nos legaram.

Osmar Nunes e Ana Maria Mariot Vieira.

DANÇA DA POLKA: Colégio “Padre Schuller e Maximiliano Gaidzinski” de Cocal.

Originária da Boêmia, a POLKA, é uma dança polonesa, que se destaca pelo ritmo alegre e sua música contagiante.

É apresentada sempre nas festas populares da Polônia, e também preferida nas danças e nos bailes de salão. Espécie de vanerão do Sul brasileiro.

A Polka foi introduzida no Brasil por volta de 1830, e alcançou grande sucesso na época, tendo vários compositores brasileiros se dedicado a esse gênero de música, com grande aceitação no seio da população brasileira.

O ritmo alegre e melódico de suas músicas, torna essa dança popular, tanto no folclore polonês, como em qualquer outro país.

Nesta festa, é apresentada com a participação dos alunos do Colégio “Padre Schuller e Maximiliano Gaidzinski” de Cocal. Foi ensaiada pela professora Zulma com a colaboração da Prof. Neide.

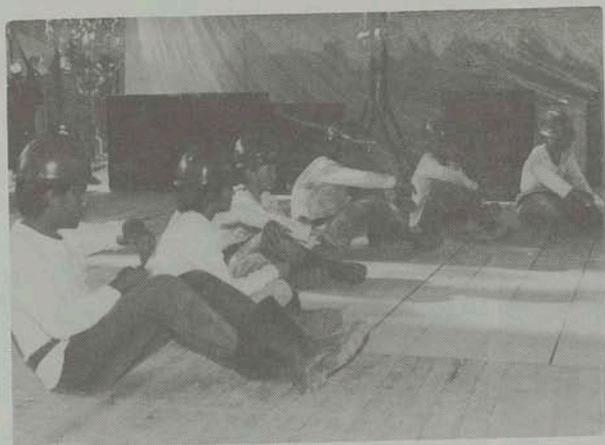


*Colégio Estadual
Caetano Bez Batti
Bairro da Estação*

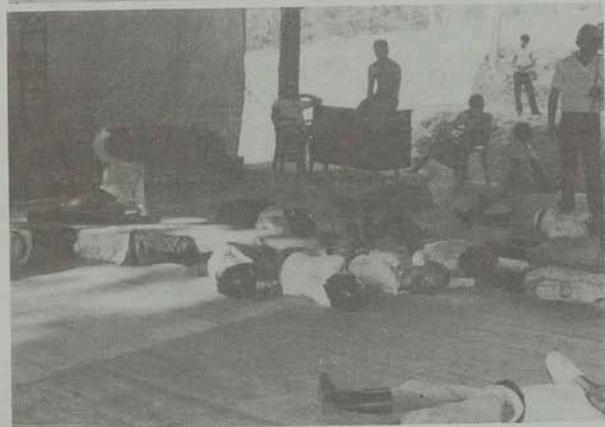


*Colégio Estadual "Rainha do
Mundo" — Cocal*





*Os mineiros
(Explosão da Mina)
Escola Básica
"Lucas Bez Batti"
Santana*



Morte com gás



Coral Infantil do Distrito de Cocal
Maestro: Jaime de Brida



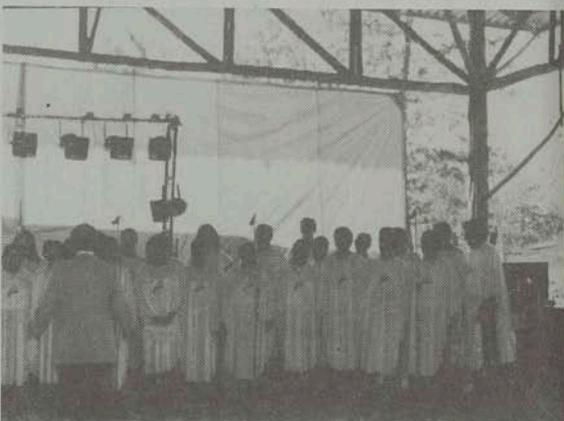


Escola Básica Barão do Rio Branco

Grupo Polônês — Cocal Colégio Estadual Padre Schuller



*Apresentações dos Corais cujas
fotos estampamos: Coral da
UFSC; Coral NATIVIDADE de
Cocal; Coral IMIGRANTES de
Siderópolis; Coral SANTA
CECÍLIA de Urussanga.
Coordenação do maestro Acácio
Santana.*





As irmãs Gomes de Pedras Grandes, deram um colorido especial à Festa do Vinho 1986 de Urussanga



Movimento Cultural Catarinense — ano 86

Florianópolis — Santa Catarina

Como nos anos anteriores, o movimento cultural de Santa Catarina foi muito proveitoso, principalmente no que se relaciona ao lançamento de novas obras.

Florianópolis — SC

Os professores Walter Fernando Piazza e Osvaldo Ferreira de Melo, numa edição do Conselho Estadual de Cultura, ofereceram valiosa contribuição ao II Congresso de Comunidades Açorianas, realizado em novembro de 86 na cidade de Angra do Heroísmo, nos Açores. O primeiro, apoiado por forte documentação, apresentou o tema “A Epopéia Açoriana” (1748-1756). Já o prof. Osvaldo Ferreira de Melo, focalizou o tema “Influência Cultural dos Açores em Santa Catarina”.

Florianópolis — SC

Com convites da UFSC — UDESC e o Conselho Estadual de Cultura, foi promovido o lançamento da obra “Consciência Ecológica — A Luta pelo Futuro” do prof. Paulo Fernando Lago, editado pela UFSC em co-edição com a UDESC. O lançamento deu-se a 16.5.86 no salão de Atos da Reitoria da UFSC.

Caçador — SC

SEMANA DO CONTESTADO — outubro de 1986

Com uma programação extensa, foi realizado em Caçador — SC, a “Semana do Contestado”, entre os dias 23, 24 e 25 de outubro de 86.

Do programa constou: 2º Festival de Folclore do Homem do Contestado — Viagens de Trem na Ferrovia do Contestado — 1º Seminário Nacional do Contestado — “Oratório do Contestado”, Marco Histórico do Contestado, de autoria do Maestro Acácio Santana, e 3º Expofeira Agropecuária de Caçador.

Florianópolis — SC

A Unidade de Letras da Fundação Catarinense de Cultura e a Editora da UFSC, promoveram em novembro de 86, na II Feira do Livro de Florianópolis, o lançamento

das obras: "Grifos e emblemas" de Hugo Mund Junior, "Poemas para quem caminha" de Renato Gomes Tapado, Prêmio "Luís Delfino" de poesias de 1986. "Folhas avulsas penduradas num cabide", de Neorí Rafael Krahi; Prêmio "Virgílio Várzea" para Contos, 1986.

Florianópolis — SC

A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina, com sede no prédio da ex-Alfandega, 2º andar —, Fpolis, num festivo coquetel, promoveu a inauguração de sua nova sede.

Constou da programação o lançamento do Título I da Coleção de Escritores Catarinenses, a obra OPIM DE VIDRO, do poeta José Gomes Neto, co-edição AESC — Funcex — Massao Ohno.

Com um recital de poemas pelo Grupo Universitário, se apresentaram vários poetas declamadores.

Noticiário 86 — Santa Catarina

Constou ainda a exposição de obras de Massao Ohno-Editor. Instalação da série "Artepoema" Assis/Silveira de Souza, e do posto e vendas de livros de escritores catarinenses, na sede da AESC.

Florianópolis — SC

FLAUTA DE ESPUMA, reúne versos que o poeta Hugo Mund Junior, oferece a Santa Catarina, com apresentação do escritor João Paulo Silveira de Souza, que analisa a produção do autor.

Caçador — SC

A FEARPE — Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe, e a Direção do Museu Histórico Antropológico da Região do Contestado, promoveram solenemente a inauguração do Edifício "Achilles Stenghel", réplica ampliada da primitiva Estação de Rio Caçador, que será a sede própria do Museu do Contestado, construída pelo Governo do Estado, com apoio da comunidade de Caçador. Foi realizada na oportunidade, a SEMANA DO CONTESTADO.

Florianópolis — SC

A Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, a Fundação Catarinense de Cultura e o Museu de Arte de Santa Catarina, promoveram no mês de março de 86, as exposições: Rubens OESTRODEM — Pinturas. Maura TIMM — Desenhos. Da programação constou o lançamento do livro: PÉ DE VENTO, Poemas de MILA RAMOS.

Florianópolis — SC

A Universidade Federal de Santa Catarina, e o jornal O Estado, patrocinaram o lançamento do livro "OS CIVIS VOLTAM AOS QUARTÉIS", de autoria do jornalista Sérgio da Costa Ramos, no mês de dezembro de 86. Editada a obra pela UFSC em co-edição com O Estado.

Florianópolis — SC

DEVANEIO: Myriam Conceição Dias Beltrão F. Carvalho.

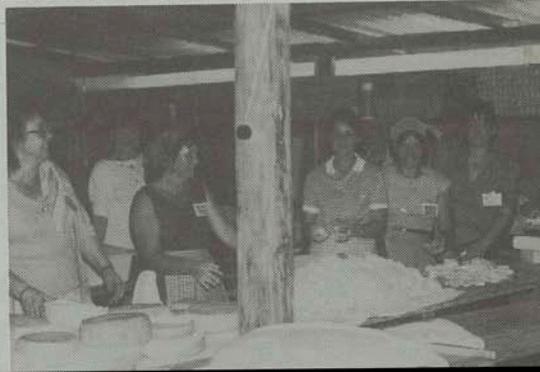
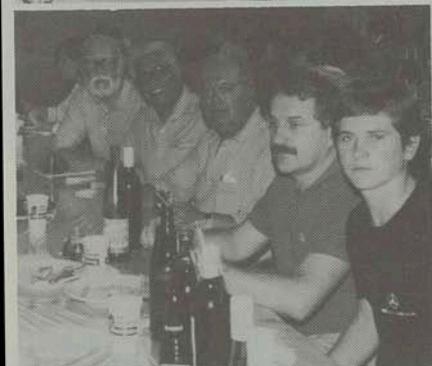
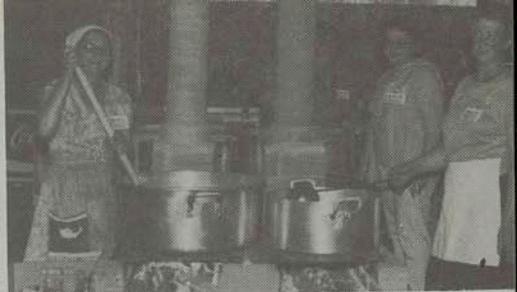
Poucos poetas têm a sensibilidade emocional da poetisa Myriam. O seu livro DEVANEIO, lançado em maio de 86, reúne o que existe de mais belo entre as poesias ultimamente produzidas em Santa Catarina. Em forma de versos rimados ou em prosa, a poetisa nos transmite mensagens contantes de amor, esperança e realidades do cotidiano.

Myriam, ex-professora de Cultura Artística e Folclore da UDESC, revela na sua obra DEVANEIO, uma alma sensível as coisas belas e reais da vida.

Esposa do escritor e artista plástico Osvaldo Ferraro de Carvalho, empresta sua colaboração à Comissão Catarinense de Folclore, servindo-a como secretária.

Urussanga — SC — Itajaí e Brusque

Ilustram as nossas páginas, aspectos das Festas do VINHO, MAREJADA e FENARRECO, realizadas respectivamente no mês de outubro de 1986. São promoções paralelas à OKTOBERFEST, realizada em Blumenau. Os objetivos dessas promoções são alcançar os turistas que vêm a Santa Catarina, atraídos pela promoção da grande festa realizada anualmente em Blumenau.



COLONIZAÇÃO ITALIANA

Festa do Vinho

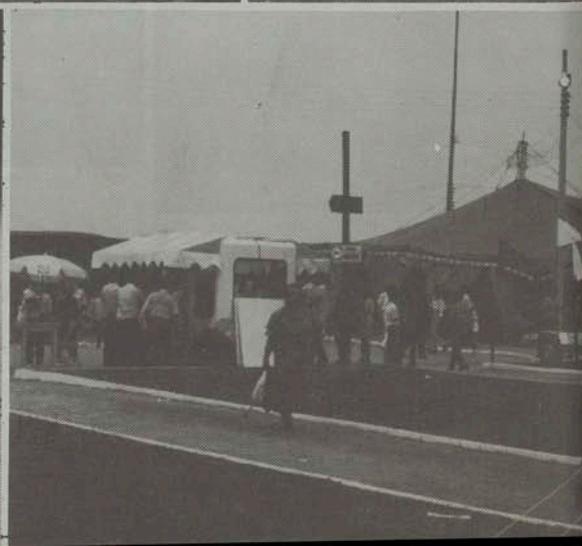
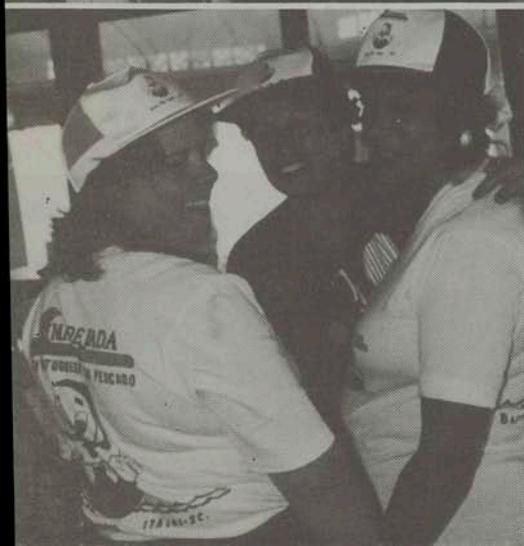
URUSSANGA • STA. CATARINA

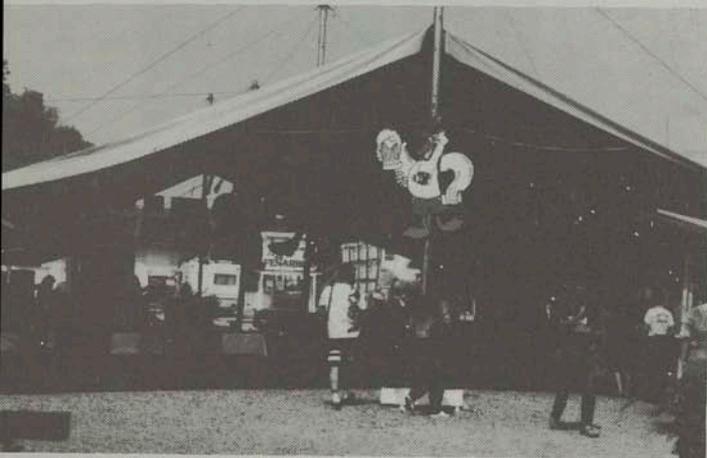
BRASIL

COLONIZAÇÃO
PORTUGUESA

Marejada

Itajaí-Santa Catarina-Brasil





COLONIZAÇÃO
ALEMÃ
2ª Fenarveco
Brusque - Santa Catarina



Academia italiana quer acervo de Seixas Netto

*Liège Copstein
Florianópolis*

*Ele nasceu num dia de Finados,
como convém a um
bruxo ilhéu, e durante sua
vida produziu vasta obra
que poderá sair do País.*



A família de Seixas Netto nem precisou consultar a bola de cristal deixada por ele para adivinhar que após a sua morte — há quase três anos — a memória popular se mostraria fraca como sempre. Trinta e sete livros, 148 tratados, 11 ensaios e 26 teses, nos mais variados assuntos, ficaram na gaveta, e dela só sairão para um destes dois destinos: ou a Academia Marconi, na Itália — que quer ficar com todo o acervo — ou um museu, construído aqui mesmo, que abrigue todo o conhecimento nele contido.

Na melhor tradição democrática, Norma Seixas Netto e seus filhos Niels Bohr e Max-Planck pretendem resolver até o fim do ano — por votação — o rumo a tomar. Mas parece que as circunstâncias já decidiram por eles. Até agora, nenhuma autoridade, fundação, universidade ou coisa parecida fez qualquer proposta. Se não se manifestarem rápido, Santa Catarina perde mais uma referência importante de sua identidade.

Entre as obras não divulgadas, existem algumas preciosidades. Um livro — Guia do Bom Meteorologista — relata o decorrer de 40 anos de prática da meteorologia, ilustrado com experimentos e seus resultados, positivos e negativos. “A ciência progride também em cima dos fracassos”, lembra Max. No campo da história, um vocabulário da língua carijó. Na astronomia, algo imperdível para os ilhéus, A Evolução do Cosmos, com a origem e formação de todas as praias da Ilha, mesmo as que não existem mais.

Fiel à multiplicidade de aptidões que caracterizou a obra de Seixas Netto, o acervo não se limita aos estudos científicos ou acadêmicos. Possui também incursões no campo da literatura, que se não condizem com as tendências de modernidade, são pelo menos corretas e honestas dentro do lirismo a que se propõem. E ainda

a coletânea de entrevistas que o autor afirma ter mantido com personalidades já falecidas, como Platão e Dante Alligueri — escrito nos dias que antecederam sua morte — e que vale tanto do ponto de vista espírita como da pesquisa criativa. Fica ao critério — e ao credo — do leitor.

A fama de bruxo que o acompanhou por tanto tempo pode — sobrenaturalmente — estender-se depois de sua morte. “Neste mesmo instante, pessoas loucas, sinistras, místicas, estão trabalhando para achar a cura do câncer, do herpes, da AIDS”, ironiza Max-Planck. Seixas deixou aparelhos de precisão, feitos artesanalmente, — um deles, muito estranho, de função desconhecida — e previsões meteorológicas até o ano 2.008, profetizando a repetição de alguns desastres ecológicos, ocorridos há pouco tempo no Estado. Mas deixou também uma bola de cristal e informações em campos bem menos objetivos, espiritualistas, que a família nega-se a revelar. “Só no momento oportuno”, adiantam.

Notícias Culturais dos Estados — 1986

Rio de Janeiro — RJ

CANTOS DO FOLCLORE FLUMINENSE

Numa co-edição com a Secretaria de Estado de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro — Departamento de Cultura INEPAC / DIVISÃO DE FOLCLORE — Presenças Edições — Rio de Janeiro, 1986. Sob a coordenação da Prof.^a Cásia Frade, registramos o recebimento de “Cantos do Folclore Fluminense”. É uma obra valiosíssima no que concerne a um trabalho de pesquisa do folclore do Estado do Rio de Janeiro.

A obra é dividida em cinco importantes aspectos do Folclore Fluminense: OS CALANGOS E CALANGUEIROS — VAMOS INDO NA CIRANDA — MINEIRO — PAU — DE PASTORAS E PASTORINHAS — CANTOS E ACALANTOS, E CONTOS. Nesses aspectos estão reunidos além dos textos das pesquisas com registros informativos, — letras, pautas musicais e esquema coreográficos, num trabalho que atesta o alto conhecimento das equipes coordenadas pela professora Cásia Frade do INEPAC / Divisão de Folclore.

Belo Horizonte — MG

Da Superintendente de Museu, Prof.^a Priscila Freire, Secretária de Cultura do Estado de Minas Gerais, registramos o recebimento dos Catálogos de Museu: “Devoção e Iconografia da Virgem — Tinha que ser Minas!? Ensaio de Política Mineira — Museu Mineiro, Celso Renato. “Arte no Sangue” Arte na Memória — Gabinete de Curiosidades — As Seis Telas de Athaide.” São publicações que dignificam o trabalho de museologia do Estado de Minas Gerais, e que tem no dinamismo da Professora Priscila Freire, sua lúdima defensora.

Bagé — RS

O Museu Dom Diogo de Souza, da Fundação Átila Taborda, inaugurou a mostra temporária “Velhas Embalagens, Latas e Caixas”, no mês de outubro de 86, tendo como local, a Av. Emílio Guilyn, 759 em Bagé.

Já no mês de abril o mesmo Museu havia homenageado “todas as noivas de todos os tempos”, promovendo uma visita a velhos “Baús da Esperança”, que foram abertos em suas salas.

Rio de Janeiro — RJ

O Ministério da Cultura, através do Instituto Nacional do Folclore, da Funarte, promoveu o lançamento de: “Balão no Céu, alegria na terra”, de Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro. “Bibliografia Folclórica” n.º 11/86, e “Ponteados de viola — SP (disco compacto), em novembro de 86. A promoção ocorreu no auditório do Anexo do Museu de Folclore Edison Carneiro.

Rodolfo Cavalcante, e embaixador do cordel

Faleceu recentemente, em Salvador — Bahia, vítima de acidente automobilístico, o alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, natural da cidade de Rio Largo — AL, filho de Artur de Holanda e Maria Coelho Cavalcante, nascido a 12/03/1917. Há muito tempo radicado no Estado da Bahia, era das maiores autoridades em Literatura de Cordel, do Brasil. Autor de mais de dois mil folhetos, de 8 a 120 páginas, possuía também o maior sortimento de folhetos de Cordel do Nordeste, e era membro de diversas entidades culturais do Brasil.

Dentre seus títulos mais importantes destacam-se de Fundador e vice-Presidente da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel — Bahia, Presidente do Clube Baiano de Trova, membro da Academia Castro Alves de Letras da Bahia, Academia Petropolitana de Letras, Academia Internacional de Ciências Humanísticas Y Relaciones do México e das Repúblicas Dominicanas e ainda condecoração pelo Príncipe Pascal III, herdeiro do Reino de Constantinopla.

Através dos folhetos de cordel, já tinha ouvido falar em Rodolfo, mas somente em Aracaju, tive a honra de conhecê-lo pessoalmente, por ocasião do Encontro Cultura de Laranjeiras, do qual participamos juntamente com o Professor José Maria Tenório.

Rodolfo era uma criatura maravilhosa, brincalhão e de uma comunicabilidade incrível. Travou uma batalha tremenda em defesa da poesia popular, principalmente da Literatura de Cordel.

Com muito sacrifício dirigiu os jornais Brasil Poético e a Trova, periódicos que têm por objetivo a divulgação da poesia Nordestina.

Durante a sua estada em Maceió por ocasião do Encontro de cantadores, renovamos nossa amizade e tivemos um bate-papo proveitoso, juntamente com o amigo professor José Ferreira da Ufal.

Conversar com Rodolfo era maravilhoso, pelos seus ensinamentos dentro do Cordel. Suas ambições, suas mágoas são mostradas em suas poesias, que jorram de sua boca com tremenda facilidade.

Como diz o adágio popular “Santo de casa não faz milagre”, Rodolfo foi um deles. Nunca recebeu atenção especial por parte das autoridades-culturais do seu Estado natal e isto o entristeceu muito.

De Salvador, após o Encontro de Cantadores, recebo uma carta sua, bem amável, na qual me comunica suas atividades, o recebimento do Diploma de Sócio correspondente da Academia Piauiense de Letras, e sua participação no 2º Seminário de Trovas, promoção do Clube dos Trovadores Capixabas, e ainda, ter comandado a caravana Cultural Governador Antônio Carlos Magalhães em Montes Claros.

Rodolfo preparava-se para receber o Título de Cidadão de Salvador, nos próximos dias.

Longe de sua terra natal, morreu Rodolfo Cavalcante, e com ele uma grande parte de criação poética popular. Mas sua memória sempre continuará viva junto ao povo. Não foi sem razão que o repentista alagoano Noé Calixto assim se expressou sobre sua morte:

“Quando eu tive a notícia
dada pelo pessoal
depois vi a sua foto
numa página de jornal
pra mim morreu uma banda
do folclore mundial.”

Ranilson Souza

Treze Tílias — SC

Treze Tílias é um dos municípios catarinenses, colonizado por alemães da região do sul da Áustria, descendentes do Tirol, que adotaram o Brasil como segunda pátria, se localizando na zona centro-oeste, próximo a Joaçaba e Videira.

O município é grande produtor de laticínios, destacando-se pela produção do leite “Tirol”, e famoso na produção de queijos e iogurtes.

Destaca-se ainda como berço de famosos escultores, entre eles os “Moser” cujas obras esculpidas (imagens), encontram-se em várias igrejas no Brasil. Entre essas destacamos o Cristo crucificado, na Igreja de Dom Bosco em Brasília.

O Grupo Folclórico de Treze Tílias, cujas fotos publicamos, tem se destacado em turnês, em várias cidades brasileiras. É um grupo de promoção folclórica, homogêneo, dedicado às danças da cultura germânica do Tirol Austríaco, cujas apresentações são destaque pelos lindos bailados coreográficos do grupo. Mantém também o grupo de danças do Pau-de-Fitas, com vários tipos de trançados, se revelando grande atração quando se apresenta. (fotos: Doralécio Soares)

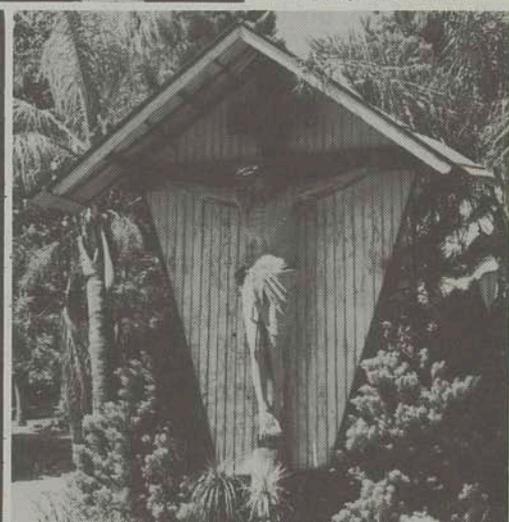
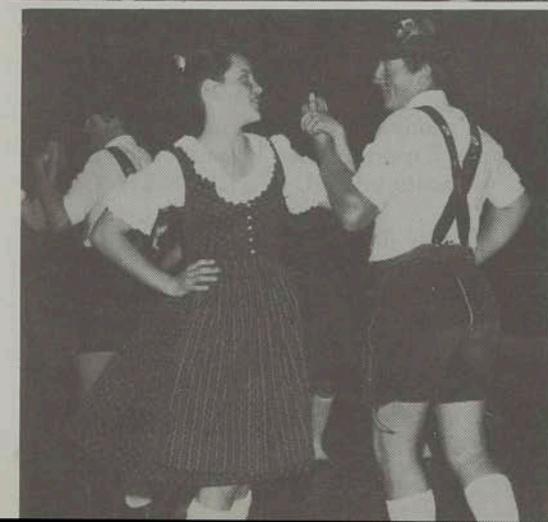


Treze Tílias

Grupo Folclórico de Danças Tirolesas trazidas dos Alpes, pelos seus antepassados.

São danças típicas transmitidas de geração a geração

Cristo Crucificado
Obra do escultor Godofredo Thaler



Noticiário Cultural de Santa Catarina — 1987

Florianópolis — SC

A Universidade de Santa Catarina, Governo do Estado e a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, patrocinaram o SIMPÓSIO DE CULTURA E IMIGRAÇÃO ITALIANA, no período de 11 a 15 de maio de 87. Foi realizado no auditório da Reitoria da UFSC, com apoio do Consulado Geral da Itália em Curitiba.

Florianópolis — SC

A Associação Coral de Florianópolis, homenageando o 152º aniversário de criação da POLÍCIA MILITAR de Santa Catarina, promoveu um Concerto Especial, com a Banda Sinfônica da mesma corporação, no Teatro do Centro Integrado de Cultura, em Florianópolis, no mês de junho de 87.

Outra promoção da mesma associação, deu-se em Florianópolis, quando apresentou o Grupo MATIZES BARROCOS em dezembro do mesmo ano.

A promoção teve lugar no auditório "Jose Caldeira de Andrada", e contou com a participação de: Marília Cardoso Green (Cravo), Glauco Duarte da Luz (flauta e canto), Glauco Adrieno Westphal (flauta doce), Osvaldo Ferreira de Melo (flauta doce), Maurício Ferreira de Melo (flauta doce), e Artur Battisti Filho (alaúde). Artista convidada: Audrey Frischknecht (flauta).

Florianópolis — SC

A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina — AESC, realizou o lançamento dos livros: "Cavaleiros das Eras" — Carlos Cidade. "Grifos e Emblemas" — Hugo Mund Júnior. "Me Pegam pra Kaput" — Jose Endoença Martins. "Na Grande Noite dos Girassóis" — Mila Ramos. "Folhas Avulsas Penduradas num Cabide" — Neori Rafael Krahl e "No Chão do Chão" — Vinícios Rosa Alves.

A promoção ocorreu no mês de dezembro de 87, na sede da AESC, à Rua Condeheiro Mafra, prédio da antiga Alfândega.

Florianópolis — SC

Do escritor e teatrólogo Nilson Mello, numa promoção do Governo do Estado, Casa Civil e a Secretaria de Estado de Cultura e do Esporte, foram lançados os livros de sua autoria: "ESTRELINHA DE CRISTAL" — conto infantil, e "FRAGMENTOS D'ALMA — poesias.

A promoção ocorreu na Casa da Cultura no mês de março de 87. Com essas obras o escritor e teatrólogo catarinense, vem contribuindo para o engrandecimento de nossa literatura, e do mundo infantil, já enriquecido com várias obras de sua autoria.

Florianópolis — SC

A GALERIA DO TAC — Teatro Álvaro de Carvalho, sito na Praça Pereira Oliveira em Florianópolis, apresentou por um período de 15 de setembro a 11 de outubro de 87, as Pinturas de KICO TAMBERLINI de São Paulo.

Dando continuidade às promoções, os artistas plásticos de São Paulo, Maria Christina Zorzeto e João J. Spinelli, também estiveram presentes com suas pinturas de 13 de outubro a 15 de novembro do mesmo ano.

Florianópolis — SC

Ainda em 87 a Galeria do TAC, apresentou os litógrafos catarinenses: BEBETO e RONALDO LINHARES, e PATRÍCIA AMANTE, com Papel Artesanal, encerrando o período de promoções culturais do TAC no mês de dezembro.

Florianópolis — SC

O MUSEU de ARTE de Santa Catarina, no ciclo de promoções em 87, apresentou nos meses de agosto/setembro: SETE ARTISTAS DE BRASÍLIA: Eduardo Cabral, Elder Rocha Filho, Eloísa Gurgel, José Guilherme, Pedro Alvim, Renato Palet e Sérgio Bessa, na área de artes plásticas.

MOSTRA DE JOVENS GRAVADORES DE CURITIBA: 18 artistas — Museu de Arte Contemporânea do Paraná. PROJETO DE ARTE BRASILEIRA — Funarte: Modernismo anos 20(30).

GALERIA DO PAPEL: “UNIVERSO AÇORIANO — desenhos de Franklin Cascaes — acervo do Museu de Antropologia da UFSC.

No mês de setembro o CICLO de promoções, continuou com: Nicolau Dragos, SP, com uma individual de pinturas. Doraci Gurrulat, SC — individual “Ética Visual” — ambientação, objetos e reprogravuras. 5 artistas de Lages, SC — premiados no Encontro Lageano de Arte/87. “Galeria do Papel”: Intercâmbio de “Arte sobre Papel” — MASC — MAN, SP.

Florianópolis — SC

“SÃO JOÃO DO RIO VERMELHO”, obra que a Universidade de Santa Catarina patrocinou o lançamento — “Memória dos Açores em Santa Catarina” de autoria de João Eduardo Pinto Basto Lupi e Suzana Maria Lupi, com a colaboração e desenhos de Sandra Losekann, junho de 87.

Florianópolis — SC

NEY LUIZ, comemorou festivamente os seus 30 anos de dedicação ao teatro e às artes na ilha de Santa Catarina. Para tanto foi realizada uma missa em Ação de Graças na Igreja Santo Antônio, com exposição de parte do Acervo Teatral, na Casa da Cultura em Florianópolis, maio de 87.

Tubarão — SC

Com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Tubarão, Rotary Club Tubarão e Rotary Club Tubarão-Leste, foi inaugurado a 17 de dezembro de 87, o MONUMENTO a TÔBA-NHARÔ, obra de autoria do escultor e artista plástico Willy Zumblick, na rótula central da Av. Patrício Lima, na cidade de Tubarão, SC.

ACADEMIA SUL CATARINENSE DE LETRAS — Ainda de Tubarão nos vem a notícia de que a Prefeitura Municipal, no Governo Miguel Ximenes, através do Departamento de Cultura, instalou no mês de dezembro de 87, na "CASA da Cidade", A ACADEMIA SUL CATARINENSE DE LETRAS.

Florianópolis — SC — 1987

O PAPA LIVRO CLUBE — 1º aniversário

Louvável a idéia do intelectual Wilson Mendes, com a fundação do "Papa Livro Clube".

Iniciativa que vem crescendo acentuadamente, com o elevado número de sócios que dia a dia, vem inscrevendo-se naquele "Gabinete de Leitura", instalado no CEISA CENTER — SL — 1010 — BL. B.

É uma biblioteca que reúne os Best-sellers do ano de autores renomados, além de reunir obras e revistas de autores catarinenses, nacionais e estrangeiros sobre os mais variados assuntos.

Vale dar uma chegada até lá, para conhecer o "Papa Livro" de perto.

Florianópolis — SC — 1987

NINFAS, MUSAS E DEUSAS — Álbum poético de Davi J. F. do Vale Amado.

A Assembléia Legislativa voltou a dar cumprimento ao setor da sua área cultural, quando deu início no dia 28 de maio no seu Plenário o lançamento do livro "Ninfas, Musas e Deusas" de autoria do escritor Davi do Vale Amado.

Foi um acontecimento cultural marcante, com a presença de autoridades, jornalistas, escritores e elevado número de pessoas do nosso meio cultural.

Florianópolis — SC

O Departamento de Eventos Culturais do Hotel Diplomata, promoveu no dia 15/07/87, com Coek-tail, no hall de recepção e hall do salão de convenções a abertura da exposição dos artistas plásticos, Pedro Paulo Vecchietti (tapeçaria) e Jandira Menezes (desenhos). Na mesma data, foi realizada no Piano Bar, do Hotel, a noite de autógrafos do escritor Flávio José Cardozo, com o lançamento dos seus livros "Beco da Lamparina" e "Longínquas Baleias".

Pomerode — SC

A Prefeitura Municipal de Pomerode, fez realizar a 24.11.87, a IX Exposição de Pinturas em Porcelana de Pomerode, através do seu Departamento de Turismo, que teve como local o Centro de Exposições da Prefeitura Municipal.

Florianópolis — SC

O MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA, no seu Ciclo de Novembro de 87 apresentou: DANÚBIO GONÇALVES — (RS) — Individual de Gravuras. Idem, DIANA DOMINGUES. PROJETO BRASIL — FRANÇA — Três exposições: Place Rayale, Impressões Brasileiras, e Impressões Paranaenses: Cartazes, fotografias a cores e preto e branco. SALÃO PARANAENSE — Artistas Catarinenses.

Brusque — SC — 1987

O MUSEU ARQUIDIOCESANO DOM JOAQUIM, de Azambuja, lhe deseja boas vindas.



O acervo é constituído de objetos de arte sacra do imigrante europeu e de sua vida cultural e social.

O prédio data de 1902 e foi construído em estilo românico moderno para abrigar o antigo Hospital de Azambuja.

Como museu, foi inaugurado em 3 de agosto de 1960, por ocasião do centenário de Brusque.

A propriedade é da Mitra Arquidiocesana de Florianópolis, mas o patrimônio cultural é dos brusquenses.

**ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE ESCRITORES
DE SANTA CATARINA**

A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina — AESC sente-se honrada em convidar Vossa Excelência e família para a *I Noite da Literatura Catarinense*, ocasião em que serão homenageados os eleitos por escritores catarinenses como os que mais se destacaram, no período 1986-1987, na área literária:

Escritor Flávio José Cardozo — cronista

Escritor Glauco Rodrigues Corrêa — romancista

Escritor Hugo Mund Jr. — poeta

Escritor Lauro Junkes — crítico literário

Escritor Silveira de Souza — contista

Escritora Urda A. Klueger — romancista

Escritor José Gomes Neto — animador literário

Prefeito Neivor Canton, de Ipumirim — personalidade administrativa

Jornal de Santa Catarina — divulgação

TV Barriga Verde — divulgação

Elaine R. Pompermayer Otto — amiga da AESC

Deputado Salomão Ribas Jr. — amigo da AESC

Deputado Juarez Furtado — amigo da AESC

Na oportunidade, estarão autografando suas últimas obras os escritores:

Alcides Buss, Carlos Cidade, Celestino Sachet, Claudir Silveira, Dinovaldo Gilioli, Doralécio Soares, Édison D'Ávila, Edith Kormann, Enéas Athanázio, Eulália Maria Radtke, Flávio José Cardozo, Glauco Rodrigues Corrêa, Harry Laus, Hermes J. Patrianova, Holdemar Menezes, Hugo Mund Jr., Inês Mafra, Jair Francisco Hamms, Janer Cristaldo, Joel Rogério Furtado, José Curi, José Endoença Martins, José Gomes Neto, José Jaime Varela, Júlio de Queiroz, Lauro Junkes, Márcio Camargo Costa, Maria Mercedes Minetto, Mariza Regina de Souza, Marlete Guedes de Mello, Marta Martins da Silva, Miguel Cavanus, Milene Corrêa, Mila Ramos, Nedi T. Locatelli, Neori Rafael Krahl, Nilson Mello, Paschoal Apóstolo Ptsica, Paulo R. Derengoski, Poeta Regis, Renato G. Tapado, Ricardo L. Hoffmann, Ruberal Prazeres, Sandra Losekann, Sérgio da Costa Ramos, Silveira Júnior, Silveira de Souza, Theobaldo Costa Jamundá, Urda A. Klueger, Vanderlei Rouver, Vinícius R. Alves, além de filiados à Associação dos Escritores de Chapecó, à Associação dos Poetas e Escritores Independentes de Blumenau, à Academia Sul Catarinense de Letras e de outros escritores convidados.

Data:

29/12/87, terça-feira, a partir das 20h30min

Local/Apoio:

Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina

**A FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA,
JUNTAMENTE COM A CERÂMICA PORTOBELLO
CONVIDAM PARA O LANÇAMENTO DA 4: EDIÇÃO
DO LIVRO DE DOMINGOS FOSSARI
"FLORIANÓPOLIS DE ONTEM" COM EXPOSIÇÃO
DOS ÚLTIMOS TRABALHOS DO ARTISTA, EM
AQUARELA E ÓLEO.**

Dia: 25/11/87

Horário: 20h

Local: Museu Histórico de Santa Catarina

Palácio Cruz e Sousa — Praça XV de Novembro

Florianópolis — SC

São 121 paisagens urbanas a bico-de-pena de uma Florianópolis que o progresso está destruindo, mas preservada pela mão de Domingos Fossari, num excelente trabalho gráfico.

Buscou imagens: ruas, parques e casas que já tinham se transformado, embora estivessem vivas na memória dos mais antigos, principalmente na do historiador catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral, falecido em fevereiro de 1978. Com fidelidade e minúcia, o desenhista recolheu através de velhas fotos — ou de locais ainda parcialmente existentes — o que era pacata Florianópolis do início deste século. Assim FLORIANÓPOLIS DE ONTEM tornou-se uma obra de nostalgia, de comparação do que existiu de romântico e do que ficou quase em ruínas. E mesmo, desenhando locais ainda existentes, o desenhista ilustrou com sua técnica o desejo de se envolver no passado sem muito progresso, mas talvez mais rico de calor humano e intimidade.

FLÁVIO DE AQUINO — Revista

Manchete — 31/04/79.

Fossari para os críticos de arte de estilos contemporâneos seria um academista, mas nas aquarelas podemos verificar criatividade nas combinações das cores, contrastes de claros-escuros, luminosidade, do natural, capacidade técnica quando cria o fantástico cotidiano catarinense. É um artista eclético, com técnicas de desenho e bico-de-pena, aquarela e óleo e cujo acabamento é de grande maestria, próprio de um artista maduro. Porém algo me surpreendeu sobremaneira e, na verdade, confesso que não se tratava de um Fossari desenhista de publicidade, caricaturista, cartográfico: é o aquarelista exprimindo com rara beleza o cotidiano florianopolitano. Consegue com nítido realismo ilusional a vista do expectador, confundindo misterioso aconchego, o natural e o construído pelo homem, dotando as obras de um todo harmonioso e com impacto mais apurados. Pancetti é o mestre das "águas-marinhas" a óleo, o gênio criador das ambiências de humildes pescadores e caprichosos mares. Fossari é um gênio das "águas-marinhas" em aquarela.

LENIN PENA (Professor de Artes da Escola de
Belas Artes do Rio de Janeiro — 1976)

POMERODE — SC

*Do escultor Ervin Curt Teichmann, recebemos:
Pomerode, 3 de maio de 1987*

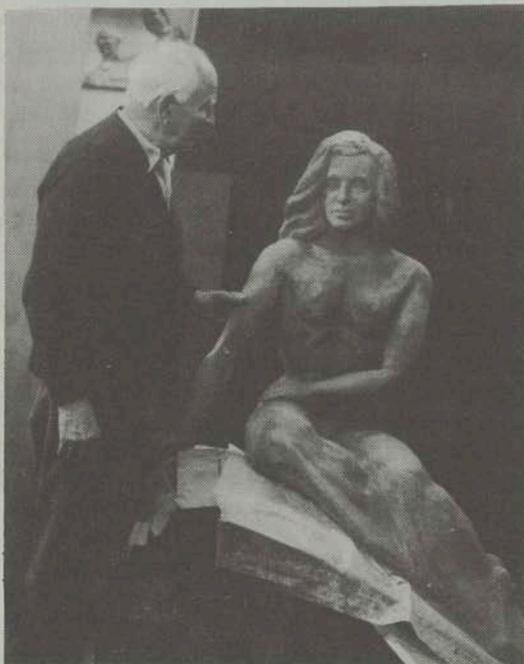
Prezado amigo senhor Doralécio Soares

“Pela presente, acuso o recebimento de sua remessa de dois exemplares do Calendário Cultural de S. Catarina, e o Caderno nº 2, “Jogo de Bocha”, da Biblioteca da Cultura Popular de Santa Catarina.

A sereia de sua foto já está instalada num pedestal bem natural do lago do Parque Malwee, perto de uma ponte bem bonita e bem feita de madeira roliça, coberta de folhas de palmeira, num ambiente bem típico e maravilhoso, criado pelo seu dono Sr. Wolfgang Weege, em Jaraguá do Sul. Lá também estou fazendo a figura da estátua da Liberdade de Nova York, que o Sr. Weege viu numa de suas viagens, e entusiasmou-se, de modo que resolveu animar-me a fazer uma reprodução da estátua no seu parque, que ele gosta e cuida com muito esmero. A estátua tem 4,5 metros de altura e está colocada no mesmo lago da sereia.

O meu muito obrigado, pela remessa, e na esperança de poder cumprimentá-lo em breve, transmito-lhe um forte abraço.”

— Em 88 estive visitando o Parque Malwee, mencionado pelo Sr. Teichmann, onde tive a satisfação de ver as suas obras, cuja Sereia, estampamos nesta página, quando ainda no seu atelier em Pomerode.



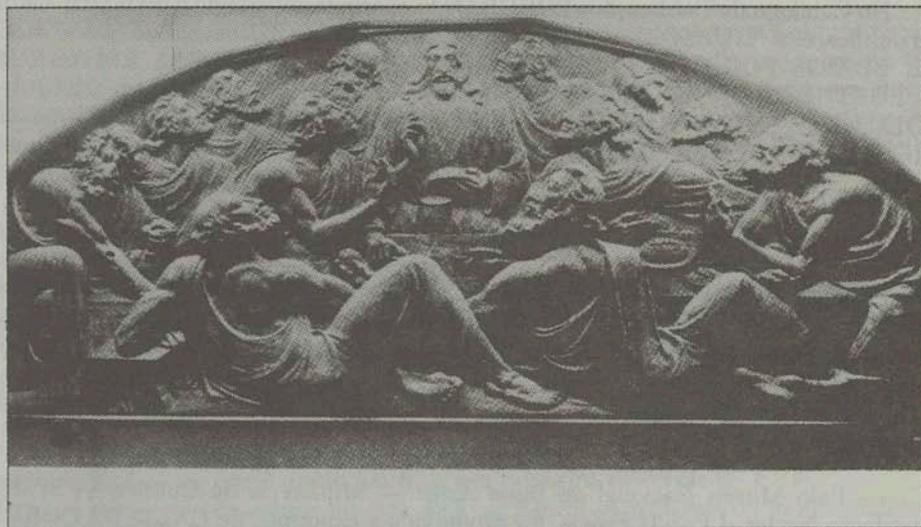
ERWIN CURT TEICHMANN

Escultor (47 anos de arte)

POMERODE — Santa Catarina



*Auto-retrato
de Erwin Curt
Teichmann*



Baixo Relevo do mesmo Autor

Noticiário Nacional — 1987

Petrópolis — RJ

VIVÊNCIA NA AMÉRICA — O Prof. Francisco Vasconcelos, grande estudioso dos costumes culturais brasileiros, agora numa incursão na América latina, nos oferece um substancioso trabalho em conteúdo, intitulado “VIVÊNCIA NA AMÉRICA”, onde o autor analisa o trabalho desenvolvido por algumas excursões nos seus vários aspectos culturais, não somente no interior do sul do Brasil, mas se estendendo também aos países da região platina.

Rio de Janeiro — RJ

O MIC através do Instituto Nacional do Folclore, inaugurou a Exposição MADEIRA — Presença e Arte, em novembro de 87, na Galeria Mestre Vitalino — Museu de Folclore Edison Carneiro — Rio de Janeiro, RJ.

Bagé — RS

O V Encontro Sul Rio-grandense de Museus, foi realizado de 28 a 31 de outubro de 87, no Museu Dom Diogo de Souza, Bagé — RS.

Rio de Janeiro — RJ

No Catálogo de Publicações YORUBANA, continua constando a oferta das seguintes publicações: “CURSO DE CULTURA RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA — JOGO DE BÚZIOS POR ODU — OS DEUSES YORUBÁ — FOLHAS EM YORUBÁ — PORTUGUESES E ORIXÁS CORRESPONDENTES — MAGIA YORUBÁ — VOLUME I — IDEM VOLUME II OS DEUSES AFRICANOS — CULTURA RELIGIOSA AFRO-NEGRA. Rio de Janeiro: Rua Matoso, 59 — 1º andar — Rio de Janeiro — RJ.

Rio de Janeiro — RJ

O MIC, através do Instituto Nacional do Folclore da Funarte, inaugurou com debates, da amostra “Casa da Flor” — fotografias e pesquisa de Amélia Zaluar, ocorrido em agosto de 87, na Galeria Mestre Vitalino — Museu de Folclore Edison Carneiro — Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro — RJ

— Pelo Museu Nacional de Belas Artes — Ministério da Cultura — SPHAN/Fundação Nacional Pró-Memória, foi promovida a exposição de CALIXTO CORDEIRO, na sala “Carlos Oswald”, a 19 de março de 87, à Rua do México no Rio de Janeiro.

No estilo de "Charges do Pitoresco", foi reunidos trabalhos de críticas sobre os assuntos mais diversos, destacando-se principalmente as figuras de intelectuais, escritores, políticos e jornalistas.

Fortaleza — CE

TEMAS DE LINGUAGEM E DE FOLCLORE — Florival Seraine, médico, antropólogo e sobretudo folclorista, reuniu na substanciosa obra "Temas de Linguagem e de Folclore", valiosos trabalhos de sua autoria, onde vamos encontrar a Antroponímia, num estudo laborioso e as formações de Palavras de Linguagem Popular dividida na sua formação orgacional na **SUFIKAÇÃO VERBAL — DERIVAÇÃO PROGRESSIVA — PREFIXAÇÃO — HIBRIDISMO — ETC.**, além de "Aspectos Históricos da Língua Nacional no Ceará", que se consubstancia entre os mais valiosos. Em **FOLCLORE**, o autor apresenta um estudo sobre o "TORÉM", dança de procedência indígena, e Reisado no interior cearense.

É uma obra das mais valiosas, dentro da temática desenvolvida pelo autor, onde as futuras gerações, encontrarão subsídios para o aprofundamento de seus estudos nessa área.

A contribuição cultural de Florival Seraine ao Estado do Ceará, é uma das mais grandiosas, colocando o autor de **TEMAS DE LINGUAGEM E DE FOLCLORE**, entre os intelectuais, que faz jus às instituições culturais a que pertence.

Ao registrar a importância dessa obra em nosso Boletim, o fazemos certos da divulgação de uma obra de grande valor cultural.

Votuporanga — SP

NOSSO FOLCLORE — O Prof. Carlos Rossato possui uma vasta produção literária, e sendo o folclore um dos seus mais intensos hobbies, onde pesquisando tem realizado importantes trabalhos. O nosso Boletim nº 35/36, publicou de sua autoria o artigo "O Dinheiro na Boca do Povo", e neste número estamos inserindo o seu artigo "ECOLOGIA DOS MITOS", de grande valor didático na área do ensino do Folclore na Escola.

Com a sua obra **NOSSO FOLCLORE**, o autor presta um grande serviço, principalmente aos professores do ensino de 1º e 2º grau, visto que terão nessa obra uma gama de assuntos que servirão de parâmetros para as suas aulas. É realmente uma obra que recomendamos aos estudiosos do "nosso folclore", que mesmo sem a profundidade necessária sobre o assunto, transmite conhecimentos necessários aos que se dedicam a essa área de ensino.

São Paulo — SP

ACADEMIA SANTAMARAENSE DE LETRAS — São Paulo. A Academia Santamaraense de Letras, comemorou em 87 o seu primeiro aniversário.

Com o objetivo de reunir em seu meio as figuras expressivas da intelectualidade do importante município paulista, entre poetas, escritores, jornalistas, bem como destacadas personalidades de outros estados, a Academia realizou uma sessão solene comemo-

rativa, onde se fizeram ouvir expressivas figuras de seus acadêmicos.

Entre as suas atividades culturais, a Academia edita um Boletim, em que registra as atividades e produções dos seus membros. No seu Boletim 11/87, entre outros registramos importante trabalho do Acadêmico Prof. Dr. Napoleão Figueiredo, sobre os 120 anos do Museu Paraense Emílio Goeldi, considerado o maior centro de pesquisas da Amazônia e uma das maiores instituições científicas do Brasil. Desenvolve o autor o seu trabalho, dizendo das suas várias áreas de pesquisas: ZOOLOGIA — BOTÂNICA — CIÊNCIAS HUMANAS — GEOCIÊNCIAS — ATIVIDADES DE APOIO — ATIVIDADES DE INTEGRAÇÃO — COMUNIDADE — MUSEOLOGIA E PARQUE BOTÂNICO.

O Dr. Napoleão Figueiredo, é professor emérito da Universidade Federal do Pará e pesquisador emérito do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Noticiário Cultural de Santa Catarina – 1988

Florianópolis — SC

CANÁRIO DE ASSOPIO de Silveira de Souza e LONGÍNQUAS BALEIAS de Flávio José Cardozo, foram os livros que a Editora Lunardelli patrocinou o lançamento na 1ª Feira do Livro, ocorrida em Florianópolis, em novembro de 88.

Florianópolis — SC

SONETOS DA NOITE, reedição de sete sonetos de Cruz e Sousa, ilustrados com xilogravuras do poeta Hugo Mund Junior e seleção do escritor João Paulo Silveira de Souza, foi o lançamento do Álbum de Arte da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e da Fundação Catarinense de Cultura, em março de 88 no hall da Biblioteca Pública do Estado.

Florianópolis — SC

O Instituto Estadual de Educação e a Editora Lunardelli, a 1ª de setembro de 88, promoveram o lançamento do livro “DIAS VELHO e os Corsários”, de autoria de Eleutério Nicolau da Conceição. O lançamento aconteceu no hall de entrada do Instituto.

Florianópolis — SC

COISAS DA IDADE, foi o livro de autoria da Psicóloga Ana Pervin Fraiman, lançado pela Comissão Estadual do Idoso, no mês de junho de 88, no Auditório da Federação das Indústrias — FIESC.

Florianópolis — SC

Com apoio da EMBRACO, a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, Fundação Catarinense de Cultura, Centro Integrado de Cultura e o Sindicato de Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, foi promovido HUMOR NA ILHA, com o Show dos Cartunistas, no Teatro do CIC, “Tancredo Muda o Brasil”, cuja exposição realizou-se de 14 a 15/5/88.

Florianópolis — SC

A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina, promoveu com noite de autógrafos, o lançamento dos livros O RITO E O MITO e NA VOZ DO SILÊNCIO, de autoria respectivamente de Lauro Junkes e Almir Martins. Aconteceu na sede da AESC, à rua Conselheiro Mafra — Casa da Alfândega, 2º andar.

Florianópolis — SC

ASSOCIAÇÃO LUSO-BRASILEIRA DE FLORIANÓPOLIS

Com a presença do jornalista português, Mário Fernandes Dias, foi fundada em Florianópolis, a Associação Luso-Brasileira de Florianópolis, tendo na oportunidade o Sr. Mário Fernandes, dito dos laços culturais e efetivos que unem os brasileiros a mãe pátria. Presente também o cônsul de Portugal, Sr. Anibal de Oliveira.



Florianópolis — SC

A Editora Lunardelli, Global Editora e o Jornal O Estado, promoveram no mês abril de 88, o lançamento do livro "A EMULSÃO DE ULYSSES" — Crônicas de Sérgio da Costa Ramos, com noite de autógrafos no Castelmar Hotel.

Florianópolis — SC

AESC — Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina, numa noite de autógrafos, lançou o livro "Movimentos Automáticos" do Escritor AMILCAR NEVES.

O coquetel de lançamento, ocorreu a 9 de agosto na sede da AESC, rua Conselheiro Mafra, Casa da Alfândega, Florianópolis.

Florianópolis — SC

A Fundação Catarinense de Cultura e o Jornal O Estado, promoveram o lançamento do livro O GAUDÉRIO DE CAMBAJUVA, do escritor catarinense, Márcio Camargo Costa.

Florianópolis — SC

A Universidade Federal de Santa Catarina e o Museu Histórico, patrocinaram a Exposição de Fotografias, "ESCUTURAS DE FRANKLIN CASCAES", realizada pelo fotógrafo Sérgio Pereira Paiva, de 1º a 20 de novembro de 88, no Museu Histórico

de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa, que contou com o apoio do Laboratório REAL-COLOR.

Florianópolis — SC

A Editora Lunardelli patrocinou numa tarde de autógrafos, o lançamento do livro "NO TEMPO DA CALÇA CURTA", com a presença do autor, escritor NEREU CORRÊA, no dia 15 de setembro, na livraria da editora, à rua Victor Meirelles, Florianópolis.

Florianópolis — SC

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Prof. Rodolfo Pinto da Luz, reuniu amigos e admiradores do escritor Adolfo Boos Junior, para lançamento do livro de contos "O ÚLTIMO E OUTROS DIAS", da coleção Ipis Literis, publicado pela Editora da UFSC. O coquetel de responsabilidade da firma Max Wilhelm S.A., ocorreu às 20 horas do dia 22 de novembro na sede da AABB/Florianópolis.

Florianópolis — SC

O Provedor CHARLES EDGAR MORITZ, convidou a população de Florianópolis para a promoção dos:

"200 ANOS DO HOSPITAL DE CARIDADE — 300 ANOS JOANA DE GUSMÃO"

A IRMANDADE DO SENHOR JESUS DOS PASSOS e as instituições participantes do projeto "Recuperação da Memória Histórico-Cultural do Hospital de Caridade", promoveram festivamente a abertura da exposição comemorativa dos 200 anos do Hospital de Caridade e 300 anos Joana de Gusmão, realizada no Museu Histórico de Santa Catarina — Palácio Cruz e Sousa.

Da programação constou: "Hospital de Caridade ontem e hoje", "300 anos Joana de Gusmão" — Projeção de vídeo "O Morro de Boa Vista" — Exposição de Arte Sacra, Artes Plásticas, Mobiliário, Farmaco-Hospitalar e Documental. A programação ocorreu nos dias 08 a 14/12/88.

Florianópolis — SC

MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA

O Museu de arte de Santa Catarina, nos CICLOS CULTURAIS de março, abril, setembro e novembro, promoveu artistas e eventos diversos: Individuais de Pinturas: Humbert Franco e Michael Chapman do RS. Documenta: Mostra 1976/85 — Instituto Goethe. Acervo do MASC — Arte Catarinense e Arte Brasileira.

Entre as individuais de pinturas, registramos: Faní Bracher, MG. Humberto Tomasi, SC. Joaquin Antunes, Portugal. Alcides Buss, lançamento do livro de Poemas — *Transação*. Registramos as Exposições de Almir Tirelli, "20 Anos de Florianópolis — TAPEÇARIA. Helena Montenegro: Esculturas nos Jardins do CIC. Projeto NOSSA GENTE, Auto-Retrato de Santa Catarina — "Fotografias". Na continuação apresentaram-se: Doraci Gurrulat, SC, "Sagração da Primavera", Pinturas. Suely Beduschi, SC, "15 — Hoje". — Seis Artistas de Lages. MASC — Arte Catarinense e Arte Brasileira. Lançamento do Indicador Catarinense de Artes Plásticas.

Rodeio — SC

O GIBRAC e CÍRCULO TRENTINO DI RODEIO, SC, festivamente promoveram o lançamento do 2º DISCO: "CANTIANO COSÍ", em agosto de 88, na Sociedade ANTARES.

Florianópolis — SC

A Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, Fundação Catarinense de Cultura e Biblioteca Pública do Estado, promoveram o lançamento dos livros: "Magias da Vida" — Crônicas, e SEMENTINHA, Contos Infantis, do escritor Nilson Mello, em março de 88, na Biblioteca Pública do Estado.

Florianópolis — SC

A SAMRIG e o Museu Histórico de Santa Catarina (Palácio Cruz e Sousa) promoveram no mês de março de 88, uma sessão audiovisual e Exposição de Fotografias, A ARTE DA TERRA, abordando a história, os mistérios e os prazeres do VINHO, de uma forma criativa e original, com fotos de Leonod Streliaew, e texto de Luís Fernando Veríssimo e do Prof. Giugliani.

Florianópolis — SC

LIÇÕES DA FANTASIA, obra lançada pelo escritor catarinense, NILSON MELLO, na 2ª Feira do Livro de Florianópolis de 31 de outubro a 11 de novembro de 88 com a presença do autor.

Tubarão — SC

O Prefeito do Município de Tubarão Miguel Ximenes, através do seu Departamento de Cultura, patrocinou a EXPOSIÇÃO Individual da Artista NILEIMA ROCHA, no mês de dezembro de 88 na "Casa da Cidade" em Tubarão.

São Bento do Sul — SC

Ocorreu no mês de setembro de 88 o cerimonial de lançamento do Grupo Cultural IN NATURA, com sua primeira publicação literária: Artes Plásticas, Literatura, Teatro e Música.

A promoção deu-se na Sociedade Ginástica Desportiva São Bento. O silêncio do grupo nos faz crer que tenha sido de duração efêmera.

Florianópolis — SC

SEMANA AFRO-CATARINENSE — 1988 ANO 5.

Florianópolis, de 24 a 30 de novembro, realizou o Projeto "Semana Afro-Catarinense numa promoção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Objetivo: Difundir no ambiente educacional a comunidade afro, suas contribuições, raízes, e os valores da etnia para os catarinenses.

Da programação constou: Kizomba-Abolição: 100 Anos para Refletir; Efeitos da Abolição; O que é esse tal de Axé?; Mulheres Negras; Negros Resgatam Negros.

Das Promoções: MACULELÊ — CAPOEIRA — “Cacumbis — Candomblé — Benditos do Divino Espírito Santo, e o (Dia da Nossa Senhora da Purificação)

Personagens Afro-Catarinenses: ANTONIETA DE BARROS — JOÃO DA CRUZ E SOUSA — OSVALDO SILVEIRA (Vadico), sendo este último o pioneiro do movimento afro, organizado em Florianópolis.

Florianópolis — SC

CASA DA ALFÂNDEGA

No prédio da antiga Alfândega na rua Conselheiro Mafra, cujo espaço térreo era ocupado pela “Feira” permanente de artigos do Artesanato Catarinense, no governo do Sr. Pedro Ivo Campos, foi transformado com o dístico de “CASA DA ALFÂNDEGA”, com a finalidade precípua de promover “Eventos Culturais”, (Exposições: folclore, arte popular, artes plásticas, etc.).

Entregue a direção da Artista Plástica Juliana Wosgraus e seu grupo de trabalho, tivemos um 88 de variadíssimas promoções. Isto nos diz a Diretora Juliana.

Das Promoções:

Neste primeiro ano de funcionamento, a Casa da Alfândega, criada pela Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, desenvolveu inúmeros projetos, todos ligados à cultura popular catarinense. Prioritariamente, a Casa da Alfândega apresentou exposições de arte popular, destacando-se a mostra inaugural com 300 esculturas em barro, de autoria do professor Franklin Cascaes, com o tema “A Procissão do Senhor dos Passos”. Merecem destaque também, mostras como “Maio Mulher: A Magia do Fio”, que não só apresentou peças de tapeçaria, tricô, crochê, renda e crivo, como também, mostrou ao público como fazê-las, através de cursos e demonstração dos processos. “Feito para Brincar” uma mostra de brinquedos artesanais — “A Polônia em Cartaz”, mostrando o artesanato produzido por imigrantes poloneses e seus descendentes radicados em Santa Catarina, “O Folclore: Suas Crenças e Tradições”, “Reviva o Boi-de-Mamão”, “Artesanato Produzido na Penitenciária do Estado”, “Artesanato do Litoral Catarinense”, até as “Maquetes Populares”, mostrando desde casarios típicos açorianos até engenhos de farinha de mandioca e cana-de-açúcar, foram alguns dos temas apresentados durante o ano.

Sempre com o apoio da Comissão Catarinense de Folclore e Museu de Antropologia da UFSC.

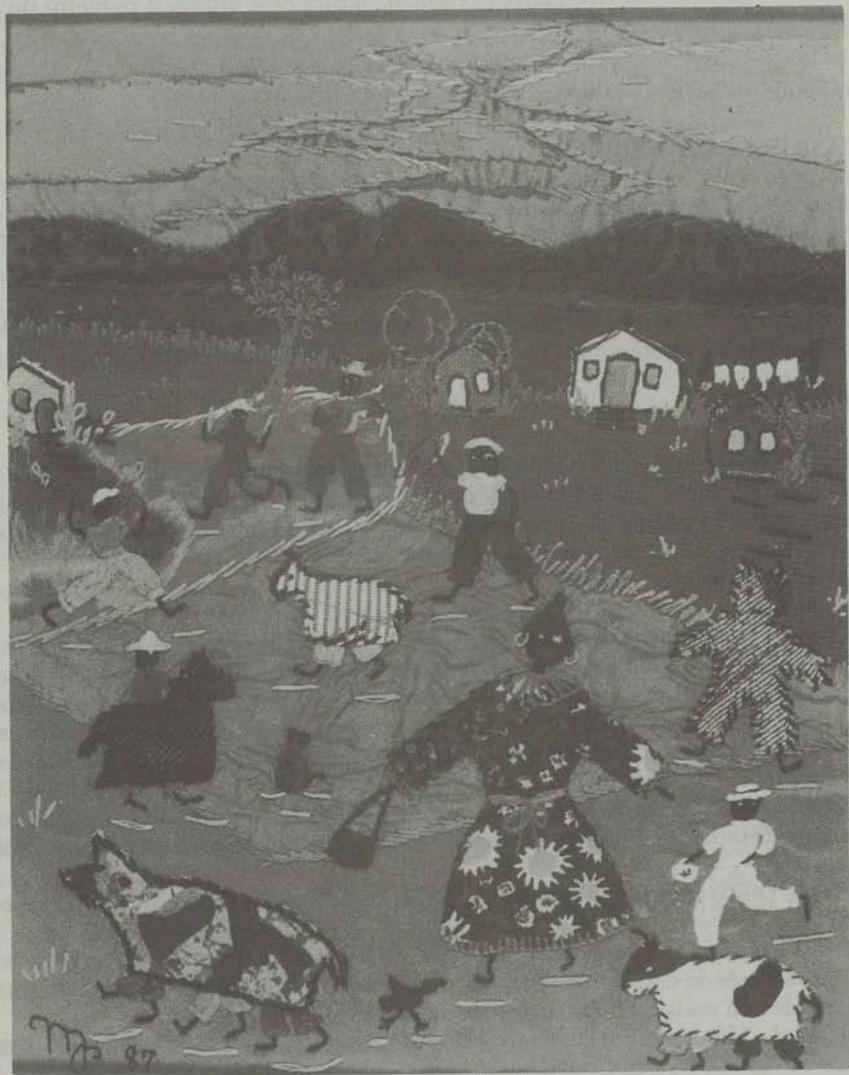
Além disso, foram ministrados cursos de tapeçaria e distribuída verba para grupos folclóricos, através de dois editais de auxílio, sem falar das visitas monitoradas a escolares que já atenderam mais de 8.000 crianças da grande Florianópolis.

A Casa da Alfândega está à disposição dos grupos e sociedades folclóricas, artesãos e público em geral, na rua Conselheiro Mafra, s/nº, fone 22-6082.

BIBLIOTECA DA SANTUR

EXPOSIÇÃO DA ARTISTA PLÁSTICA MARIA CELESTE CARVALHO NEVES, na “Casa da Alfândega”.

Num trabalho de excepcional qualidade, a artista plástica, primitivista Maria Celeste Carvalho Neves, se apresentou na Casa da Alfândega em Florianópolis, com uma série de quadros com motivos da “cultura popular, e folclore” de rara beleza.



Com sobras de fazendas (retalhos), a autora, traça o motivo escolhido, e vai desenvolvendo o seu trabalho com as minipeças das fazendas coloridas, compondo o assunto que imaginou na tela. E da sua emocional sensibilidade artística vão surgindo: campos, lavouras, casas, ruas, pessoas, animais, poços, carroças, meninos empinando pandorgas, peladas, procissões, lua, sol e até estrelas.

É um trabalho de arte sui generis, onde a autora compõe a sua obra de rara beleza e perfeição, num magnífico quadro ilustrativo.

Uma de suas obras ilustra esta página, com aspecto do Folguedo do Boi-de-Mamão. É realmente um trabalho que entre outros dignifica a autora e as plásticas catarinense.

DESFALQUE NO FOLCLORE



LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
(*Intelectual do Ano, 1977 — Troféu Juca Pato*)

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO foi embora de vez no dia 30 de julho passado. — Saiu do endereçamento postal, telefônico e telegráfico para sempre. Completaria 88 anos a 30 de dezembro deste ano. A sua herança intelectual (em livros também vertidos para alemão, para inglês, para francês, espanhol e russo) é de mais de 160 títulos. A sua casa pode vir ser um centro cultural por que como disse Marcos Vinícios Vilaça já era "OFICINA DE IDÉIAS".

Era bacharel em direito formado na Faculdade de Direito do Recife mas alcançou conceitos (nacional e internacional) nas áreas de História, Antropologia, Cultura popular e Etnologia. No acervo incorporado à bibliografia brasileira é salientável o seu DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO (INL. Rio de Janeiro, 1954) livro maior dedicado à Dona Dahlia, sua esposa. — Sem dúvida este dicionário é prova de um talento incomum e de uma capacidade de trabalho própria de escritor genial.

Luís da Câmara Cascudo pertenceu a notáveis instituições científicas e culturais, delas aqui vão: Societé das Americanistes de Paris, Academia de Ciências de Lisboa, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, American Folclore Society. — Também ficaram testantes do seu valor quantidade de condecorações onde são encontradas: Comendador da Ordem de São Gregório (Santa Sé); Comendador da Ordem do Rio Branco; Comendador da Ordem Militar do Cristo (Portugal); Comendador da Ordem da Coroa (Itália). — Se precisaria espaço de muitas linhas para registrar suas premiações onde estão o "TROFÉU JUCA PATO" por ser o intelectual do ano de 1977, e o prêmio "HENNING ALBERT BOILESEN" (da Associgás).

Natal, RN, acolhedora e amorável era onde Luís da Câmara Cascudo morava. E tal certeza era mais que informação para endereçamento. — Ele guardião superior da memória dos seus conterrâneos ensinava como foram participantes em todos os movimentos para a Unidade Nacional e atuantes idealistas da Liberdade dos povos. Fixado em conceitos divulgados onde se fala e escreve a língua portuguesa, exatamente, por causa da sabença de Cultura popular, me disse que era na sua Academia Norte-riograndense de Letras (Cadeira 13) onde sentia a glória mais aquecida. Entendida manifestação de amor telúrico, forte e iluminado, mesmo que composto, em percentagem alta, com os ares do Potengy, não permitiu o passo inicial para a migração.

Sem cogitação planejar oportunidade para visitá-lo (o que para ele, era enfado, e para o visitante busca de dignificação). Não é preciso viajar para aprender com ele ponto de folclore da América portuguesa. Ele está onde estão os imortais que à imortalidade chegaram pelo trabalho e pela criatividade: integrado no acervo do Patrimônio da inteligência brasileira. — E continua vivo na qualificação de Gilberto Freyre: ALÉM DE UM GRANDE INTELECTUAL UMA GRANDE FIGURA HUMANA.

Theobaldo Costa Jamundá.

da Academia
CATARINENSE DE LETRAS

EXPOSIÇÃO DOS ARTISTAS PRIMITIVISTAS: João Olíbio (Técnica Mista) Neri Andrade (Pintura) — Maria Celeste (Técnica Mista) — Dorival Reis (Pintura)

Muita gente não vê com muito bons olhos aquilo que se convencionou chamar de arte "primitiva". Esta posição resulta muitas vezes de um indisfarçável preconceito para com as manifestações provenientes da cultura popular, ou da falta de uma informação mais substancial. Sem querer fazer a apologia dessa ou daquela corrente, gostaríamos de lembrar que quando o artista é autêntico e consegue expressar-se com propriedade, torna-se irrelevante a escola a que pertence.

Quanto ao primitivismo, é bom saber que a partir do advento do modernismo, passou a ser valorizado por artistas críticos e público, enfatiados pelas limitações impostas por uma arte acadêmica, que buscava reproduzir os padrões clássicos da arte greco-romana. Tendo como únicos parâmetros sua intuição e sensibilidade, os artistas primitivos aproximam-se das fontes de genuína criatividade, criando com uma espontaneidade invejável. Quando se fala em arte, pressupõe-se uma qualidade intrínseca, da mesma forma, quando se fala em arte primitiva, não se está fazendo alusões a trabalhos mal feitos, mal realizados ou primários como pensam alguns. O termo primitivo refere-se antes a uma *emoção primordial*, preservada inata neste tipo de arte, que nem por isso deixa de ter as mesmas exigências de realização formal que a arte considerada erudita.

Quem tiver dúvida, que observe os excelentes resultados formais que estes quatro artistas que a ACAP ora expõe, conseguiram obter com os recursos mais singelos. Observe-se por exemplo, o diálogo que João Olíbio trava com um material tão inusitado como a casca de bananeira, e os climas que com ela consegue.

Ou então veja-se o que Maria Celeste Neves obtém a partir de retalhos de tecidos bordados, com os quais redimensiona temas ingênuos.

Já Dorival Reis, com movimentadas composições, recupera através das linhas e cores o frescor de vivências infantis.

Finalmente, quem achar que a arte primitiva carece de técnica, que observe o requinte das soluções plásticas, baseadas na pureza da cor e no equilíbrio da composição e do desenho, características dos trabalhos de Neri Andrade, (um dos nossos "naifs" mais significativos). A pureza dos elementos traduz bem a sua vivência de ilhéu que reinterpreta seu ambiente transfigurando-o num paraíso redescoberto.

Janga — João Otávio Neves Filho
Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte.



"Per vivere una grande festa"

Programa

data - 03 de Setembro de 1988

início - 19 horas

local - Soc. Antares - Rodeio - SC

abertura - Aperitivos caseiros

Show do Grupo Folclórico

jantar - "Pranzo Tradizionale

nel servizio di
Cucina Italiana"

"Vini coloniali"

baile - "Ballo Inédito" com

BEPPI E SEUS SOLISTAS

promoção:

GIBRAC E
CIRCOLO TARENTINO

A VISITA DO DIVINO — Willy Zumblick, o pintor das BANDEIRAS DO DIVINO, nos enviou em 88, mais um catálogo de suas exposições. Desta feita entretanto, acompanhou o texto A Visita ao Divino, de autoria do seu irmão Walter Zumblick, o qual publicamos com uma ilustração da Capa do Catálogo.

Na continuação do texto publicamos do mesmo autor, a poesia “A BANDEIRA NESTE NATAL”.

A Visita do Divino

Esvoaçam ao longe, na paisagem de sol, as bandeiras do Divino, como grandes borboletas vermelhas.

Do alto dos mastros escorrem multicores, as fitas que o vento agita.

Vozes, sons, um foguete: vida no rincão parado, à beira do caminho.

É a folia do Divino que chega!

O Imperador vem à frente.

Vêm os músicos com os seus tambores e violas.

E o “tripa”, que canta fininho e segura os chapéus.

Moças de vestidos coloridos.

As bandejas estão amontoadas de prendas: lenços, moedas, galinhas, copos com a palavra “Felicidades”, em tinta dourada, mãos de massa, numa escultura deformada, primitiva. . .

O caboclo abre, de par em par, as portas do rancho humilde, para que com a bandeira lhe entre a saúde e a fortuna.

Há beijos contritos nas pontas de seda dos estandartes inquietos.

Orações, pedidos, promessas. . .

Um instante.

Lá fora, entoam os músicos o “muito obrigado”, numa melodia contrapontada pelo eco surdo dos tambores e o vozear gostoso dos namorados:

“Muito Obrigado

Pela sua esmola,

Que a Deus agrada

E a nós consola”.

E a Bandeira parte ligeira, sumindo na poeira dos caminhos, como andarilha da nossa fé, a riscar de tradições, cantigas, crenças e batuques, a vasta geografia do Brasil.



WALTER ZUMBlick

A BANDEIRA NESTE NATAL

A Bandeira vem chegando
Com ela o nosso carinho
As fitas esvoaçando
E a pomba no seu ninho

Aceitem esta lembrança
Obra do porta bandeira
Se notar a semelhança
É pura brincadeira

Que tenham muita saúde
Bom vinho para beber
Conservem vossas virtudes
Com Deus tudo é prazer

Feliz Natal

Florianópolis — SC

EDITAL DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO CULTURAL

“A Fundação Catarinense de Cultura — FCC, com o Edital acima, publicado no Diário Oficial do Estado e jornal da capital de cobertura estadual em novembro de 88, convocou os grupos folclóricos e sociedades folclóricas, existentes de atuação no Estado, a se inscreverem para obtenção de recursos para aquisição de melhoria de trajes e adereços, para apresentações.

A iniciativa foi bem recebida pelos meios culturais relacionados ao folclore, tendo os grupos e sociedades credenciados, que obedeceram as normas estabelecidas no edital, recebido os auxílios de acordo com o critério adotado pelas propostas avaliadas pela Comissão Seleccionadora”.

A Comissão Catarinense de Folclore, se associa à feliz iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, na pessoa de sua titular, Professora Zuleika Mussi Lenzi, esperando que no ano de 89, se renove a promoção que vem ao encontro das necessidades dos grupos e sociedades folclóricas, que se sentem assim estimuladas a continuarem resgatando as nossas raízes culturais.

Blumenau — SC

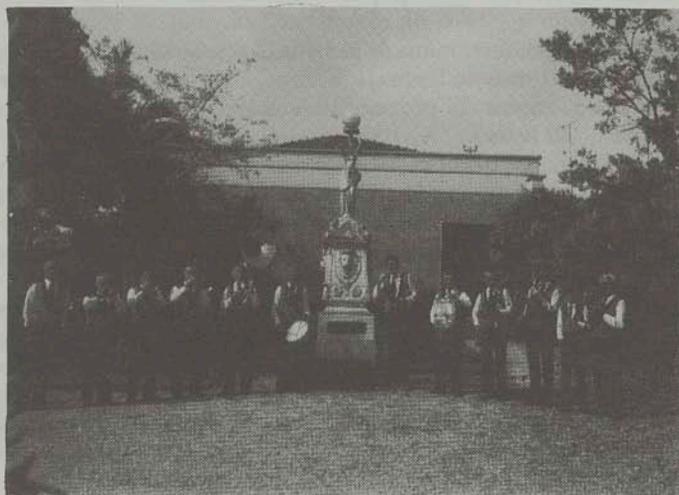
BLUMENAU EM CADERNOS: Revista fundada pelo escritor e historiador, José Ferreira da Silva.

Propriedade da Fundação "CASA Dr. BLUMENAU", circula como órgão destinado ao estudo e divulgação da história de Santa Catarina, tendo como Diretor Responsável o jornalista José Gonçalves.

Registramos o seu recebimento regular no decorrer desses últimos anos, com inscrição em nossa Biblioteca do nº 11"12/88 — Tomo XXIX.

Reunindo um corpo de colaboradores dos mais expressivos do meio cultural de Santa Catarina, "Blumenau em Cadernos", cumpre o objetivo ideal do seu fundador, objetivando registrar a vida histórica e cultural, principalmente da região do Vale do Itajaí.

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ" Nº 1



*Banda Araújo
Brusque em frente a
"Casa de Brusque"*

APRESENTAÇÃO

Dentre as finalidades a que se propôs a Sociedade Amigos de Brusque, quando de sua fundação, a 4 de agosto de 1953, se encontrava a reunião de elementos para a formação e coordenação da história dos brusquenses.

Esse ideal está sendo cumprido desde 1958 quando se publicou o livro de Oswaldo Rodrigues Cabral, "BRUSQUE — Subsídios para a história de uma Colônia nos tempos do Império", ao qual se seguiram, "Folclore de Brusque" de Walter F. Piazza, o "Álbum do Centenário — 1960" e, mais recentemente, "A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim" de Giralda Seyferth, além de muitas e variadas crônicas publicadas em jornais e revistas.

O grande e valioso acervo histórico que a Sociedade Amigos de Brusque reuniu e continua coletando merece nova publicação, além de interpretação, especialmente

no que se refere aos documentos dos tempos coloniais, iniciados com o primeiro relatório do diretor Maximiliano de Schnéeburg, de agosto de 1860.

Os acontecimentos que se verificaram desde a criação do Município, em 1881, até nossos dias, são outros tantos elementos que devem ser relatados e estudados em seqüência, bem como os de toda a região do Vale do Itajaí-Mirim.

A publicação de uma revista simples, modesta, dentro de recursos financeiros garantidos, possibilitando, inicialmente, quatro números anuais, foi estudada e aprovada.

E o título? Oswaldo Rodrigues Cabral achou-o logo aceito com entusiasmo, pelo seu significado simples e original:

NOTÍCIAS DE “VICENTE SÓ” BRUSQUE, ONTEM E HOJE

Por que “VICENTE SÓ”?

“VICENTE SÓ” aparece no primeiro mapa da sede da Colônia, 1860, e no primeiro Relatório da Administração, como terras de Pedro J. Werner, local onde desembarcaram os primeiros colonizadores, em títulos de propriedades coloniais e nos registros das Igrejas Católica e Evangélica, em Brusque.

Um trecho de “Reminiscências” publicado no jornal “Novidades” de Itajaí em 1907, transcrito neste primeiro número, fornece interessantes informações dessa personagem que se tornou lendário, e dos primórdios da Colônia, cuja denominação foi pela primeira vez sugerida a bordo do “Belmonte”, ancorado na barra do rio Itajaí-Mirim, às 4 horas da tarde do dia 24 de julho de 1860.

“VICENTE SÓ” é hoje denominação de uma Praça em nossa cidade, aberta no exato lugar em que o precursor Pedro José Werner acolheu a primeira leva de imigrantes.

Aí está a nossa Revista. Nela continuaremos contando a história de Brusque e de todo Vale do Itajaí-Mirim, de maneira simples e honesta, e a destacar o trabalho de todos aqueles que contribuíram e contribuem para o progresso de nossa região.

Ayres Gevaerd

Itajaí — SC

ITAJAÍ LITERÁRIO — N.º 18 — AGOSTO 1988

PARANAMBUCU

Paraná Comprido é o significado do nome de *Pernambuco*, não obstante as traduções controvertidas existentes por aí. . .

E assim se compõe: UPABA = UPAUA = UPÁ = PÁ (Lugar em que bebem todos = Lago, Lagoa) + RANA = RAN = RÁ (Parecido, parecido com) = PARÁ (Parecido com Lago, semelhante a Lagoa; Oceano, Mar) = PARÁ + NHANA = NHAN = NHÁ = NÁ (Correr, que corre) = PARANÁ (Que corre para o Mar = que corre para o Oceano, Rio que corre para o Oceano) + PUCU = MBUCU, corrompido para MBUCO (Comprido, longo, alto) = RIO, QUE CORRE PARA O

MAR, COMPRIDO = RIO LONGO QUE CORRE PARA O OCEANO = RIO COMPRIDO QUE CORRE PARA O MAR = PARANHANANBUCU = PARANAMBUCU = PARNAMBUCU = PARNAMBUCO = PERNAMBUCO.

Muito mais fácil do que PARANHANAMBUCU contrair-se para PERNAMBUCO é ITAJAÓI reduzir-se a ITAJAÍ!

H. J. Patrianova

A PROPÓSITO DE "PARANAMBUCU"

de H. J. Patrianova

A costa do Brasil, desde o arquipélago dos Abrolhos, no litoral da Bahia até o cabo de São Roque, no Rio Grande do Norte, é marcada pela existência de recifes ou arrecifes de coral, que apresentam, de quando em quando, interrupções.

Os indígenas do litoral, os Tupis, denominavam essas interrupções, de Paranã-Mbuca, o furo do mar. Ainda no Dicionário Nheengatu-Português e Português-Nheengatu, do Conde Stradelli, (Rev. I.H.G.B., Tomo 104, Volume 158, 2º de 1928), o vocábulo Mbuca vem com o significado de "furo" e o verbo, de furar, deflorar, desvirginar.

O nome indígena é bem significativo porque, pelas interrupções se fazia a ligação entre o alto-mar e o litoral e foi a existência desses furos que permitiu a chegada das naus e caravelas até a terra firme.

Em "O Tupi na Geografia Nacional", do mestre Theodoro Sampaio, (Rev. Inst. Hist. e Geogr. da Bahia, nº 54, de 1928), assim se descreve: "Pernambuco, corr. paranã-mbuca, o furo ou a entrada do lagamar, alusão à brecha natural do recife por onde o lagamar se comunica com o mar. O nome paranambuca era comum na costa do Norte, no trecho dela tomado pelos recifes e o sentido que os índios lhe davam era o de furo, entrada, passagem natural aberta na muralha do recife."

No "Glossaria Linguarum Brasiliensium", de Carl Friedr. Phil. von Martius, Erlangen, Druck von Junge & Sohn, 1863, a tradução de Paranã, Paraná, é Mar. Assim também figure no Dicionário da Língua Geral do Brasil, publicado como apêndice à "Poranduba Maranhense, de Frei Francisco de Na. Sa. dos Prazeres (Rev. I.H.G.B., Tomo LIV, parte I, de 1891).

Por extensão, os indígenas davam essa denominação aos grandes rios, aqueles que se assemelhavam ao mar. Com essa acepção, figura no Dicionário Guarani-Español e Español-Guarani, de Jover Peralta e T. Osuna, Asunción, 1984.

Aos outros rios, denominavam Pará, com o acréscimo de outro vocábulo que particularizasse o rio, p.e., Paratinga, rio de águas claras, limpas, Paracatu, rio bom, fácil de navegar, Parapiranga, rio vermelho, de águas barrentas.

Para completar, quero acrescentar que comprido, em Abanheenga ou Nheengatu, é pucu e não mbuca, mbucu. Exemplo: Itapucu, pedra comprida.

Ferraro de Carvalho

Caboclo do Contestado

Lúcia Dagostin Spricigo

Caboclo simples, humilde e desinformado
sonhava apenas com um pedaço de chão,
queria viver com sua família e foi enganado
quando lhe tiraram a paz e não lhe deram atenção.

Partiu assim este caboclo religioso
motivado pela fé pregada pelo monge
enfrentou sempre um caminho penoso
que deixou o acordo cada vez mais longe

Nos vales desta terra, humilde soldado
defendeu sua honra como um tesouro que possuía
enfurecido, destemido e muito ousado
levantou a bandeira da liberdade com alegria.

Tu, valente soldado desconhecido
empunhou armas para defender teu chão.
Tu, que tiveste a coragem de defender teu brio
lutaste com garra, amor e devoção.

Não vacilaste em derramar teu sangue
mostrando a valentia de um lutador
foste vítima do covarde que persegue
como incansável carrasco devastador.

Guiado pela força do exército encantando
lutaste do raiar do dia ao anoitecer
quando a luta tornava-se amarga ao seu lado,
rezava para São Sebastião te fortalecer.

Perdeu a luta e foi humilhado
tiraram tudo o que possuía
a honra, e a terra onde foi enterrado.
Era o sonho de uma raça que morria.

Tu, caminheiro errante
João, José Teodora ou Maria.
Não importa,
pela tua valentia.
.abrimos a porta.

Lages, SC. 1988

SEMANA DO FOLCLORE:
Colégio Estadual "Centro
Educacional Vidal Ramos Jr."

Sob a coordenação da Prof: Marlí Dill Ribeiro, o Colégio Estadual Vidal Ramos Junior, comemorou a "Semana do Folclore" em Lages.

Da programação constou: Palestra pela professora Marlí, sobre os nossos "Usos e Costumes". Apresentação de Danças Folclóricas do folclore gaúcho, poesias regionais e trovas populares, pelos alunos do Colégio.

De autoria da Prof: Marlí, foi apresentada a peça teatral "Costumes e Memórias", sob a direção da mesma, bem como por um grupo de alunos a dança "CANA-VERDE", de autoria dos folcloristas gaúchos, Barbosa Lessa e Paixão Côrte, e "Varal Poético", com trabalhos diversificados executados pelos alunos das diversas séries, representando os "Usos e Costumes" da região.



Noticiário Cultural de Outros Estados — 1988

Belém do Pará

Com a orientação do Prof. Dr. Napoleão Figueiredo, Pesquisador Titular e Bolsista do CNPq, o Museu Paraense Emílio Goeldi, realizou o curso sobre o NEGRO NO BRASIL no mês de maio de 88, no auditório da Arqueologia do Museu.

O programa constou: O NEGRO NO BRASIL — REPENSANDO — O NEGRO NA AMAZÔNIA COLONIAL — RELIGIÕES NEGRAS NO BRASIL — I — II.

No mesmo mês foi realizado o SEMINÁRIO ABOLIÇÃO/ESCRavidão, sob a Coordenação do mesmo professor, com a participação das seguintes personalidades: ANAÍZA VERGOLINO HENRY — ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO — EXPEDITO COELHO ARNAUD — INOCENCIO MACHADO COELHO — JOÃO RENOR DE CARVALHO — MARIA ANGÉLICA DA MOTA MAUÉS — MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO — ORACY NOGUEIRA — ZÉLIA AMADOR e VICENTE SALES, do Ministério da Educação.

Rio de Janeiro — RJ

O Ministério da Cultura, Fundação Nacional de Arte e Instituto Nacional de Música, nos encaminhou os seus projetos de documentação, que foram destaque em 1988. Este Boletim procurando divulgar a ação cultural desses órgãos, espera que tenham alcançado com êxito os fins da programação formulada.

São Vicente — SP

Festa do Artesanato CAIÇARA, promovida pelo Ilha Porchat Clube, teve lugar em julho de 88, à Alameda Paulo Gonçalves em São Vicente.

O objetivo do evento foi a valorização do Artesão da Baixada Santista, Litoral Norte, Sul e Vale do Ribeira, como elemento produtivo e valorização da Cultura Popular.

Recife — PE

O MINC e a Fundação Joaquim Nabuco, promoveram O Dia do Folclore, 22/8/88, com a Conferência de Leonardo Dantas Silva — CICLO JUNINO. Exibição dos documentários PERCY LAU, O CARNAVAL DE OLINDA/88 e OLHOS, com textos de Waldemar Valente e Mário Souto Maior e narração de Renato Phaelante. Técnica de Jan Souto Maior. Lançamento de A FORÇA DA LUA de Zezito Guedes — Folclore, 1987, ALIMENTAÇÃO e FOLCLORE Mário Souto Maior. ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE, organizada por Mário Souto Maior e Waldemar Valente.

FESTA DO FOLCLORE — “JOANA GAJURU” — Folheto enviado pelo folclorista Ranilson França de Souza.

Procurando resgatar a cultura popular de Alagoas, a Secretaria de Cultura e Esporte do Estado, promoveu em 1988 a “FESTA DO FOLCLORE”, de 22 a 27 de agosto.

A Festa do Folclore, foi uma das mais primorosas, com apresentação pública do REISADO, que reúne o Bumba-meu-boi, e o Guerreiro. Este último é uma fusão de Reisados alagoanos, o Auto do Caboclinho, a Chegança e o Pastoril.

O folclore alagoano, reúne uma seqüência de grupos, onde todos se destacam em autenticidade, havendo também os de promoção folclóricas. É assim no “Fandango” vamos encontrar a sua correspondência com a Marujada, Barca, e a Nau Catarineta, existente também em outros Estados.

Nesta seqüência encontram-se ainda o Presépio e o Pastoril, cuja dramatização o inclui como “auto” das pastorinhas de outros estados.

MARACATU — já o maracatu, é uma “dança e cortejo real, parte dos Reisados dos Congos”, da cultura afro-brasileira.

Registramos também as tradicionais Baianas, originando-se do Sul de Pernambuco.

Quilombo — Diz o articulista Prof. José Maria Tenório Rocha, que nenhuma relação tem com o acontecimento histórico do Quilombo dos Palmares.

Na seqüência, o Prof. José Maria Tenório Rocha, fala de **CAMBINDA** — Dança-cortejo, sem enredo ou drama, na qual as cantigas dançadas fazem referências a assuntos do cotidiano e santos católicos.

Já o **SAMBA DE MATUTO** — tem as mesmas conotações da Cambinda, introduzindo referências a espíritos das religiões afro-brasileiras. Demonstrando sua identidade com os Maracatus de nação de Pernambuco e denotando sua ligação com os terreiros de Xangôs e Candomblés.

Descreve ainda o Professor, sobre o Coco Alagoano e Roda de Adultos, Toré de Índios, Toré de Xangô, e Bandas de Pífanos.

O folclore alagoano é um dos mais ricos do Brasil, e vem recebendo por parte do governo do Estado o apoio merecido em reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelo Prof. Dr. Theo Brandão, um dos grandes expoentes da Cultura do Estado das Alagoas.

Exterior — 1983

Gotemburgo — Suécia

De Gotemburgo, Suécia, recebi um cartão com a ilustração que reproduzimos. O trabalho de autoria de Elza Agélli — 1983, mede 50 x 50 no seu original, reproduz um aspecto relacionado com a nossa região tropical nos mostrando "pandorgas e rendas", num conjunto bem harmonioso.

Acreditamos que essa imagem deve ter sido captada pela autora, em uma de suas andanças pelo Brasil regional.



Piracicaba — SP

JOÃO CHIARINI — Pesarosamente registramos o falecimento do escritor e jornalista João Chiarini. O seu óbito ocorreu no dia 03 de dezembro, quando ocupava a Presidência do Centro de Folclore de Piracicaba e membro destacado da **ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS**, cuja atuação frente a essas entidades culturais sempre se ouviu com destaque.

Os serviços prestados por esse notável homem de letras, deixa uma lacuna nos meios culturais de Piracicaba, e porque não dizer no Estado de São Paulo, difícil de ser preenchida. De coração grandioso, jamais será esquecido por aqueles que participavam do seu relacionamento. Colaborador efetivo durante a sua existência de vários órgãos da imprensa paulista, onde sempre atuou com destaque, João Chiarini dificilmente será esquecido.

Este Boletim ao registrar o seu falecimento, o faz enviando aos seus diletos amigos e familiares, votos de sentidos pêsames.

Os nossos sentimentos foram por demais sentidos, visto que a seu convite o editor e diretor deste Boletim, Doralécio Soares, foi honrado para integrar como membro efetivo, o “Centro de Folclore de Piracicaba”.

São Paulo — SP

INSTITUTO DE ESTUDOS DE FOLCLORE — São Paulo continua na vanguarda de realizações, no que diz respeito à Cultura Popular e Folclore.

Sem fins lucrativos é fundado em junho de 87 o Instituto de Estudos de Folclore”, integrado por membros fundadores e titulares, além de membros correspondentes, no Brasil e exterior.

Justificando a sua criação, o Instituto participou em 87 do Seminário de Cultura Popular, Folclore e Comunicação em Santos e na Exposição “Cartazes de Folguedos Populares” no Centro Cultural de São Paulo.

Para 88 outras promoções foram programadas e cumpridas integralmente.

Conforme comunicação enviada à Comissão Catarinense de Folclore, são membros fundadores do IEFOLC: Américo Pellegrini Filho, Dário L. Borelli, Alberto Y. Iheda, Doris M. Ruschmann, Esther S. Almeida Karwinsky, Maria Merou Ribeiro e Maria Amália C. Giffoni.

A convite do Prof. Américo Pellegrini Filho, ingressou no IEFOLC o Diretor e Editor, deste Boletim, Doralécio Soares, Presidente da Comissão Catarinense de Folclore, como “Membro Correspondente”, sendo confirmado pela Assembléia-Geral do Instituto realizada em agosto de 88.

Porto Alegre — RS

O MENINO E O POETA — Poemas de Wilson Tubino, prefaciado por Nelson Fachinelli.

A obra reúne 50 poemas dos mais primorosos, focalizando assuntos românticos e do populário, que envolve o poeta menino, adolescente e adulto, traduzido neste verso: **CANTO. . .** Enquanto a velha madrugada avança / O meu cantar é como uma

criança / Brincando de esconder com a aurora.

Neste — O autor se identifica com a criança dentro de si. — Eu hoje vi um menino / Tinha um pedaço de jornal atado a um barbante à guisa de pandorga. . . / Trepado no muro puxava o tremulante brinquedo que pairava muito abaixo de si. . . / Ele feliz! / Acreditava que a pandorga é que estava no céu.

Maceió — AL

O BOLETIM ALAGOANO DE FOLCLORE, Ano XXXIII n° 11/87, publica IN MEMORIAM: Félix Lima Junior, Marilu Gusmão e Luís da Câmara Cascudo, figuras expressivas da cultura alagoana.

Nesse número, destacam-se trabalhos de: José Ramos Tiorão, Ernani Méro, Benedito José Fonseca, Ranilson França de Souza, Luiz Gonzaga Barroso Filho, Aída Wecherrer Braga, Zezito Guedes, Ana Clara Vasconcelos, Fernando Galvão de Pontes e José Maria Tenório Rocha.

Olímpia — SP

Numa edição do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore “D. Maria Olímpia” e Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura) da Prefeitura Municipal de Olímpia, recebemos o “ANUÁRIO DO FOLCLORE”, que nas suas 120 páginas registra o 24º Festival de Folclore de 1988, realizado na cidade de Olímpia, SP, na administração do Prefeito Wilson Zangirolame.

A publicação é dirigida pelo Prof. José Sant’Anna, tendo como redatora a Professora Iseh Bueno Camargo.

O ANUÁRIO DO FOLCLORE, publica do Prof. José Sant’Anna: “Terno de Congada, Chapéu de Fitas” — “Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil”, e um excepcional trabalho, “Aspectos Folclóricos da Quaresma no Município de Olímpia”. Trabalho este que merece ser enfeitado em um volume especial, tal a importância cultural do mesmo nas 50 páginas descritivas da pesquisa que o prof. Sant’Anna fez publicar.

De Iseh Bueno Camargo, destaca-se ARQUITETURA FOLCLÓRICA; de Rogério de Oliveira: ADIVINHE SE PUDER; Sérgio Alexandre Di Marco: BRINCADEIRA INFANTIL “RODAR PINHÃO”. Clarismundo Sant’Anna: LITERATURA DE CORDEL. Ainda do Prof. Sant’Anna, registramos: JOCELINO CONTA ALGUNS CONTOS e DANÇA DE SÃO GONÇALO. A Sra. Maria Aparecida de Araujo Manzolli, com a DANÇA DO MAÇARICO. Inezita Barroso: MODA DE VIOLA E CATIRA. De F. Gabriel Junqueira Machione: POR QUE A ESCRAVIDÃO SE EXTINGUIU.

Antonio Clemêncio da Silva, apresentou uma retrospectiva completa do MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE “D. MARIA OLÍMPIA”.

Conclui o ANUÁRIO DE FOLCLORE de Olímpia, com Iseh Bueno Camargo, apresentando completo noticiário de eventos e acontecimentos importantes, relacionados a Olímpia. Entre as suas notícias, insere o honroso convite formulado ao Prof. Sant’Anna, pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — IBECC, para participar da 2a. Conferência Mundial de Pesquisas de Danças Populares, realizada na cidade de Larisa na Grécia. Convite declinado pelo ilustre Mestre, dado o seu

grande envolvimento na preparação dos festejos do 24º Festival de Folclore de 1988. Entretanto procurando compensar a falta de sua presença em tão grandioso acontecimento, indicou a renomada Mestre de Danças Brasileiras, Maria Amália Correa Griffoni da USP de São Paulo.

Ao destacar em nossas páginas as importantes matérias publicadas no ANUÁRIO DE OLÍMPIA, divulgando os seus autores, o fazemos numa homenagem a essa dinâmica figura do Prof. José Sant'Anna, lídimo defensor e divulgador da cultura popular e folclórica que envolve o povo brasileiro com a realização anualmente dos Festivais de Folclore na cidade de Olímpia, que tem com a sua liderança alcançado expressivo êxito.

Brasília — DF

COFI — CORREIO FILATÉLICO — Revista Filatélica de esmerado acabamento Gráfico / Técnico, da ECT.

Durante este período que este Boletim ficou fora de circulação, a Comissão Catarinense de Folclore, tem recebido regularmente essa publicação, que pelo seu alto valor filatélico representa um "CARTÃO DE VISITA" nos meios filatélicos internacionais.

Ao registrarmos o seu recebimento, externamos o agradecimento da nossa Comissão, que tem a sua biblioteca enriquecida por tão valiosa publicação.

Guarujá — SP

REVISTA FOLCLORE, órgão cultural da Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, que tem como Presidente a Baronesa Esther de Almeida Karwinsky, acusamos o recebimento do nº 13/88. Dirigida por Ilídia Veleda Almeida Vilela, reúne no seu corpo redacional, seletos colaboradores, entre os quais destacamos, além de artigos do ex-Prof. falecido, Rossini Tavares, os seguintes: Maria Amália C. Giffoni, Ildgardes Vianna, Ilídia Veleda de Almeida Vilela, Napoleão Figueiredo, Mario Souto Maior, Saul Martins, José Carlos Rossato, José Gomes Sobrinho, José Geraldo de Souza, José Maria Tenório da Rocha, Américo Pellegrini Filho, Arnold Niederer, Baronesa Esther de Almeida Karwinsky, Arthur Inhof e Maria Célia Coimbra.

Recife — PE

Do artista plástico e musicólogo Lula Gonzaga, recebemos com significativa dedicação: NATAL SEMPRE NATAL, obra da escritora pernambucana Maria Borges Lins da Silva — Marieta.

Da sensibilidade emotiva envolvida por profundo sentimento de cristandade, a autora desenvolve a sua poesia dentro do simbolismo do Natal, no menino Jesus, com muita ternura e amor.

Uma mensagem que nos transmite um Natal de esperança, um Natal de amor fraternal.

Rio de Janeiro — RJ

Temos o prazer de registrar o recebimento da obra “A VELHA RUA DIREITA”, de autoria do escritor Fernando Monteiro, Sócio Benemérito e Secretário do “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”.

Editada pelo Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil, em comemoração ao seu trigésimo aniversário. É uma obra de valor incontestável, pois vem ao encontro das belezas e valores históricos que reunimos no passado, onde o Banco do Brasil, destaca-se como baluarte na vida econômica e financeira da República Federativa Brasileira.

Primando pela impressão realizada nas Oficinas de Artes Gráficas do BB, é uma obra digna de louvor.

São Paulo — SP

“FÉRIAS NO CAMPO E DUAS VIDAS EM FLOR” — História romaneada de autoria da escritora paulista, Lourdes Di Tullio.

A autora desenvolve o tema de um amor nascido entre duas crianças, uma garota da zona rural e um garoto da cidade. Do encontro dos dois, nasce um grande amor, que frutifica e após uma grande separação se reencontram, e já adolescentes realizam o seu grande sonho, o casamento.

A autora aproveita o tema desenrolado na zona rural, onde viveu a sua infância, concluindo com uma mensagem em que procura despertar as nossas autoridades, para os eternos problemas enfrentados pelos que labutam na lavoura. É uma mensagem válida, oxalá produza os frutos que a mesma destina.

Betim — MG

BIBLIOGRAFIA DO JEQUITINHONHA e outras coisas de lá. Obra do Frei Francisco van der Poel — OFM “Frei Chico”, membro da Comissão Mineira de Folclore.

Extraordinário trabalho de pesquisa bibliográfica, registrando o autor a maioria dos aspectos culturais da região do Jequitinhonha, focalizado pelos mais diversos autores, principalmente os relacionados com a Cultura Popular e o Folclore.

Sob o título “Nos Bailes da Vida”, entre outras coisas diz: na pág. 32 da sua preocupação com a “alienação cultural”, tanto no Vale do Jequitinhonha, e mesmo no Brasil, onde jovens deixam-se alienar pela preferência de músicas americanas, comidas e roupas, estando fadado a perder as suas identidades culturais, a qual influi no sistema criativo do povo. Dizendo que: “A alienação cultural existe entre as nações, mas também entre o mundo urbano e o mundo rural”. Diz ainda — “Uma das nossas grandes conclusões, após todas essas pesquisas, diz respeito à promoção cultural. — Promover, educar e desenvolver o povo em primeiro lugar — “DAR VALOR ÀQUILO QUE O POVO JÁ TEM”.

— É em nosso entender uma válida advertência, que vem ao encontro do trabalho desenvolvido pela Comissão Catarinense de Folclore, na PROMOÇÃO DO FOLCLORE NA ESCOLA”.

FOLCLORE EM OLÍMPIA — UM FESTIVAL MAIS PERENE QUE O BRONZE

Quando conheci Olímpia, ela era uma simples menina-moça do interior paulista, cheia de esperança, com vontade de viver e conhecer o mundo. Nas ensolaradas tardes viam-se os papagaios empinados no ar, presos apenas por fios de linha, aos sonhos dos ingênuos garotos. De tempos em tempos aqui, ali e acolá o jogo da bolinha de gude, do pião, o pular corda e o arco rodando pelas calçadas muito limpas. Na calada da noite a melodia singela dizia:

Dorme, ó meu anjo lindo,
vai calma dormindo,
quem vela sou eu.

Aos poucos Olímpia se tornou adulta, capaz de sentimentos tais, chegando a conquistar o Brasil-gigante.

Essa conquista foi feita na raça, na luta pelo espaço global, nos empreendimentos edificadas e sedimentados à pedra e cal, nas escolas, nas praças e jardins, em cada casa, em cada lar, não importando o credo, a cor da pele, o grau de instrução, o bairro, a moradia. . . Mas tudo levado muito a sério e com sublime dosagem de amor, sob a constante persistência do Prof. José Sant'Anna.

O Brasil-gigante todos os anos vem visitar Olímpia, trazendo presentes genuínos: congadas, moçambiques, caiapós, bumba-meu-boi, guerreiro, reisado, presépio, chegança, cavalhadas, folias de reis, cateretês, sambas e tantos outros.

Quem não quer ser amigo de Olímpia? Quem não quer conhecer Olímpia? Então venha, de 14 a 21 de agosto de 1988, compartilhar das alegrias do 24º Festival do Folclore, da satisfação que seus filhos sentem em receber todos, sem distinção, até os filhos de adoção, como eu. Este Festival será dedicado ao Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil. Só estando em Olímpia é que você poderá avaliar a beleza e a importância do evento. Seja bem-vindo.

Laura Della Mônica

FUNARTE

Instituto Nacional de Música

Assessoria de Comunicação

Rua Araújo Porto Alegre nº 80 — tel. 297-6116 — r. 260

CEP 20030 — Rio de Janeiro — RJ

GOVERNADOR PEDRO IVO INAUGURA EXPOSIÇÃO SOBRE BANDA CENTENÁRIA

O governador de Santa Catarina, Sr. Pedro Ivo Campos, inaugurou no dia 5 de junho, em Nova Trento, a exposição "Banda Padre Sabbatini, sua terra, sua história", que reuniu fotografias e documentos obtidos na primeira etapa do projeto Resgate da Memória da Banda Música Padre Sabbatini. Este projeto é apoiado pelo INM/FUNARTE, desde 1987, com assessoramento direto da Coordenadoria de Atendimento à Demanda Externa do INM e da Fundação Catarinense de Cultura. Num trabalho

pioneiro, a nível nacional, refaz-se a trajetória da Sociedade Filarmônica Neotrentina, criada em 1889, graças ao entusiasmo do Padre Sabbatini e de colonos italianos, imigrados para o vale do rio Tijucas em 1875. A expressiva documentação zelosamente conservada — nota fiscal da compra dos primeiros instrumentos (1889), estatutos e primeira foto da Banda (1890), partituras manuscritas e textos da mesma época — despertou o desejo de fazer do próximo centenário da Banda uma demonstração de seu papel no desenvolvimento cultural da comunidade neotrentina. Além da exposição, um vídeo documentou aspectos tradicionais da festa de Corpus Christi, onde a Banda se apresentou há 98 anos, pela primeira vez. A pesquisa já realizada dará origem a uma monografia que merece especial atenção do governo catarinense, através de sua Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e da Fundação Catarinense de Cultura; o acervo da Sociedade Filarmônica Neotrentina está sendo trabalhado musicologicamente pelo Grupo de Estudos Musicais do INM; músicos e mestres recebem antedimento através do Projeto Bandas, que efetuou, em maio, um Curso de Reparação e Manutenção de Instrumentos, aberto a cinquenta bandas do Estado. Todas as dimensões do Projeto se desenvolvem com a participação federal, estadual, municipal e comunitária, visando mostrar como a vitalidade de uma banda quase centenária poderá servir de exemplo a tantas outras na preservação de seu passado, na importância de seu presente e na certeza de seu futuro. A exposição "Banda Padre Sabbatini, sua terra, sua história" partirá, em breve, para uma itinerância pelo Estado.



O Ciclo Junino em Pernambuco é marcado por um clima de muita alegria e descontração. O espírito festivo do povo se manifesta para saudar Santo Antônio, São João e São Pedro, padroeiros da mais popular comemoração profana e religiosa do nosso Calendário.

As características próprias do ciclo, oriundas de uma cultura eminentemente rural,

são conservadas e ampliadas no transcorrer dos tempos, ganhando maior participação popular. Pernambuco, se movimenta, se enfeita com balões e bandeirolas coloridas, se enche de chitas, chapéus, tranças, estouros e lágrimas. O verde ecológico e o cheiro gostoso da lenha queimada, tão comuns nos sítios e fazendas, chegam animada-mente às cidades. Aliás, em todo o Estado, não existe animação maior ou menor; observa-se que na Capital e nos municípios do interior a alegria é igualmente transbordante. Registra-se a extensa pluralidade dos folguedos, desde o madrugador Acorda Povo, uma das últimas procissões profanas religiosas acontecidas no Brasil, aos resquícios da aristocracia européia, satirizada através da quadrilha e do divertido casamento matuto.

Destacam-se também o Xaxado, brincadeira de cangaceiro; o Coco e a Ciranda, ambas manifestações de roda e de improvisô, mas tão diferentes entre si; a poesia improvisada dos violeiros, a animação rítmica das zabumbas e dos ternos de pífanos, o cheiro de pólvora queimada e os estrondos secos dos bacamartes, das esfusiantes girândolas, de singular beleza e efêmera duração. Pernambuco se transforma em um enorme salão de festas, um gigantesco arraial.

A excelência das comemorações juninas se completa com a gastronomia típica. É a festa do paladar, através do cardápio rico nas opções e no sabor, onde impera um receituário à base de coco, açúcar, castanhas e muito milho verde. Pamonhas, canjicas, milho cozido e assado, batata doce assada na brasa das fogueiras, pé-de-moleque e outros bolos famosos, entre eles Sousa Leão e Luiz Felipe. A animação é reforçada com as bebidas quentes servidas na época: caldinho, misturada, bate-bate e o próprio queijão.

Porém, não basta falar sobre as nossas comemorações juninas, o importante é participar do imenso leque de opções festivas e da hospitalidade da gente pernambucana. Venha sentir a alegria espontânea dos folguedos e o sabor ímpar da gastronomia. Experimentar as adivinhações, participar dos toques e oferendas a Xangô, soltar fogos, dançar forró até o sol raiar. Por que em Pernambuco, junho é mês de muita festa.

Belo Horizonte — MG

FOLCLORE: TEORIA E MÉTODO

Prof. Dr. Saul Martins, renomado escritor, antropólogo e folclorista, cuja contribuição ao folclore e a cultura popular, tem sido das mais acentuadas, nos oferece neste ano de 88 uma série de obras noticiadas em nossa edição. Entre elas destacamos "FOLCLORE: Teoria e Método". Nessa obra de valor didático cultural, o autor reúne informações das mais valiosas destinadas principalmente a professores que se dedicam a área do ensino do folclore.

Servimo-nos do "ÍNDICE GERAL" da obra, para trazeremos ao leitor interessado as principais informações do seu desenvolvimento. Antropologia e folclore. A palavra. Caracterização do fato folclórico. — Significado de tradição no contexto sociocultural. — Fato folclórico e folclorização. — Folclore nos Cursos de Ciências Sociais. — Os domínios do folclore. — Conexão com a Antropologia. — Formação da cultura brasileira. — Perspectiva do Folclore no Brasil. — Fala do Povo: considerações gerais. — O MITO: Origem e formação. — O conto popular: Origem, formação e mecanismo

de difusão. — A lenda, sua origem e formação. — Quadra ou Trova. — Cordel e outros gêneros poéticos da literatura oral. — A paremiologia ou estudos dos provérbios. — O enigma popular ou adivinha: Conceito. Importância. Características etc. — Os gestos tradicionais. — Prestígio dos números no folclore. — Parlandas. Trovas. Mnemônicas. Expressões, provérbios e frases feitas. — Rezas, crendices e simpatias envolvendo números. O Três, o sete e o treze. — Medicina Popular. — Medicina Teológica ou Supersticiosa. — Promessas. Benzeção. Simpatias. — As superstições em geral. — A cozinha brasileira. — A música folclórica. — Modinha brasileira. — Os instrumentos da música folclórica. — Folclore divertido. — Festas de devoções: Bandeiras do Divino, cavallhada e corrida de argolinha. — Féstas religiosas. — Entrudo: crenças, superstições e práticas rituais ligadas ao ciclo da Quaresma. — Mês do rosário. — Congada e reinado. — Principais manifestações no Brasil do folclore negro. — Sincretismo das religiões negras no Brasil. — Aspectos populares e tradicionais da atividade econômica. — Artesanato folclórico, etc.

É uma das obras mais completas sobre folclore, editadas nos últimos anos no Brasil.

Contendo 441 páginas, a sua única falha é ter tido uma edição de apenas mil exemplares. Impressa sob os auspícios da Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais, o que é louvável, contribuiu para que privilegiados leitores, tomassem importantes conhecimentos, transmitidos pelo admirável mestre Saul Martins.

Belo Horizonte — MG

CONGADO: FAMÍLIA DE SETE IRMÃOS — Saul Martins. Obra editada pelo Serviço Social do Comércio — SESC. Administração Regional em Minas Gerais.

Nessa obra o autor reúne em forma descritiva e informativa, a relação cultural participativa, existente nos grupos da “FAMÍLIA DE SETE IRMÃOS”, integradas ao CONGADO.

Diz o autor: Na raia cultural dos folguedos, o CONGADO é a maior ocorrência folclórica em Minas”.

O objetivo do autor, nessa sua obra de “40 anos de pesquisas”, ricamente ilustrada a cores, mostrando as vestes e indumentárias dos grupos, num primoroso trabalho gráfico, editada pelo SESC, é evitar a descaracterização dos grupos componentes do CONGADO.

Esses grupos da “Família de Sete Irmãos”, que, na realidade são oito, com a participação do VILÃO, constam do: CANDOMBE — CONGO — MOÇAMBIQUE — CATOPÊ — MARUJO — CABOCLINHO — CAVALEIRO DE SÃO JORGE e o VILÃO. São apresentados descritivamente, com suas vestes, indumentárias e adereços, em cores, de forma que vistos assim, corrigem as falhas que os descaracterizam, apontadas pelo autor, cujo trabalho desenvolvido na defesa da autenticidade dos grupos, o credenciou até como “patrono” do CONGADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO de Minas.

A edição da obra, diz o autor, “deve-se ao espírito clarividente do Diretor do SESC, Robínson Correa Contijo”.

Caruaru — PE

Visita ao poeta de “Cordel” Cristovam em Caruaru.

Em junho de 88 o nosso editor esteve em Caruaru, quando visitou o poeta “Cordelista”, repentista Cristovam, na sua barraca instalada na nova área da Feira de Caruaru, em Pernambuco.

Cristovam é um dos poetas de Cordel mais produtivos do nordeste, sendo conhecido em mais de 40 países, principalmente na França, onde os seus folhetos têm sido amplamente estudados.



Caruaru, Pe

Prof: Aleixo Leite Filho — Outra figura de destaque nos meios culturais de Caruaru, é o Prof: Aleixo Leite Filho, que também foi visitado pelo nosso diretor e editor Doralécio Soares, encontrando-o de malas prontas para a Europa a fim de gozar uma “bolsa de estudos”, que lhe for conferida pelo Governo da Espanha.

Aleixo Leite Filho, além de professor da Faculdade de Filosofia e Letras de Caruaru, é também escritor com várias obras publicadas, sendo também um dos seus “hobbies” a literatura de Cordel, com vários folhetos publicados.

Nesta edição, publicamos de sua autoria “VIOLAS DA SAUDADE”.

BRUXELA — BÉLGICA

RENDAS DA BÉLGICA — De sua estada na Bélgica em abril de 88, recebemos do ex-Vereador, Dr. Rogério Queiroz, um folheto com significativo cartão sobre o artesanato de “Rendas de Bilros”, ali produzidas pelas rendeiras de Bruxelas.

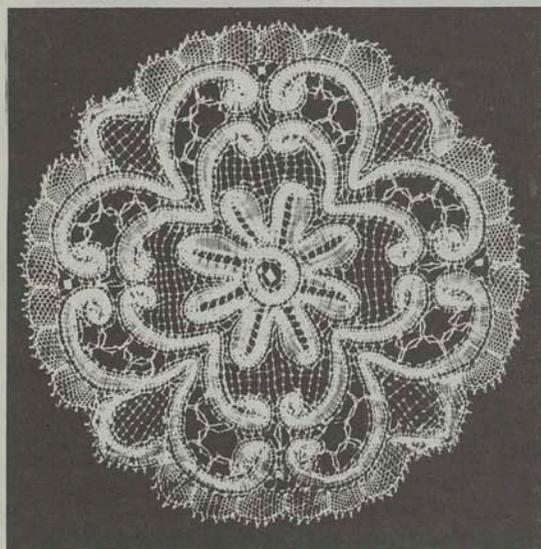
Diz o Dr. Rogério Queiroz, que essa atividade é bem desenvolvida na Bélgica, entretanto também lutam com dificuldade as artesãs, locais. “Como aqui igualmente”, finaliza.

Ilustramos esta nota com uma montagem feita do folheto recebido, onde mesmo reduzido, pode-se notar a perfeição das rendas executadas.

O texto do folheto onde se vê um grupo de rendeiras, é em espanhol.

La tienda "Kantjuweeltje" ofrece a Vd. una gran selección de manteles, velos de matrimonio, ropa de bautismo, pañuelos, encaje antiguo y otras cosas.

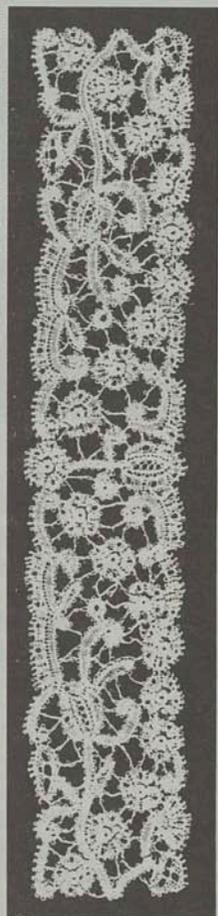
Cada día (así que el domingo) hay una demostración y explicación en Neerlandés, Francés, Inglés, Alemán, Español y Italiano.



Abierto:
desde las 9 de la mañana
hasta la puesta del sol

Kantjuweeltje

Philipstockstraat 11
8000 BRUGGE — Tel.
050/33.42.25



Kant
Dentelles
Lace
Spitzen
Encajes
Merletti

“Viola da Saudade”

**Aleixo Leite Filho*

A poesia boa não envelhece e prescinde do tempo para existir.

É semelhante ao Evangelho, quem faz sua atualização é o estado d’alma de quem procura seu ensinamento.

Dispensável é a preocupação de Ribamar Lopes no Prefácio do livro de sua autoria: “Viola da Saudade”, quando se penitencia de não ter consentido sua publicação muitos anos antes: “Estes versos guardam a poeira de muitos anos de gaveta.” No dizer de Enéas Athanázio: “a pátina do tempo”; a tradicional gaveta que incubou, por arrasados anos, o “Caetés” (1933 do velho Graça, e que continua mantendo, em cela privada, muita obra inédita, à espera de um Mecenas. E continua o autor nos seus cuidados: “É verdade que meus receios não eram apenas os de uma possível influência de Catulo e de Zé da Luz nestes versos. Influência, certamente existe, e de um modo que considera benéfico, positivo. O que eu receava, de fato, era a repetição inconsciente de algum momento captado naquelas muitas leituras e retido na memória, ou mesmo algum breve instante de semelhança, o que se não caracteriza o plágio, denuncia a pobreza do talento criativo, evidenciada na imitação.”

Certa vez escrevi um trabalho de pesquisa e mostrei a um amigo para ser submetido a sua crítica e, ao recebê-lo de volta, aprendi a seguinte lição: “Coloque-o na gaveta e, daqui a dez anos, observe se você ainda seria capaz de publicá-lo.” Cumprido o preceito, o referido trabalho, transformado em plaqueta, já anda pela terceira edição. Mas não ficou por aqui o relato do meu depoente: “Naturalmente não era necessário tanto tempo para essa constatação e para a decisão de publicar um caderno de poemas. Mas a verdade é que os versos foram ficando esquecidos na gaveta, e só agora disponho a sacudir-lhes a poeira do tempo. A poesia porventura neles existente terá resistido a esses trinta anos de espera.” Este episódio fez me lembrar de Camões: “Mais serviria, se não fora / Para tão longo amor tão curta a vida!”

Escreveu Álvaro Lins que: “Existem homens que explicam as suas obras, como há obras que explicam seus autores.” O “peru” observa melhor o jogo do que quem está jogando.

“Viola da Saudade” é livro que independe de qualquer explicação anterior. A erudição costuma impor determinadas condições quando a gente pretende voltar às raízes, à simplicidade da nossa origem.

É uma espécie de satisfação cobrada pela literatura castiça. Câmara Cascudo também tem o que contar: “Meu pai tinha jornal (“A Imprensa”, 1914/1927) e era uma surpresa tremenda, desconcertante, atoadora, quando iniciei a publicação das minhas primeiras e tímidas pesquisas folclóricas. Teria muito que contar... Mas era o mesmo na Europa. Godefroid Kurth fala da oposição dos professores belgas contra o folclore em 1980. J. C. von Hahn, cônsul da Alemanha, a Imperial Alemanha, na Albânia, foi denunciado

por entregar-se a uma ocupação indigna de um cônsul. Von Hahn recolhia contos populares, depois publicados e consagrados.”

Publiquei uma dezena de folhetos de feira, e o bastante para ser identificado, com desdém, por quem não me quer ver como autor de obra erudita. Como se fosse uma desonra literária, pendente de uma reprovação inquisitorial. Poeticamente falando, não encontro diferença no conteúdo da mensagem entre “ouvir estrelas”, de Bilac e era o cavalo do tempo/atrás da besta da vida, do *improvisado* de Zé Catota. Os absurdos se completam.

Voltando ao braço da “Viola da Saudade”, Ribamar reconhece a dificuldade de ser fiel ao linguajar matuto: “O empenho de retratar a fala matuta pode resultar, de fato, na mutilação e, daí na deturpação de algumas palavras.

É verdade que a fala rústica da gente simples da zona rural tanto pode propiciar imagens de ingênua e doce ternura poética, quanto permitir a construção de vigorosas expressões que tão bem caracterizam a alma bravia dos sertões. Mas é verdade também que se torna difícil, às vezes, a axata apresentação gráfica de determinados termos (*matutos*), resultando quase sempre infrutíferos os esforços no sentido de retratar esse linguajar com a desejada fidelidade.”

Existem clássicos da literatura nacional que não admitem o sistema de grafia das palavras, da maneira como são pronunciadas pelo homem do povo, alegando que existe uma língua escrita e uma língua falada. Se não me trai a memória, Câmara Cascudo afirmou que o nosso matuto não fala um português errado, mas, sim, um português antigo. Alguns termos afirmam esta assertiva: “Outro. (Do lat. *alteru*, ‘outro entre dois’) “Outro dia, por corrutela; *astro dia*. “Pergunta. S.F. Lus. e pop. pergunta”. “Entonce (Do lat. vulg. *intunce*.) Adv. Bras., pop., e arc. Então.” “Aluir — Abalar, sacudir”. “Desenxabido — Sem sabor”. Por corrutela: *desinxabido*. “Empachado — Diz do estômago muito cheio”. “O matuto nordestino tem por hábito pronunciar “im” em todas as palavras iniciadas por “em”. Ex: imbora, imbaixo, impachado, etc. “Defluxo — Corisa ou catarra nasal”. “Estalecido — Asmático. “Resquício — Resíduo, vestígio”. Por corrutela: *arriquício* de febre. A palavra “trouxe” pronunciada “truve”, pelo matuto, faz lembrar o verbo “Trouver — Achar”, do francês. No entanto, existem palavras que ficam difíceis de ser grafadas de acordo com a pronúncia, e o jeito que há é apelar para a forma certa. Ex: “outro”, “fez”, “cálix” etc. (“novo Dicionário da Língua Portuguesa” — Aurélio Buarque de Holanda).

Notadamente, em certos casos, se a gente escrever os termos corretos de alguns versos do poeta popular, descaracteriza a beleza de expressão sentimental da sua poesia. Um exemplo de Generino (do Teixeira) Batista: “Meu sinhô me dê dinheiro / Pra comprá um boi pra eu / Eu trabaíava cum dois / Mas um desapareceu / E eu perciso butá outo / No lugá do qui morreu”.

Rui Barbosa já dizia que: “Uma das necessidades da forma, nos trabalhos literários, é a harmonia: e que a harmonia, se não é sensível aos ouvidos obtusos, de homens alheios a estas coisas, certamente o será hoje e sempre à audição dos habituados à arte, dos acostumados a ver nos melhores trabalhos as suas falhas inevitáveis. O ouvido vai-se apurando, cada vez mais sensivelmente, de geração em geração”.

A harmonia da forma tanto deve existir na linha melódica do canto, como na combinação do discurso poético como o grau de instrução do poeta. Enquanto Alencar

se mostrou preconceituoso por ver parte de sua obra literária transportada para o versejo popular. Rui apreciava ler os modestos livrinhos adquiridos nos feirantes.

Andou bem o poeta Ribamar Lopes conduzindo a "Viola da Saudade" pelos atalhos de sua adolescência. Talvez o sertão que ele decantou nunca tenha existido, senão na inspiração do autor, da mesma maneira das decantadas visões parnasianas. Repetindo o dito do Coroné Ludugero: "Dixe pouco, mas dixei bom!"

Adiante, uma ligeira prova: De "Carro de boi": Hoje tu véve incostado, / isquicado, disprezado / como um retrato apagado / dos tempo que já se foi... / dos tempo que nas istrada, / siguinto atrás do guiêro, / tocado pelo carrêro. / cantava os carro de boi.

De "Chapéu de Couro": (que seria, de início, o título do livro):

"Se não tem qualqué valia, / por sê tão véi, tão surrado, / esse chapéu vale tudo / que eu já tive no passado. Vale tudo que eu sonhei, tudo o que eu fui, Margarida, / iscanhado em meu Talento / nas vaquejada da vida!... Vale intê este desejo / que eu sinto, véi cumo eu tô, / de dá tudo que eu já fui / pra sê de novo o que eu era / e não sê hoje o que eu sô...

BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Câmara. *Prefácio da 3a. Edição*. In: Cantadores. Leonardo Mota. Rio. Livraria Editora Cátedra, 1978. p. XLII.

LINS, Álvaro. *Valores e Misérias das Vidas Secas*. In: *Vidas Secas*. Graciliano Ramos, Rio. Editora Record, 1978. p.136.

LOPES, Ribamar. *Viola da Saudade*, Fortaleza, BNB, 1985. (Livro texto).

RIBEIRO, Luiz Rezende de Andrade. *Dicionário de Conceitos e Pensamentos de Rui Barbosa, São Paulo, EDART - Livraria Editora Ltda. p. 260 (item 946).*

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA — Aurélio Buarque de Holanda.

Caruaru, maio de 1987

Ceia de Natal

Maria Brígido (da Academia Piracicabana de Letras)

Assim reza o Cap. XII do Exodus, antes do relato da última e décima praga infligida aos egípcios: "E chamou Moisés a todos os ancianos de Israel e lhes disse: "Escolhei e tomai o vinho para vossas famílias e sacrificai o cordeiro da Páscoa"...

Esse banquete celebrado, anualmente, pelos judeus, a 15 do mês de Nisan, mês da primavera, primeiro do calendário hebraico, comemora a libertação do jugo egípcio, e Cristo, antes de morrer, quisera celebrar essa ceia com seus discípulos, e segurando o pão, disse: "Tomai e comei dele, todos, pois isto é o meu corpo". Do mesmo modo, segurando o cálice, disse: "Tomai e bebei dele, todos, pois este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança".

A Ceia Larga, passou, então, a ser de capital importância para a doutrina Cristã-Católica, que nela vislumbra a instituição da Eucaristia comemorada, universalmente, na 5ª feira-santa, como dogma de fé.

Após a deliberação da Igreja Católica de instituir a Cristianização dos Costumes, adotando, em vez de sufocar, rituais da era pré-cristã, considerados pagãos, modificando-lhes as funções para substituir, por Cristo, a entidade a quem eram celebrados, muitas datas foram consagradas acontecimentos cristãos ou a santos do panteon católico. Assim aconteceu com a grande festa do Natal do Sol — *Natalis Invicti* — do culto Mitraista, a 25 de dezembro, quando os doutores da Igreja a transferiram para Cristo, valendo-se das metáforas de Malaquias que qualificara Jesus como o Sol da Justiça e as de Simeão, que O chamara a Luz dos Gentios.

Parece-nos, todavia, que a Ceia, no Natal, haja sido mais um ato do catolicismo popular de comemorar o Nascimento, revivendo a Ceia Larga, ou mesmo a noite da comemoração da Páscoa judaica, uma vez que o povo age inconscientemente, folclorizando aquilo que foi aceito, sem se preocupar com as origens, sem analisar o cabimento, fazendo mesmo adequações que, aos olhos eruditos, poderiam parecer inoportunas ou controversas.

O aspecto espiritual dos banquetes judeus e da Ceia de Jesus com os seus apóstolos, até hoje conservado por famílias judias e/ou cristãs foi, no entanto, deturpado, ao longo do tempo, por iconoclastas, que instauraram as orgias e as "bacanais", levando da Luz Mágica à Ceia de Cristo a alimentação dos baixos instintos".

Isto ocorreu na Inglaterra seiscentista, perdurando até as primeiras décadas do século seguinte, quando o Natal de Jesus foi comemorado, notadamente na alta burguesia, com pompas irreverentes, que descambavam para orgias.

Essas festas que iam de 24 de dezembro até o dia da Epifania, incluíam brindes, brincadeiras e jogos, comandados por uma pessoa que representava o "Misrule Lord"

(rei do desgoverno), com seus "súditos", e mascarados que se incumbiam da parte hilariante. A mesa da ceia era referta de iguarias peculiares, onde predominavam a cabeça do javali e o pavão, com sua plumagem rica, intacta, obra-prima da culinária da época.

A grosseira liberalidade com que essas festas se processavam motivou a rigorosa proibição dos Puritanos, quando estes ascenderam ao poder na Inglaterra.

Dai em diante, as mais simples manifestações do regozijo no Natal, passaram a ser vetadas e seus promotores passíveis de pesadas penas pecuniárias, com perda temporária da liberdade. Essa situação perdurou até a ascensão ao trono de Carlos II, em 1653, que restabeleceu muitos dos velhos costumes do povo; mas os festivais orgâcos eram já um capítulo superado na história da Inglaterra que, desde então, reencontrou o Natal com o sentido de amor e de fé, como aliás, vem sendo festejado, em inúmeros países do Globo.

Coco: sua importância na cozinha do Nordeste

Mário Souto Maior da FUNDAJ

Originário da Oceania, como tudo faz crer, o coco — mais conhecido entre nós como *coco-da-praia*, por se haver aclimatado melhor na orla marítima nordestina, ou *coco-da-baía*, em virtude de a Bahia ter maiores fronteiras com o mar, contando assim, com uma cultura de coqueiro muito mais significativa — foi trazido, como aconteceu com a manga, a jaca, a fruta-pão e outras fruteiras, pelo português colonizador, povo dotado de espírito aventureiro e de uma heróica mobilidade que lhe permitiu explorar quase todos os continentes.

Palmeira capaz de atingir mais de vinte e cinco metros de altura, o coqueiro enfeita nossas praias, fazendo as vezes de um símbolo da região e do povo nordestinos, notadamente do pernambucano, de cujo hino participa:

— “Salve, ó terra de altos coqueiros/
De belezas soberbo estendal
Nova Roma, de bravos guerreiros!
Pernambuco, imortal! imortal!”

Dizem que tudo se aproveita do boi (menos o mugido, é claro), do cajueiro, do babaçu, considerado até como a árvore da vida. Mas do coqueiro nada se perde, também. Suas folhas são usadas na cobertura de casas humildes e na fabricação de chapéus, cestos, esteiras. De seu tronco são feitos móveis de uma beleza sem par. Durante a I Grande Guerra Mundial, o carvão feito com a casca de seu fruto foi utilizado como absorvente na fabricação de máscara protetora contra gases. Do broto do coqueiro se faz o palmito, que pode ser comido fresco ou em conserva. O povo costuma fazer remédios de sua flor, da casca de seu fruto e de suas raízes que, quando novas, são antitóxicas, fortificantes das gengivas, anti-diarréias, anti-disentéricas e antiblenorágicas. Um artesanato bonito e variado encontra motivação em suas palmas (abanos, sacolas), em seu endocarpo que o povo chama de *quenga* (pequenas cuias e farinheiras artisticamente trabalhadas), em suas fibras (vassouras, escovas, tapetes). Cordoalha e cabo para navios, sacos, broxas para pintor, escovas, redes e linha de pesca são feitos do coqueiro.

O fruto do coqueiro — o coco — gera riqueza quando usado industrialmente na fabricação de lubrificantes, manteiga, margarina. Ou na fabricação do *óleo de coco* usado em grande escala na cozinha, no preparo dos pratos mais gostosos, mais populares, mais regionais. E sua água? Saborosíssima e dotada de qualidades medicinais, substituiu o soro fisiológico nos hospitais do Pacífico durante a II Grande Guerra Mundial. Aliada à cachaça e ao uísque, também ajuda o homem a curar as *dores-de-cotovelo*, a esquecer

problemas e a sepultar sonhos impossíveis.

A importância maior do coco — acredito — diz respeito a sua participação na cozinha, associado a outros ingredientes, regionalizando, por força de sua geografia climática, o paladar de milhões de pessoas. E tanto é assim que o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre recolheu, em *Açúcar* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969) noventa e uma receitas de bolos e doces nordestinos, das quais cinquenta e sete têm no coco um dos principais ingredientes. Quase sozinho, aliado apenas ao açúcar, do coco se faz *baba-de-moça* e *doce-de-coco* (guloseimas preferidas por Josué Montelo, Otávio de Faria, Rubem Braga, Jorge Amado, Abgar Renault, Luís Jardim, Vasco Leitão da Cunha e outros escritores brasileiros) cocada *quebra-queixo*, doce-japonês, *pixaim*, *sabonga*, sorvete, batida.

Como ingrediente, o coco figura com muita força, na receita de uma infinidade de pratos regionais, tornando-os mais saborosos ainda: arroz-de-coco, arroz-de-viúva, arroz-doce, beijinhos de coco, beijinhos de coco e abacaxi, beiju de mandioca, biscoitos baianos, bolinhos de iaiá, bolinhas de coco, bolinhos de goma, bolo cabano, bolo de bacia à moda de Pernambuco, bolo de batata-doce, bolo de caroço de jaca, bolo de coco, bolo de macaxeira, bolo de milho verde, bolo de São João, bolo engorda marido, bolo manuê, bolo ouro e prata, bolo paraibano, bolo pé-de-moleque, bolo perna de moça, bolo 13 de maio, bolo souza leão, bredo de coco, broinhas de coco, canjica, casquinhas de caranguejo, chouriço, ciúmes, cocada de batata de umbu, crustáceos à pernambucana, cuscuz de milho e de mandioca, feijão de coco, frigideira de maturi, frigideira de siri mole, fritada à pernambucana, fritada de camarão, fritada de camarão sem camarão, fritada de sururu, grude, manjar do céu à pernambucana, mãe-benta, manuê, manuê de cará, manuê de milho, manuê na folha de bananeira, melindre, não-me-toque, pamonha de milho verde, pé-de-moleque à moda pernambucana, pé-de-moleque nordestino, pirão com leite de coco para peixe assado, *pixaim*, pudim de coco à pernambucana, pudim de macaxeira, pudim quero-mais, queijadinha, quindins, quindins de iaiá, sabongo, samboca, soruete, sururu, tapioca, tapioca molhada de Pernambuco, vatapá, vira-vira e outros.

Durante a Semana Santa, o coco é uma constante nos pratos próprios da época: peixe de coco, bredo de coco, arroz de coco. Nos festejos juninos, de mãos dadas com o milho, o coco também ajuda no preparo de pratos que, sem o gosto que ele dá, não seriam tão gostosos, eternizando, assim, uma tradição regional.

Raro é o dia em que o nordestino não precisa do coco para continuar a viver. No cuscuz do café da manhã, na água-de-coco que toma para matar a sede, no peixe, no doce, na batida, no picolé e no sorvete, em quase tudo o coco dá o ar de sua graça, de seu sabor, de sua presença.

Dada a sua importância como fonte de renda e a sua constante permanência na alimentação diária, o que seria do nordestino — principalmente o que habita a orla marítima — se não fosse o coco?

Medicina Popular

Prof. Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo

Medicina popular é a área de estudos do folclore que tem por objetivo observar, estudar e analisar o comportamento do homem envolto por problemas de saúde.

Esse comportamento compreende as maneiras adotadas tanto para prevenir doenças como para curá-las.

A abordagem da medicina popular do ponto de vista histórico, geográfico, sociológico e psicológico mostra-nos a constância do uso das plantas medicinais no tempo e no espaço, o que, longe de constituir um privilégio da zona rural ou das classes favorecidas, é um fenômeno generalizado.

Para estudá-la e melhor compreendê-la será necessário separá-la em partes, embora estejam intercaladas. Podemos dividi-la em material e espiritual.

Consideramos medicina material aquela que emprega recursos exclusivamente materiais. Nela estão presentes, principalmente, as plantas medicinais, elementos que permitirão, através de estudos científicos, uma avaliação das verdades terapêuticas dessa medicina considerada empírica, que acompanha o homem no decorrer dos tempos.

O estudo das plantas medicinais representa a parte mais importante da medicina popular, visto estar ela estreitamente ligada, tanto à medicina espiritual como à medicina material. Inúmeras são as plantas utilizadas para os diversos problemas relacionados à saúde.

Evidentemente que há um número enorme com propriedades terapêuticas semelhantes e que podem ser utilizadas para o mesmo fim. Existe, porém, uma variação na maneira de usar e na finalidade a que se destina, entre um e outro indivíduo do mesmo grupo social.

Os critérios de escolha de uma planta para um determinado mal são, invariavelmente, estabelecidos pela observação relativa ao seu uso, se não positivos os resultados quando usada e quais as informações dadas pelos mais entendidos. Portanto, os mecanismos de defesa contra as doenças, no campo da medicina popular, não são apenas formas de comportamento herdadas. Eles são aprendidos e modificados lentamente dentro do grupo social.

Devemos aos jesuítas o conhecimento de muitas plantas medicinais, adquirido através do contato com os índios e principalmente daqueles que, no meio das tribos, praticavam a arte de curar.

A terapêutica indígena era quase exclusivamente baseada nas virtudes medicinais de inúmeras plantas e, tal como ocorre hoje, a etnologia era baseada em noções muito simples. Além dos vegetais, utilizavam substâncias orgânicas e inorgânicas como saliva, urina, cabeça ou cauda de ofícios, gorduras animais, chifres, ossos, etc. Usavam os

remédios, geralmente quentes, em decoctos, e externamente empregavam cataplasmas de folhas de ervas. As fricções e massagens com o auxílio de sumos de plantas eram comuns.

Entre os negros que vieram para o Brasil como escravos, alguns eram curadores, outros feiticeiros e, tanto uns quanto outros, peritos em raizadas e feitiços. Em virtude de se originarem de outras terras, forçosamente foram assimilando os conhecimentos dos que já viviam aqui. Sua influência na medicina popular de hoje recai no que diz respeito ao sobrenatural, que fez com que sua medicina sobrevivesse e criasse fundas raízes na população do País. Era uma medicina fetichista e mística.

Embora utilizassem as ervas e outros recursos da medicina material, seu principal prestígio estava centralizado nos poderes mágicos a eles atribuídos. O negro, portanto, muito contribuiu para o que podemos chamar de "medicina espiritual".

Paralelamente à medicina popular, considerada material, na base principalmente de ervas, que desde épocas remotas vem acompanhando o homem, encontramos, seguindo o mesmo caminho, a medicina espiritual.

O homem em busca do sobrenatural é uma constante de todas as épocas. Podemos verificar que esse fenômeno ocorre com a mesma intensidade como nos primórdios dos tempos, em que os homens recorriam às diferentes formas de religião para solucionar problemas de saúde. Dentre as religiões, as mediúnicas são as que têm atraído a maioria dos aflitos.

Cultos Populares

Prof. Raul Lody

As expressivas manifestações da religiosidade popular brasileira situam os lastros étnicos que se aculturaram num clima tropical, onde a ecologia, os ameríndios e a situação da terra colonizada legaram elementos próprios à implantação de uma cultura Ocidental Cristã. Assim, com o recebimento da religião católica, oficial e dominante, e com a vinda de muitos afro-negros, em sua maioria, da Costa Ocidental do continente Africano, além de outras influências vindas com os cristãos-novos e elementos islâmicos, juntos, mesclaram e aculturaram suas marcas culturais através de um forte abasileiramento, criativo e peculiar do novo meio e da nova sociedade. Num amplo e novo complexo de costumes e tradições religiosas.

As organizações dos cultos populares encontram-se vinculadas, além dos aspectos étnicos, rígidos muitas vezes, pelo respeito dos modelos tradicionais, também aos aspectos sócio-econômicos, afetos à substância dos grupos, atuando como indicadores da dinâmica cultural.

As práticas devocionais do catolicismo popular, através das Folias do Divino Espírito Santo, Folias de Reis, São Benedito, procissões, romarias, ex-votos, Danças de São Gonçalo, situam algumas criações das interpretativas formas populares diante do catolicismo oficial e codificado.

O culto e demais práticas afro-brasileiras encontram-se mais afetos aos costumes étnicos, cumprindo os ciclos festivos dos deuses, orixás, voduns e inquices, além de ampliarem sua marca da situação cultural dos terreiros às ruas, ocorrendo nos Maracatus, Afoxés, e outras práticas públicas, expressivas formas de cultuar os elencos de deuses, já densamente situados num franco sincretismo afro-católico, mutável, variável e dinâmico.

Os elementos indígenas ocorrentes nos cultos populares, em sua maioria, vêm da interpretação afro-brasileira dos modelos estéticos e mitológicos da fantasia ameríndia, que, vista e lida pelos agentes dos cultos populares, resultou em manifestações culturais. Também oriundas de um sincretismo ameríndio-cristão, surgiram práticas ordenadas na complexidade de organizações, de ocorrência restrita, mas de forte significado aculturativo. Torés, Pagelanças e Catimbós atuam como marcas da mística ameríndia, já elaboradas e situadas nos padrões religiosos do nosso povo.

É importante observar que a religiosidade popular brasileira, ao mesmo tempo que segue modelos impostos pela tradicionalidade, procurando garantir a memória cultural dos grupos, é eminentemente criativa e dinâmica, atuando na mesma frequência em que seus agentes vivificadores se situam na sociedade restrita do culto, ou na sociedade ampla e geral do espaço comum.

Campina Grande e o maior São João do Mundo

Maria da Conceição Soares Leite

Entre os eventos folclóricos da Paraíba do Norte, Campina Grande, destaca-se com os seus festejos juninos, já tradicionalmente conhecidos no Brasil, como "A Maior Festa de São João do Mundo".

De primeiro a 30 de junho, Campina Grande é invadida por turistas procedentes de todas as partes do Brasil, que vêm participar dessa grande festa que aqui é realizada, oferecendo diariamente atrações das mais espetaculares apresentadas no Parque do Povo, obra grandiosa, recentemente inaugurada pelo Prefeito Dr. Ronaldo Cunha Lima, cuja administração é destaque, dando ao folclore o merecido valor, principalmente o relacionado ao festejo junino, apresentado em toda a sua grandeza.

Se constitui num maravilhoso espetáculo, a esfuzeante abertura dos festejos, quando os fogos de artifícios maravilhosamente fabricados pelos nossos "fogueteiros" artesãos, espocam no céu cobrindo de ouro e prata o espaço, onde os balões psicodélicos atravessando os céus, levam ao deslumbramento os que assistem. São balões das mais variadas cores e formatos, grandes e pequenos em forma de abóbora (girimum), laranja, charuto, estrelas e tantas outras, embelezando as noites de Campina Grande.

As danças são apresentadas, destacando-se a tradicional Quadrilha, onde não pode faltar o "casamento do jeca" satirizando as altas núpcias dos casamentos da vida social da cidade, onde essa festança se propaga por várias ruas da cidade.

As quadrinhas são "destaque", eivadas de sátiras em suas paródias:

"Arraial do Zé Fumaça"

O sabido sempre diz

Se tem fogo tem fumaça Se tem mulher tem amor

Se tem amor tem cachaça

"Virgem da Sêca"

Tem mulher virando homem Tem homem virando mulher

Se você usar mão boba

Vai pegar o que não quer! . . .

“Xote Menina”

Xote menina tem fama
Por ter organização
É destaque que orgulha
Qualquer festa de São João!

“Crianças do Arraial”

É tudo beleza pura
No arraial muita dança
O menino fica grande
O homem vira criança!

“Pagode Nordestino”

O pagode nordestino
Tem sabor bem brasileiro
É mulata dando sopa
Valorizando o “Pandeiro”!

Corrida da Fogueira

Entre as atrações da festa junina, se destaca a Corrida da Fogueira. A mesma é realizada em três modalidades: feminina, masculina e juvenil. Desta participam atletas de vários estados, concorrendo à premiação de troféus e medalhas disputadas sob os aplausos vibrantes da torcida presente.

As Barracas

São inúmeras as barracas que se instalam por todo o parque, oferecendo as comidas e bebidas típicas da região. São: canjica, pamonha, milho verde, quentão, caipirinha, caipirosca, e outras tão a gosto dos consumidores.

As barracas de produtos artesanais típicos da região se destacam nos seus mais variados aspectos.

Os Forrós

Um dos pontos culminantes da grande festa é o “Forródromo”, que serve de palco aos forrozeiros e forrozeiras, que aproveitam no “forró” os embalos dos conjuntos regionais, atravessando as noites no gostoso embalo do compasso de “Piza na Fulôr”.

Nos clubes da cidade: Campinense Clube, Caçadores, Campestre, Forrok, Vale do Jabotá e Ipiranga, acompanham o ritmo do “forró”, com a participação da moçada nas noitadas alegres e festivas de São João, que se prolongam até o raiar do dia.

São 30 dias de vibração popular de alegria constante, que se repete anualmente nessa Campina Grande, que orgulhosamente oferece essa festa aos filhos da terra e ao povo que para aqui converge, para assistir e participar do maior “São João do Mundo”, recebendo o tempero da hospitalidade Campinense.

O Diabo da tradição cultural Judaico-Cristã e suas comparsas as Bruxas

São Paulo (SP) Julho, 1988.

Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima é pesquisadora do folclore, membro da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FOLCLORE e autora do livro Lobisomem: assombração e realidade.

“A existência e a ação nefasta do Demônio são coisas verdadeiras. Satanás — em quem todo cristão deve acreditar, se não deseja comprometer a sua salvação — não é uma fantasia, mas uma pessoa verdadeira e real, invisível e tremendamente dinâmica.”

(Papa Paulo VI in O Estado de São Paulo, 17/11/72).

A Identidade do Diabo

No contexto da cultura espontânea (folclore), o Diabo da tradição cultural judaico-cristã é a essência do mal, a fonte de todos os vícios, crueldades, horrores e catástrofes que assolam o mundo.

Lúcifer — o anjo-luz — foi expulso do Reino dos Céus e condenado à danação eterna, pelo pecado do orgulho: “porque quis ser igual a Deus.” Esta a grande acusação que lhe fazem, aduzindo ter sido o castigo, merecido.

O Diabo é sempre referido no singular e simbolicamente associado ao anjo rebelde, embora alguns não saibam que anjo tenham sido esse.

Também não gostam de pronunciar o que consideram *os nomes dele: Diabo e Demônio*, porque isso equivaleria a chamá-lo. Curiosamente, porém, *Diabo* é o nome que aparece nos Ditados e outras expressões de linguagem.

Para não pronunciarem *os nomes dele*, deram-lhe diversos apelidos, pelo Brasil afora, nomenclatura essa coletada em localidades do Estado de SP e que recebeu, ainda, a valiosa colaboração dos cientistas sociais professores Mário Ypiranga Monteiro (Manaus — AM), Napoleão Figueiredo (Belém-PA), Veríssimo de Melo (Natal-RN) e Câmara Cascudo, através do seu Dicionário do Folclore Brasileiro:

Amaldiçoado; Arrenegado; Bicho; Bode; Cabrão; Cafute; Caifás; Cambito; Cão; Cão Rabudo; Sarnento; Tinhoso; Capa-verde; Capeta; Capirote; Chifruado; Coisa; Coisa Ruim; Condenado; Cornudo; Coxa; Cujo; Dedo; Demo; Diacho; Dianho; Dito Cujo; Drale; Droga; Encapetado; Esmulambado; Espírito Mau; Excomungado; Ferrabrás; Figura; Fute; Futrico; Gato-Preto; Gênio Mau; Impuro; Imundo; Infrujo; Inimigo; Intrometido; Maioral; Maldito; Maligno; Malvado; Mofino; Moleque; Mulambudo; Não-

sei-que-diga; Pedro Botelho; Pé-de-Cabra, de Pato, de Peia, Preto, Torto; Peste; O Próprio; Rabão; Rabudo; Rapaz; Sapucaio; Sarnento; Sócio; Sujo; O Tal; Tentador; Tição; Tinhoso; Tisnado; Unhudo.

Os nomes eruditos são pouco conhecidos. Às vezes mencionam Belzebu (que geralmente é *Barzabu*), *Lucifér*, Satã, Satanás.

“O verdadeiro nome de Satã, dizem os cabalistas, é o nome de Jeová às avessas.” “Eu me chamo Legião, diz ele no Evangelho, porque somos uma multidão”. “Os bons cristãos evitam mesmo de mencioná-lo”. (Eliphaz Levi in “História da Magia”).

O pronunciar os *nomes* ou *apelidos* do Diabo, é quase sempre seguido do gesto de persignar-se, e freqüentemente da invocação *Cruz-Credo!*

Informam que o Diabo cheira a enxofre, que é como rescende o Inferno. Esse odor caracterizaria a presença do Dito-Cujo.

Existe referência bibliográfica a uma hierarquia infernal (Felix Coluccio e Marta Isabel Coluccio in “Presencia del Diablo. . .”), na qual se incluem 72 Príncipes. Outros 7.405.926 diabos menores dividem-se em 1.111 legiões, com 6.666 membros em cada.

Embora sua morada seja o Inferno, perambula o Demo pela Terra, incansavelmente, na nefanda missão de arrebanhar almas para o fogo eterno. Essa é a principal ocupação de Satanás e, para alcançar seu objetivo, vale-se das mais diversas formas de tentação.

Sua primeira notável façanha terrestre foi seduzir Eva, no Paraíso.

Atrevido e arrogante, desafiou o próprio Cristo, não uma, mas três vezes, com promessas formidáveis, pretendendo, até, que Jesus se prostrasse em adoração, a seus pés.

A Bíblia revela o número de sua identidade — 666 — número que identifica a Besta, o Anticristo.

A aparência do Diabo

“Depois de ser sido durante a Idade Média o terror do mundo, veio a ser o diabo a sua chacota. Herdeiro das formas monstruosas de todos os falsos deuses sucessivamente abatidos, o grotesco espantinho tornou-se ridículo à força de deformidade e hediondez” (E. Levi, op. cit.)

O Diabo, na sua aparência *natural*, é chifrado, rabudo com a cauda arrematada em seta, unhudo, olhos redondos em brasa, cascos e barba de bode, pele tisnada e hirsuta e asas semelhantes às do morcego.

Apresenta-se, porém, nas mais variadas formas.

Através, especialmente, dos autores Laura de Mello e Souza e Luiz Mott, pesquisadores da documentação arquivada na Torre do Tombo, em Lisboa, descortinam-se com clareza os fatos que envolveram *hereses* inquiridos pelos tribunais religiosos.

Em 1610, bruxa espanhola assim escrevia o diabo: “Seu rosto é muito triste, feio e irado. Tem figura de homem negro com uma coroa de cornos pequenos e três grandes, como se fossem e bode. Dois, tem-nos na nuca e um outro, na frente, com o qual dá luz, iluminando todos os que estão ao seu lado. Os olhos, tem-nos redondos, grandes, muito abertos, acesos e espantosos. A barba, como de cabra; o corpo regulando o tamanho do homem e do bode, as mãos e os pés com dedos de gente, mas todos do mesmo tamanho e pontiagudos; as unhas, como garras; as mãos curvas, como e ave de rapina e os pés como se fossem de ganso. Tem voz espantosa,

desafinada, e, quando fala, soa como um burro quando relincha, mas em tom baixo. Suas palavras são mal pronunciadas e não se as entendem claramente. Fala sempre com voz triste e rouca, ainda que com muita gravidade e arrogância. O seu semblante é muito melancólico e parece estar sempre encolerizado”.

Demonólogos apresentam-no, de acordo com aparições descritas por homens e mulheres, com os mais variados aspectos: cavalo, gato, cão, touro, sapo, macaco, urso, galinha rodeada de pintinhos, homem branco ou negro, bonito de rosto e com corpo disforme, garboso soldado, rude camponês, guapo cavaleiro com espada, bota e chapéu, ou como bode, no eu lúbrico desempenho no Sabbat.

O demonólogo Caesarius Heisterbach (século VII) afirmava que ele reassumia, depois, a forma de dragão, peixe ou homem negro. Se reassumia, é porque estas formas são-lhe, igualmente, *naturais*.

Os babilônios adoravam, como deus, a um grande dragão. Matou-o o profeta Daniel, o mesmo que saiu ileso da cova dos leões.

Ainda no século VII dizia São Damasceno, Doutor da Igreja, que os dragões, para conseguirem mulheres à vontade, transformavam-se em homens.

Como dragão foi Satã vencido por São Jorge, sendo esse o único animal fantástico que o encarna.

Corvo (do abismo) é também uma de suas formas. Assim aparece sob os pés do taumaturgo e mártir Santo Expedito — e assim é mencionado na oração em louvor do Santo.

Da antiguidade tomou emprestadas as figuras mitológicas do Pan grego (o Fauno dos latinos) e dos Sátiros.

Satanás pode ainda surgir como lobo, como aparecia a São Maudet, pois “todas as noites as paredes do convento que ele estava construindo eram derrubadas por mãos invisíveis. Certo dia encontrou um lobo, que outro não era senão o Diabo. Conseguiu agarrá-lo pela cauda e jogá-lo ao mar. Daí por diante a construção prosseguia normalmente.” (Maria do Rosário S. T. Lima in *Lobisomem: assombração e realidade*).

Perante o Tribunal da Inquisição, uma espanhola relatou que o Arrenegado tomava muitas vezes a forma de sapo, “sempre com a cabeça levantada e a cara de Demônio, trazendo ao pescoço cobras e outros répteis”.

Outra mulher revelou que oferecia o seio ao seu sapo e que, às vezes, ele se esticava e saltava do chão diretamente para o seu peito. Em outras ocasiões aparecia como mancebo e aninhava-se em seus braços, para sugar-lhe o seio.

Mulher acusada de bruxaria descreveu o Diabo, em 1599, com “carne pelosa com muita soma de cabelos, como de bode, com o pelo mais brando e macio”.

Um negro mandingueiro, escravo em Minas Gerais, declarou ter visto o Diabo muitas vezes, tendo sido ele mesmo quem lhe dera a fórmula para as *bolsas de mandinga*, em 1730, numa praia de Olinda. Era figura de homem branco, tinha pés de cabra, de lebre ou de pato. Quando aparecia como mulher, seus pés eram virados para trás. Também se apresentava como bode preto, burrinho, lagarto, cágado, sapinho, cobra, e ainda como galinha rodeada de pintinhos e gato malhado.

A serpente é conhecida como figura de Satanás. Tentou Eva, fê-la comer a fruta proibida e oferecê-la a Adão, que também a comeu. Deus amaldiçoou a serpente, dizendo: “Porque assim procedeste, serás maldita entre todos os animais! Andará

de rasto sobre teu peito e comerás o pó da terra em todos os dias de tua vida. Estabelecerei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela; ela te esmagará a cabeça e tu procurarás mordê-la no calcanhar”. (*in História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento*, Edit. por Frei Bruno Heuser).

Aí está a serpente bíblica, o mais antigo símbolo sexual na tradição cultural judaico-cristã, como bem lembra L. Mott, e por isso mesmo associada ao Demônio.

São Patrício, que levou a doutrina cristã para a Irlanda, tornou-se seu padroeiro, segundo a lenda, após conseguir expulsar de lá todas as serpentes. Serpentes coroavam as Mênades, sacerdotisas de Diôniso (Baco) e em serpentes foram transformados os belos cabelos de Medusa, castigada por Minerva. No Egito era a serpente símbolo da realeza. Herta ou Werta, a Ísis gaulesa, era às vezes representada com o ronco de linda mulher e duas pernas feitas de serpentes, quando então tomava o nome e duas pernas feitas de serpentes, quando então tomava o nome de Melusina ou Melosina. Jasão, para conseguir o toção de ouro, precisou abater serpente alada e terrestre. Nas catacumbas aparece bicéfal, nos desenhos simbólicos dos cristãos, a representar o misterioso peixe que engoliu Jonas.

Ela se apresenta também em religiões mediúnicas brasileiras: no *Batuque* ou *Nação* (RGS) é associada ao orixá Avagã e no *Candomblé* é Oxumaré, deus do arco-íris, elemento e ligação entre o Céu e a Terra.

Não são esses os únicos exemplos da presença da “maldita entre todos os animais”. Há muitíssimos outros.

Duplamente retratada no emblema da medicina e transformada em símbolo cívico durante a Segunda Guerra Mundial — *a cobra está fumando* —, permanece, entretanto, estigmatizada e vinculada a ritos mágicos-satânicos, ao lado do sapo, do lagarto, do morcego.

A Mãe do Salvador calcou-a sob os pés. Virgem Imaculada, isenta do pecado original, bendita entre as mulheres, pôde subjugar-la, em simbolismo idêntico ao de São Jorge que vence o Dragão e ao de Santo Expedito que esmaga o Corvo do abismo.

Contudo, deslocar a figura da serpente edênica para Eva e suas descendentes foi fato consumado através dos tempos.

E o estigma permaneceu, avivado pelos Doutores da Igreja e proclamado pelos ascetas, jejunos de pão e de sexo.

Nessa projeção ressaltam as tentações a que foram submetidos os homens-santos, como São Bento e Santo Antão, constituídas, essencialmente, de apelos sexuais. É Satã na pele da mulher. São os *Súcubos* (do latim *succubare*, deitar-se por baixo), a oferecer deleites inimagináveis aos que experimentarem suas carícias. São demônios femininos, a tentar monges e penitentes, o que já ocorria no século II.

Segundo os textos bíblicos, a mulher é impura e predestinada ao mal, conceito partilhado por pagãos, e por padres da Igreja que a consideravam presa fácil do Demônio.

São Jerônimo, Doutor da Igreja, é mencionado na *História Sagrada* (op. cit.) como “defensor da verdadeira fé, da qual sustentou os dogmas, tanto em suas práticas como em seus escritos”. Célebre pela tradução da Sagrada Escritura, da língua hebraica para a latina (Vulgata), ponderava que a serpente seduzira Eva com a maçã, mas agora, entretanto, tomando a forma viril, empenhava-se, com estratégias, a seduzir as mulheres. Afirmava também que a mulher é um instrumento do Demônio.

E é como *instrumento* que ela aparece, no que restou de uma abadia em Vézelay, fundada em 864, local onde São Bernardo pregou a Segunda Cruzada em 1147. Há ali um capitel, com escultura representando Satã a manejar uma mulher, como se ela fora instrumento musical.

No grande pórtico da igreja de Moissac, em tímpano com o baixo-relevo *Apocalipse*, pode-se também admirar serpentes que se enroscam nos seios flácidos de uma mulher que as amamenta, enquanto um sapo cobre seu sexo, sob o olhar extático de Belzebu. São ambos, serpente e sapo, imagens associadas ao Demônio.

A cabra e o bode encarnam, por excelência, os aspectos do Demônio Lúbrico. Como bode aparece ele presidindo ao Sabbat, quando se une carnalmente às bruxas.

Na assembléia dos Réprobos — reunião semelhante ao Sabbat — na Alemanha de 1232, região de Stedingerland, ao ser apresentado um inincidente, surgia uma espécie de rã, ou de sapo, animal que os presentes beijavam nas partes traseiras, ou na boca, quando sugavam sua baba com a língua. Aparecia ainda ali um grande gato preto, que se aproximava caminhando de costas e com a cauda levantada, para que todos o beijassem sob o rabo, sendo em primeiro lugar o neófito.

As bruxas caçadas pelo Santo Ofício confessavam intercâmbio sexual e pacto com o Diabo, declarando que seus *demônios familiares* e *favoritos*, que as transportavam para o Sabbat, eram bodes, porcos e vitelas.

A negra Maria de Jesus, nascida em Luanda e recolhida no Hospital de S. Francisco de Lisboa, declarou, em 1735, aos 28 anos de idade, que desde aos 12 anos se relacionava com o Demônio, que “era homem bem parecido e vestido de alvadio, bonito de cara e feio de corpo...”

Uma portuguesa amante de Satanás, confidenciou, em 1749, a uma religiosa dominicana: “Se vira a formosura com que ela via o Demônio, não o desagradaria nem poderia resistir ao que ele quisesse.”

O Bezorro de Ouro dos israelistas — segundo relata a *História Sagrada* — (op. cit.), obra de Aarão (que com isso fomentou a idolatria e atçou a ira de Moisés, o qual ordenou a degola, por espada, de cerca de 23.000 homens num único dia), foi considerado inspiração do Demônio.

Santo Agostinho apelidou o Diabo de *macaco de Deus*, por procurar imitá-lo, embora nunca o tenha conseguido igualar.

Integrada ao Folclore da Argentina, corre a lenda guarani do beija-flor e o sapo, coincidente com essa afirmação: Tupã (Deus), com barro e as cores do arco-íris, criara o beija-flor. Aná (o Diabo), ao tentar imitá-lo, consegue apenas produzir um sapo grotesco, barrigudo.

O popularesco contemporâneo incorpora Satanás não só em indivíduos, mas ainda em objetos móveis e imóveis, como carros e casas, que assumem poderes sobrenaturais na sua personalidade diabólica e autônoma.

De incontáveis formas poderá servir-se o Tentador, dependendo das circunstâncias. Astucioso, vai ao encontro das ambições humanas com o aspecto que mais lhe pareça adequado à sedução da vítima, na tentativa de obter sua alma imortal.

Só não toma a forma do galo, do boi e do jumento, porque estes animais serviram ao Menino-Jesus e aquele anunciou seu nascimento.

Os possessos, os amantes do Diabo e sua prole

Os séculos XIII, XVI e XVII foram os mais *satânicos* da história do cristianismo. Os demônios puseram em polvorosa a Europa, instalaram-se no Brasil colonial, e atingiram os Estados Unidos da América do Norte em 1692.

“Salém é um nome maldito nos Estados Unidos. Foi nesta pequena cidade portuária do Estado de Massachusetts, na região outrora conhecida como a puritana Nova Inglaterra, que centenas de mulheres morreram queimadas como bruxas no ano de 1692...” (Hélio Belik in *Folha Ilustrada* (folha de S. Paulo), 16/4/87).

A América do Norte ansiava por destruir o Satanismo. Não o conseguiu. Baldados os esforços, hoje a mesma cidade abriga sete correntes de bruxaria. As bruxas atuais reúnem-se no Sabbat e, como nos velhos tempos, “tomam poções preparadas de acordo com os antigos manuais de alquimia” (Idem). Comparecem, entre outras, a determinada cerimônia (reminiscência de rito pagão), que tem como símbolo os chifres de um animal. Recorde-se ainda a tradicional *Noite das Bruxas* (Halloween) com alegres brincadeiras de mascarados, das quais participam também as crianças, em 31 de outubro, véspera de todos os Santos.

Casos de possessão diabólica foram comuns na Europa, no Brasil e outras partes do mundo e ainda assim é, atualmente.

Nos séculos *satânicos* esse número, como se pode imaginar, cresceu assustadoramente.

Lembre-se que o próprio Jesus Cristo, no convívio com os homens, exorcizara demônios.

O profeta Tobias também praticou o exorcismo para expulsar o demônio Asmodeo do corpo de Sarah, esposa de Abraão.

As bruxas costumam utilizar-se de objetos comuns, para com eles endemoninhar as criaturas humanas e torná-las presas de Satanás. Essa *matéria-prima* da bruxaria constitui-se, geralmente, de roupas usadas, restos de bebidos ou alimentos, pedaços de unha, mechas de cabelo, cotos de cigarro ou qualquer objeto de uso pessoal.

Sendo elas asseclas do Rei do Inferno, com quem firmam pacto de ritual cruento, a ele devem obediência e lealdade, o que cumprem igualmente nos dias atuais, eternizando uma dedicação iniciada há séculos.

Mas nem só através de bruxas incorpora-se o Diabo nas pessoas. Ele age com frequência por si próprio e demonstra certa predileção por meninas-moças virgens, na faixa dos 11 aos 15 anos. Atormenta-se com pancadas, agride-se com objetos que se tornam voadores, fecha-lhes a garganta para que não possam se alimentar, inflige-lhes convulsões, num martírio incessante. A casa onde se abrigam tem suas telhas violentamente deslocadas por forte ventania, portas e janelas batem com estrondo, a toalha da mesa posta para refeição é puxada num repelão, louças e copos saltam dos armários em desordenado vôo, antes de se espatifarem nas paredes. Móveis movimentam-se, desconjunta-se, focos de fogo surgem inexplicavelmente. Assim informam, no presente, habitantes no Norte de SP, região limítrofe com o Sul de MG.

Em 1861 houve uma famosa onda de possessão diabólica na Sabóia — região alpestre da França, outrora pertencente à Itália. Diversas meninas foram tomadas por Satanás. Caíam em convulsão, falavam e respondiam em latim e outros idiomas por elas desconhecidos e passaram a predizer acontecimentos, alguns confirmados.

Pelas suas bocas discursavam condenados à danação e o próprio Demônio. Em oito meses, vinte e sete jovens entraram em possessão diabólica. Algum tempo mais tarde, as possesas já eram cento e vinte. Com o confinamento das meninas e o afastamento do pároco-exorcista, o mal desapareceu.

Belzebu valeu-se de muitos e variados instrumentos. Mesmo de párocos, num truque para confundir os que o combatem.

Compraz-se ele, também, em atormentar as consagradas a Deus. A espanhola Soror Josefa Menendez costumava ser arrebatada pelo Diabo, mesmo estando presentes suas companheiras de convento. Ele ateava fogo às suas vestes, provocando-lhe queimaduras. Deixava-a, por fim, em lugares que ela não poderia ter atingido sozinha.

Na poesia tradicional de raiz hispânica, encontra-se estância que dá a mulher como propriedade do Diabo:

“Las mujeres son del diablo
parientes del gran demonio,
nosotros los varoncitos
hijitos de San Antonio

Las mujeres son del diablo
parientes del alacrán
cuando ven un hombre pobre
alzan la cola y se van

.....
Que los hombres son demonios
dicen todas las mujeres
sin embargo están deseando
que el demonio se las lleve”

A cultura de massa explora comercialmente o aspecto da atividade satânica em filmes de terror, com grande sucesso de bilheteria. Isso confirma a extraordinária atração que o Demônio e suas artes exercem sobre os indivíduos.

Inúmeros casos de possessão demoníaca ocorreram no passado, longínquo ou próximo, e continuam ocorrendo ainda, mesmo em centros altamente industrializados, como S. Paulo.

Por outro lado o Maligno, quando assim lhe apraz, traveste-se de *Íncubo* (demônio viril) ou de *Súcubo* (demônio feminino) — ou mesmo animal (o bode) —, assumindo sua faceta luxuriosa, para alvoroço de bruxas e bruxos, de clérigos e freiras.

No século II, “tão bem se travestia o Imundo, que o bispo Esparchius não percebeu que a sedutora prostituta com quem fornicava, era o próprio Satanás, o mesmo ocorrendo com dois monges cistercienses, descritos por Grégoire de Tours, que chegaram a viver pecaminosamente com um súcubo por 50 anos seguidos, pensando que se tratava de uma mulher.” (Luiz Mott in “*Etnodemonologia: aspectos da vida sexual do Diabo...*”).

Como Íncubo, frequentava camas masculinas, das solteiras e das consagradas a Deus e o leito conjugal das casadas, cujos maridos nada percebiam, tomados por misterioso sono profundo.

Nas confissões do mesmo negro mandingueiro escravo em Minas Gerais, em 16 de abril de 1731, à Mesa do Santo Ofício, esclareceu ele que oferecera ao Demônio “sua alma, corpo e sangue, que o Demônio lhe tirou, ferindo-o com uma navalha no braço esquerdo. . . e com o mesmo Demônio por muitos anos se tratava torpe e lascivamente, servindo-lhe de súcubo... e que o Demônio lhe servia de íncubo...”

Segundo o demonólogo Roland Villeneuve, autor de *Érotologie du Satan*, citado por L. Mott (op. cit.), Jeanne Harvilliers fora, desde pequena, presenteada ao Demônio, por sua mãe; este a procurava mesmo no leito conjugal, sendo que seu marido nada percebia, imerso em profundo sono. São Bernardo exorcizou uma nantesa que manteve contato carnal com o Diabo durante sete anos, o qual a visitava na pessoa de um guapo cavaleiro. E houve ainda o caso de Jeanne Pothière que declarou ter sido cavalgada por Satanás 400 vezes, numa só noite. Madeleine de la Croix, por sua vez, afirmou ter três demônios como amantes, desde os 12 anos de idade, sendo que o predileto possuía pernas de bode, torso de homem e rosto de fauno.

Satanás invadiu a privacidade dos conventos europeus, sendo notáveis as declarações de uma freira portuguesa, que afirmava haver tido sete partos, sendo todos os rebentos filhos do Diabo. Eram eles três cachorros, monstros diversos e gatos. A gravidez durava três meses, sem que ninguém a notasse e assim que os diabinhos nasciam, eram carregados para o inferno, pelo pai.

Perante os Inquisidores de Lisboa, certa acusada confessou ter sido amante do Arrengado durante 26 anos, havendo dele filhos meio-monstros-meio-humanos, em quatro partos. Os diabretes eram imediatamente apanhados pelo pai, que os levava para o inferno.

Guichard, bispo de Troyes, contemporâneo de Felipe, o Belo, era apontado como filho de Satã. Enfrentou a Inquisição de 1308 a 1311 sob acusação de práticas mágicas e, principalmente, por ter matado, através de boneca de cera, Joana de Navarra, rainha de França e de ter ministrado veneno à mãe desta, a rainha de Navarra, Branca de Artois. Acusavam-no de práticas mágicas no eremitério de Saint Flavien, onde, ajudado por duas mulheres e duas religiosas, criava o seu Demônio — o Familiar — que vivia dentro de um frasco e era o seu conselheiro.

Átila — o Flagelo de Deus — e sua horda, assim como o mágico-encantador Merlin, das lendas celtas, foram estigmatizados pelos seus contemporâneos como produtos de ligações carnis diabólicas.

Santo Tomás de Aquino sustentava na *Suma Teologia* que: *si tamen ex coitu daemonum aliqui interdum nascuntur, hoc non est per semen eb eis decisum, sed per semen alicujus hominis ad hoc acceptum*, isto é, a cópula é mesmo com o Diabo mas o sêmen gerador deve ser humano.

O folclore americano do norte conta a estória da *Moça-Lobo do Rio do Diabo* (The Lobo Girl of Devil's River), em cujo texto original é usado o vacábulo *Lobo*, visto a estória proceder de região de língua espanhola, na maioria da população: a protagonista “é filha de um assassino foragido, John Dent, da Geórgia, tido como a encarnação do Diabo, e de Mollie, que abandonou sorrateiramente a família para encontrar-se com o noivo e juntos viverem em terras próximas ao Rio do Diabo,

no Texas. “A moça-lobo, órfã logo após o nascimento, foi criada numa alcatéia, cruzou com um animal, tendo dele havido filhotes com traços humanos nos focinhos. Eram Lobisomens, descendentes diretos do Diabo. (in Maria do Rosário S. T. Lima, op. cit.)

Na galeria de demônios conhecidos increva-se Machiavel, “o demônio dos tempos modernos”, apelidado, na Inglaterra, *Old Nick* (termo usado para designar o demônio). Viveu de 1469 a 1527 e seu nome integrou-se à linguagem, como qualificativo a indicar a astúcia trabalhada de forma a destruir o inimigo. Autor de obras sobre História e Política, teve-as, todas elas, indexadas pelo Concílio de Trento. Seu livro mais divulgado, *O Príncipe*, foi “escrito pela mão do demônio”, segundo o arcebispo católico de Canterbury. Ele próprio foi considerado, no seu tempo, um Demônio perturbador da ordem político-social.

Destaca-se dos demais por ter sido o único Demônio filho de homem e mulher. (Artur Ribeiro Neto in *Folha Ilustrada* (Folha de S. Paulo), 5/6/87.

O Diabo diplomata

Belzebu procurava, também, em caráter amistoso, a quem temia e respeitava, como o Reformador Martinho Lutero.

Dizia este conhecer pessoalmente o Demônio, que o visitava com frequência, enroscava-se no seu pescoço, dormia na sua cama e permanecia a seu lado.

Dessa convivência resultou que o Reformador passou a acreditar firmemente no seu domínio terreno e nos malefícios com que, por meio das bruxas, atormentava os homens.

Afirmava, sim, a existência de bruxas, declarando que sua mãe discutira com uma.

Confirmou, no seu comentário da Epístola aos Gálatas, que Satanás impera sobre o mundo. (J.C. Baroja In *As bruxas e o seu mundo*).

O Diabo e seus poderes foram, assim, divulgados através de importante e polêmico personagem.

Sortilégios, Magia e Fogo Purificador

Os sortilégios que aterrorizavam o mundo nos *séculos satânicos* — e que ainda fazem parte da vivência contemporânea — eram, na Grécia antiga, presididos pela divindade Ártemis (Diana ou Selene ou ainda a Hécate divindade lunar).

A pálida luz da lua é propícia aos sortilégios. Onde as vias se cruzam, reúnem-se, presididos pelo Diabo, os magos, os feiticeiros e os mortos condenados à danação. Na França de 1435 já se encontra o sacrifício de uma galinha preta, em encruzilhada.

Na Caldéia, a magia era dominada *Arte Real* — pois seus cultores, os Magos, eram equiparados aos Reis. (Alberto Lyra in *A magia e o Diabo no século XX*).

“A Santa Cabala, ou tradição dos filhos de Set, (foi) trazida da Caldéia por Abraão, ensinada ao sacerdócio egípcio por José, recolhida e purificada por Moisés, oculta sob símbolos na Bíblia, revelada pelo Salvador a S. João e contida ainda toda sob figuras hierálticas, análogas às de toda antigüidade, na Apocalipse deste apóstolo.”
“Os primeiros druidas foram os verdadeiros filhos dos magos e sua iniciação vinha

do Egito e da Caldéia, isto é, das fontes puras da Cabala primitiva..." (E. Levi, op. cit.).

Os druídas, sacerdotes que efetuavam curas pelo magnetismo, praticavam os ritos de sua religião sobre os *dólmens* (altares constituídos de grande pedra chata sobre outras duas, verticais), nas florestas. Até hoje não se sabe por que meios conseguiam transportar essas pedras colossais.

No Egito foram esculpido em pedra os Dogmas de Magia: *Pedra de Esmeralda* ou *Tábua Smaragdina*. Existia ali magia a mais elevada, proveniente dos ensinamentos e tradições do deus *Thot* (o Hermes Trimegisto) — três vezes grande — dos gregos). No *Livro de Thot* podia-se aprender a separar as águas — como fez Moisés para salvar os judeus — e recolocar a cabeça dos decapitados. Os faraós viviam cercados de Magos.

Os árabes eram afeitos à magia. *As Mil e Uma Noites* aponta, através de alegorias, procedimentos mágicos.

Os gregos, com seus oráculos, lendas e heróis, Ulisses tentado pelas sereias aladas a lhe oferecerem a ciência fundamental, e Circe a transformar os homens em porcos a malfazeja Medéia; Hércules; Jasão; o escudo de Aquiles; Belerofonte; *Metamorfose*, de Ovídio; *O Asno de Ouro*, Os *augures* romanos. Os assírios, que se banhavam sete vezes nas águas do Tigre ou de Eufrates a fim de que estas carregassem maléficos. Os hebreus, entre os quais Moisés, Elias e Tobias foram os grandes Iniciados; os *Livros de Enoque* — citados pelo apóstolo S. João no Novo Testamento. Todos eles relacionam-se à magia.

Enoque, segundo a Bíblia, não morreu, mas foi por Deus transportado a uma outra vida, de onde voltará, no fim dos tempos, para combater o Anticristo. Um dos seus livros menciona anjos que soltaram-se do céu, apaixonados pelas belas filhas dos homens. Foram duzentos anjos que desceram sobre a montanha Armon, tomaram as mulheres terrenas por esposas e ensinaram-lhes a magia, os encantamentos e a divisão das raízes e das árvores.

Nostradamus, médico, alquimista e astrólogo, legou à posteridade as *Centúrias*, publicadas entre 1555 e 1557, livros de profecias nunca seguramente interpretadas e que colocam o mundo em alvoroçada expectativa, até os dias atuais.

Entre coisas extraordinárias recorde-se ainda a lenda do clérigo Teófilo de Adana, falecido em 538, que vendeu sua alma ao Diabo e posteriormente, tomado de remorsos, pediu a intercessão da Virgem, a qual conseguiu do Demo a anulação de tal contrato.

"Esta ciência (a Magia) é essencialmente religiosa, presidiu à formação dos dogmas do antigo mundo e foi assim a mãe nutriz de todas as civilizações... Moisés fez da Santa Cabala a herança exclusiva do povo de Israel." (E. Levi, op. cit.).

"Certos indícios tendem a provar que existiu na Europa uma cultura de agricultores primitivos... A mulher cultivava a terra (daí os sistemas matriarcais) e agia como sacerdotisa das deusas-mães de caráter ctônico ou lunar. Encontram-se vestígios disso em certos documentos arqueológicos e nos geógrafos e historiadores gregos que descreviam os povos que eles consideravam como muito arcaicos. Estrabão, por exemplo, descreveu, na sua Geografia, o modo de vida dos Cantábricos e outros povos do norte da Península Ibérica: regem-se por sistemas de parentesco do tipo matriarcal; a mulher tem uma grande autoridade e desempenha um papel econômico importante, visto que trabalha a terra e dela é proprietária." (J.C. Baroja, op. cit.).

Nesse contato com a terra, familiarizaram-se as mulheres com as ervas e suas propriedades. Sua colheita e manipulação obedeciam a épocas estabelecidas e eram realizadas sob a égide da lua.

O que se constata é que desde tempos remotos a vivência do homem vem-se desenvolvendo permeada de magismo. Ritual e magia parecem vitais para o espírito humano, como fonte de mistério apaziguador dos males do corpo e do espírito e ainda do poder da metamorfose, isto é, da liberação do eu inconsciente.

Nos bosques da Itália antiga, já o Diabo aparecia como o *Senhor da Floresta*, a oferecer a pasta mágica e a beberagem que propiciavam a metamorfose do indivíduo em Lobisomem, na pele do lobo ou outro animal escolhido.

O poeta clássico da antiguidade, Virgílio, nas *Bucólicas*, fala do sortilégio da lican-tropia, através das ervas:

.....
Meris estes venenos e estas ervas
Com eles Meris vi, tornado em lobo.
.....

(Tradução de Manoel Odorico Mendes in Maria do Rosário S.T. Lima, op. cit.)

E ainda nas *Éclogas*, em versão de José Pedro Soares, Lisboa, 1800:

.....
Meris me deu as ervas que sabia
Os venenos de que Ponto abundava
Com eles ele lobo se fazia,
Nos matos, invisível, se ocultava.
.....

..... ” (Idem)

No século I, na Roma de Nero, Tito Petrónio Arbiter escreveu o *Satíricon*. No capítulo LXII, Niceros, no Banquete de Trimalcion, relata a estória do soldado que se transforma em lobo. Esse é o mais antigo registro existente, em literatura erudita, da estória do Lobisomem. Este mito folclórico, estudado pela autora em pesquisa de campo, ou se transforma por artes do Diabo, ou é ele próprio.

Segundo a lenda, reproduzida na *História Sagrada* (op. Cit.), ao tempo do nascimento de Cristo, três foram os Magos vindos a Belém para adorar o Deus-menino, acompanhando a estrela que tinham visto no Oriente. “Haviam, também, recebido em sonhos a advertência de não tornarem à presença de Herodes. . . “(grifo nosso).

Os Magos possuíam poderes premonitórios. Pressentiam perigos, calamidades, ou eventos auspiciosos como a chegada do Salvador. As Magas, da mesma forma dotadas, formavam uma espécie de sociedade secreta de mulheres.

Como tantos outros homens e mulheres, Simão, o Mago, mencionado em escritos sagrados, detinha dons e poderes: afrontava o fogo, mudava a pedra em pão e conseguia levar-se. Este dom foi que provocou a célebre disputa entre ele e S. Pedro. Num ato de levitação, precipitou-se Simão ao solo por força das orações de S. Pedro; essa queda foi-lhe fatal. Nero, então, ordenou que encarcerassem S. Pedro, pois este lhe parecia um mágico menos divertido do que aquele.

Coisas extraordinárias aconteciam. Os tempos eram de maravilhas, exorcismos, profecias, sinais celestes, milagres. Ao povo tornava-se difícil distinguir entre magia e milagre, o que muito o perturbava e comprometia.

A Igreja, de início, tolerou a magia e até a feitiçaria: "Feiticaria, no começo do Cristianismo, era chamada de "Velha Religião", (Peter Heining *in Magia Negra e Feitiçaria*).

Posteriormente manifestou-se a intolerância, com perseguição aos Magos, acusados de deturparem a verdadeira magia, e o magismo foi rotulado de prática diabólica. Os Magos foram acusados de pactuar com o Demônio, através do qual receberiam seus poderes.

Era o princípio de um processo que evoluiria, para culminar com as caçadas das Visitações do Santo Ofício e as atrocidades impostas pelos Tribunais da Inquisição.

"A instituição do Tribunal da Inquisição em Portugal foi obra de um jogo entre os interesses da Igreja e os do Estado".

(Anita Novinsky *in Folhetim* n.º 536 (Folha de S. Paulo, 15/5/87).

Os *hereges* condenados à fogueira eram principalmente mulheres (em número bem superior ao de homens) e cristãos-novos.

As mulheres, muitas delas esposas rejeitadas, eram acusadas pelos próprios maridos de pacto com o Demônio, a quem adorariam e a quem se entregariam de corpo e alma.

Os cristãos-novos eram os judeus, possuidores de uma tradição de magismo; desprezados pela nobreza e pela alta burguesia por comerciarem, eram, entretanto, grandemente invejados pelas suas riquezas, sempre confiscadas em caso de condenação.

"Forçados ao batismo, os cristãos-novos de Portugal eram acusados de heresia pela prática simultânea de duas religiões." (Howard W. Norton *in Folhetim* n.º 536 (Folha de S. Paulo), 15/5/87).

Caçou-se também um punhado de negros, escravos no Brasil.

Formavam eles a escória desvalida, em sua maioria velhos ou doentes. Acusaram-nos de prática de feitiçaria, geralmente contra seus senhores, no que seriam auxiliados pelo Diabo.

Henrique Cornelius Agrippa, taumaturgo de grande fama, ousou denunciar certos casos de corrupção entre juizes e inquisidores do Norte da Itália. Teria sido diferente em Portugal?

Mas o terror dominava a todos. Qualquer um podia tornar-se suspeito da noite para o dia. Bastava simples denúncia, sem provas, por parte de invejosos, desafetos e mesmo crianças.

Alguém já observou, com muita propriedade, que aquilo que se diz do sujeito é mais importante do que o que ele faz.

À força de sugerir (e forçar a confirmação de) bruxarias, pactos com o Diabo e violações morais, a Santa Inquisição conseguiu *prová-los*. As perguntas formuladas eram hábeis e predispunham as respostas comprometedoras. Os réus, alguns broncos e todos tomados de pavor. Em caso de dúvida, enfrentavam a prova da flutuação na água, uma tortura a mais antes da morte.

A credulidade e o fanatismo religioso reinantes nessa época eram realmente espantosos. E quem duvidasse dos fatos extraordinários, sugeridos pelos juizes e sob tortura confessados pelos réus, corria o risco de ser acusado de heresia — e transformado em cinzas.

O Diabo estava solto e ai de quem não acreditasse nele e em suas diabruras. Em nenhum outro tempo foi Satanás tão exaltado, engrandecido no seu poder.

Os condenados por feitiçaria, bruxaria, pacto com o Maligno, geralmente morriam nas fogueiras, visto considerar-se o fogo, elemento purificador.

Ocorre que essa idéia ainda se encontra presente na atualidade, a exemplo da *queima do Judas*, como forma de castigo ao traidor e eliminação do mal.

Em meados do século XIV a Europa foi assolada por peste bubônica, denominada, pelo povo, peste negra. Nessa época, enfermos e parturientes eram colocados nas proximidades de um fogaréu, como medida profilática.

Jaime I, da Inglaterra, preconizava a morte na fogueira, como único meio eficaz de extinguir os Lobisomens.

Segundo lenda grega, quem presenteou os homens com o fogo foi o gigante Prometeu, que para isso roubou uma fagulha da forja do deus Hefestos (Vulcão), filho coxo de Zeus. Foi ele quem forjou o escudo mágico do herói-divino Aquiles.

Prometeu pagou caro pela ousadia, mas os homens festejaram sua primeira grande conquista.

A região das profundezas da Terra, do fogo eterno, para o grego antigo, era propriedade de Hades (Plutão), Rei dos Infernos e Deus dos Mortos. Os Infernos eram o reino das sombras, morada dos mortos, para onde seguiam todos os que deixavam este mundo; eram o destino final da humanidade.

Zeus, a divindade maior da mitologia grega, era associado ao raio e significava o *fogo original*.

No Candomblé, o orixá do trovão e do fogo é xangô.

O Inferno é antigo e sempre reinterpretado, mas nunca deixou de ser a fonte do fogo eterno. Para o cristão, como para o grego antigo, situa-se *embaixo*, obedecendo à etimologia do vocábulo que o designa.

“O inferno é a razão equilibrante do céu, porquanto a harmonia resulta da analogia dos contrários.” (E. Levi, op. cit.).

No Inferno dos condenados à danação, lavra o fogo que tortura sem destruir — não mais a chama purificadora, senão punitiva, e para todo o sempre. Dante Aligheri inscreveu no seu frontispício:

“Lasciate ogni speranza voi ch'entrate”.

Haverá sentença mais terrível?

Continua no próximo número

Ecologia dos Mitos

José Carlos Rossato — Olímpia — SP.

Como a ocorrência dos mitos acontece no espaço geográfico, obviamente estão relacionados com a Ecologia. Parece-nos claro e evidente este posicionamento. Aliás, não é só. Folclore e Ecologia entrelaçam-se num todo. O ecossistema, por si só, não está dissociado do folclore, a não ser quando não foi atingido pela presença do ser humano.

Em síntese, o mito é tido como algo real e fantástico que germinou na fértil imaginação do povo e vive no seio das gerações atravessando séculos.

O mito é uma personagem constante em torno do qual são contadas lendárias narrativas. No mito pode destacar-se anseio, paixão e até temor.

A mítica brasileira procede de três fontes étnicas: influência negra, abrangendo a área da cana-de-açúcar; da mineração e, grande parte da cafeeira; influência indígena, envolvendo o extremo norte, isto é, a Amazônia e o Oeste; e, influência branca, predominantemente no Sul do país. Note a presença da Ecologia Humana.

Todos sabem que a penetração dos pioneiros desbravadores foi executada por dois movimentos demográficos: o das entradas e bandeiras que conquistaram o Centro-Sul e o dos criadores de gado que ocuparam grande parte do Nordeste. O primeiro partiu do planalto paulista e o do pastoreio saiu da área do São Francisco. Portanto, dois sistemas diferentes seguindo núcleos ecológicos díspares. Aquele visava, a princípio, à escravidão dos índios e, posteriormente, à mineração. O outro, à criação de gado no sertão. Ambos geraram mitos que retratam a mentalidade dos pioneiros povoadores do interior.

Mitos bandeirantes

A mítica bandeirante gravitava em torno da terra e dos heróis das entradas e bandeiras. Eram mitos sobre minerais, a respeito da fauna, flora e das tradições relativas aos heróicos pioneiros.

Os principais mitos das bandeiras e entradas são:

1. **Serra das Esmeraldas**, misteriosa elevação dos sertões do Espírito Santo, nas divisas com Minas. A suposta existência determinou o Ciclo das Esmeraldas.

2. **Grandê Lagoa Dourada**, verdadeiro el-dorado (há quem grafe "eldorado"), local repleto de riquezas, país imaginário que se dizia existir na América Meridional, onde os índios, às margens, esbanjavam muito ouro.

3. **Vale dos Ímpios**, entre o Brasil, e o Peru, onde eram punidos os maldosos que não praticavam amor ao próximo.

Mitos Pastoreiros

A mítica do pastoreiro foi desenvolvida no eixo dominado pelo Velho Chico, o rio da Unidade Nacional, o mais extenso curso d'água brasileiro. Está ligada à pecuária. Exemplificando:

1. **Marruá de pêlos dourados**, na serra de Itabaiana, em Sergipe, sem que ninguém conseguisse prendê-lo.

2. **Boi do Padim Ciço**, excrementos curavam todas as moléstias.

3. **Aboio encantado**, que nas noites calmas e serenas ouviavam-se onomatopéias e palavras reboantes de misterioso vaqueiro fantasma.

Mitos praianos

Na área do litoral norte-nordestino aparecem vários. Os principais são:

1. **Jangada-fantasma** que aparece em alto-mar, guiada por jangadeiro que morreu no oceano.

2. **Alamoia**, belíssima moça que aparece no pico da ilha de Fernando Noronha, onde existiu, outrora, o palácio da princesa.

3. **João Galafuz**, duende marinho das praias de Itamaracá (PE), ostenta facho luminoso e multicolorido.

Na área litorânea Sul-Sudeste, temos:

1. **Ilhas flutuantes** que surgem ao longe das praias paranaenses e catarinenses.

2. **Aldeia submersa**, antiga igreja afundada como castigo, nas imediações do porto de Paranaguá (PR).

3. **Frade**, pico da Serra do Mar, próximo a Macaé (RJ) que representa um religioso que teria morado naquela área e sabia prever o tempo. Quando nuvens escuras cercam o acidente geográfico, é sinal de tempestade.

Mitos agrícolas

Entre a costa e o sertão estendem-se as lavouras. Existe uma diferenciação bem nítida entre as capuavas ou matutos do Nordeste canavieiro com os caipiras ou capiaus do Sul cafeeiro.

Os principais mitos da zona da cana açucareira são:

1. **Cobra dos canaviais**

Acreditam que existe gigantesca serpente verde com inúmeros olhos e incontáveis pernas, que protege a área canavieira de todos os inimigos: enchentes, roedores, doenças, pragas, etc.

2. **Engenho do ovo**

Ao ser batizada uma criança, ganhou da madrinha um ovo de galinha. Chocando-o foi obtendo aves. Estas foram aumentando até que ele ficou rico, comprando um engenho que ninguém é capaz de localizar.

3. **Cruzeiro do Sul**

Foi notado que a estrela menor, dessa constelação, brilha menos. O povo relacionou esse brilho com a fumaça das chaminés. As pessoas pensam que com fumaça de boa lenha, ela brilha, ofuscando-se ao contrário. É por isto que procura usar-se lenha de boa qualidade nos engenhos nordestinos.

Na área agrária do Sul-Sudeste tudo girava em torno do cultivo do café: derrubada

da mata, queimada, plantio, cultivo, colheita, etc.

O mais notáveis mitos:

1. Rei da Mata

É temido nas derrubadas. Cada mata tem um rei, uma árvore portentosa. Ao cair esse rei, mito vegetal, vinga-se tragicamente matando, ou pelo menos, esmagando parte de um machadeiro, geralmente uma perna.

2. Lobisomem

Aparece sob forma de cachorro preto ou amarelo, na quaresma, notadamente na Semana Santa, assustando as pessoas das áreas rurais.

3. Mula-sem-cabeça

É o resultado da mulher que prevaricou com padre. Anda pelas estradas batendo ferradura e amedrontando os transeuntes.

Mitos dos pampas

A mítica pampeana está circunscrita a duas grandes planícies: Pampa, no extremo Sul e Amazônica, no extremo oposto. Temos mitos característicos.

Ao sul, área de influência gauchesca, comum aos brasileiros meridionais, os mitos são de fundo pastoril:

1. Negrinho do Pastoreio

Alma de moleque guardador de gado. É comum encontrar nos campos velas acesas ao mito, o que faz encontrar animais ou objetos extraviados.

Boitatá

Também conhecido por fogo-fátuo. O homem tem uma única forma para defender-se: atirar-se sobre ele e sem olhar para trás, ir-se embora.

3. Saci

Pequeno negrinho, ágil, com uma só perna, boné vermelho e fumando cachimbo. É portador de um serviço persistente e misterioso, porém, não-localizado. Trança as crinas de animais quadrúpedes, sobretudo cavalos e burros, à noite, depois de extenuá-los em correrias. É o pererê ou cererê.

Na Amazônia, graças ao influxo ameríndio, a mítica é de fundo florestal. O caboclo não separa o real do mito. As entidades míticas, no silêncio da floresta, participam da vida perceptiva provocando barulho. Exemplificamos com:

1. Curupira

Vigia a floresta, como se fosse a mãe do mato, batendo nas sapopemas para ver se elas resistem ao vento. É o protetor da mata.

Olímpia, cidade paulista, considerada a capital do Folclore, por decreto municipal, nomeou o **Curupira** como patrono do Festival do Folclore, que se realiza, anualmente, em agosto — mês do folclore. É criação do folclorólogo, Prof. José Sant'anna, cujo exemplo deve ser imitado pelos folcloristas brasileiros, em sua inestimável e imprescindível contribuição à educação, ao civismo e ao desenvolvimento nacional, reafirmando a força de um mito — cuja grande função é a de defender a fauna e a flora — tão sacrificadas pelo homem. Assim ficou claro que o **Curupira** comanda, por uma semana, uma cidade, para não dizer, o Município.

2. Caapora

Caboclo peludo que anda no dorso de um cateto. É inimigo dos caçadores. Causa-lhes azar.

3. Boiúna

Cobra grande, provoca naufrágios nas noites escuras metamorfoseando-se em canoas, faróis ou outros objetos referentes a pescadores.

É oportuno não esquecer de que as águas amazônicas estão repletas de encantos para os habitantes da área.

Epílogo

Muito embora sabemos que os naturalistas são eternos desenganadores das ilusões populares, não podemos negar, sob nenhuma hipótese, conforme colocamos, que os mitos estão inseridos no meio ambiente e relacionados com a Ecologia. Aliás, não são apenas os mitos do nosso povo que estão inseridos num "habitat" próprio, estando em relação direta com a Ecologia, mas sim o folclore em todo o contexto. Assim, as lendas, os ditados, as quadras anônimas, as frases feitas pelo povo, a gíria, enfim tudo, mas tudo mesmo. No entanto, é natural que há os que sobrevivem em mais de um nicho, também por razões puramente ecológicas. É a força das migrações internas que propiciam a ocorrência de tal fenômeno. Daí algumas manifestações folclóricas marcarem presença em mais de uma região do país, todavia, respeitando a Ecologia e com ela convivendo.

Bibliografia

- CASCUDO, L. da Câmara — *Geografia dos Mitos Brasileiros*, 2ª edição, Livraria José Olympio Ed. S/A, Rio de Janeiro, 1976.
- RIBEIRO, J. — *Mitos do Folclore Brasileiro*, Enciclopédia Delta LAROUSSE, vol. 15, 2ª edição, Editora Delta S/A, Rio de Janeiro, 1967.
- ROSSATO, J. C. — *Alguns Mitos do Nosso Folclore, Folha de Votuporanga, Votuporanga (SP), ano I, nºs 56 e 57, 1976.*
- ROSSATO, J. C. — *Lendas e Mitos Brasileiros, Folha d'Oeste, Jales (SP), ano VI, nº. 1977, 1980.*
- ROSSATO, J. C. — *Alguns Mitos da Cultura Popular Brasileira, Folha d'Oeste, Jales (SP), ano VI, nº. 1994, 1980.*
- ROSSATO, J. C. — *Conceituação de Mitos e Lendas, Folha d'Oeste, Jales (SP), ano VI, nº. 1995, 1980.*
- ROSSATO, J. C. — *Vi no Folclore do Amazonas, Folha d'Oeste, Jales (SP), ano VII, nº. 2381, 1982.*
- ROSSATO, J. C. — *O Real e o Fantástico nos Mitos Brasileiros, Pau-Brasil, São Paulo (SP), ano II, nº. 11, 1986.*

Dos Raizeiros Alagoanos às Mezinhas de Casa, de Macau

Professora ANA MARIA AMARO — Lisboa — Portugal

Em Macau permaneceu viva, entre os *filhos da terra*, (1) até meados do século XX, uma medicina popular muito rica pelo seu hibridismo, de que as atuais senhoras idosas ainda guardam memória e registros preciosos em cadernos, onde gerações sucessivas apontaram receitas que a tradição conservou.

Toda a senhora macaense conhecia as *durezas de fígado*, as *flores brancas* femininas, as *dores de pássara*, e, ainda, as *doenças de vento*, *de ar*, *de calor* e *de humidade*, e, relativamente aos alimentos e aos medicamentos, sabia quais eram os *frescos* e os *quentes*. Os *frescos* serviam para preparar *frescuras*, bebidas diuréticas e febrífugas, eficazes contra indigestões e contra todos os males relacionados com *calidez*, tais como *froncos*, (2) *ôlo sap-sap* (3) e cefaléias, usando-se, os *quentes*, como suadoiros.

Encontramos, em Portugal, por exemplo em Curvo Semedo, (4) o registro de tais noções, herdadas dos autores clássicos antigos, e também as encontramos na medicina tradicional chinesa, apoiada na velha filosofia dos contrários e opostos.

Lendo a *Medicina Rústica* de Alceu Maynard Araújo, (5) depara-se nos exatamente a mesma idéia, florescida em terras do Brasil e conservada pelos *raizeiros* e pelos *dotô de raiz*, réplicas dos curandeiros de bairro pobre e dos *hervanários ambulantes* que, em certas ruas de Macau, vendiam as suas plantas secas, principalmente raízes tortuosas de tons pardos.

Lembramos a curandeira de *Tôi-San*, (6) sem idade de tão velha que era, empoeirada no seu catre de madeira tosca, coberto por uma esteira de cuja cor não nos apercebemos ou esquecemos já, móvel dominante no quarto escuro e mal ventilado, onde só parecia viver o altar dedicado aos deuses e aos antepassados, pelo bruxulear de pivetes e *lap-chôc* (7). Debaixo do catre havia caixas cheias de ervas secas, arrumadas de tal forma que a mão de pergaminho da anciã nunca se enganava quando lhe perguntávamos qual o remédio mais eficaz para esta ou para aquela doença. Aquela mulher, tal como os *raizeiros* do Brasil, conhecia centenas de simples, na sua maioria de natureza vegetal, e compunha receitas que aprendera com o pai, curandeiro de profissão, que, por sua vez, aprendera com o avô; e era muito afamada entre os chineses e os macaenses de menos posses que, ali, adquiriam alguns remédios para prepararem as suas *mezinhas de casa*.

Além desta medicina, a curandeira de *Tôi-San* praticava uma espécie e acupuntura, utilizando um dos ganchos de prata com que segurava a *chiquia*, (8) e queimava, com um *pavio china* (9) a arder, o *coirão* ou *cobrelo*, o *nacê cobra*, (10) no falar da terra, tal como se faz, ainda, numa aldeia qualquer de Portugal. Outra das suas artes consistia em *chamar o mal à pele*. Com a colher de porcelana, molhada em óleo de amendoim, ou com uma sapeca antiga, também oleada, mas escariava do

que esfregava os músculos dorsais, dum e doutro lado da coluna vertebral, as espáduas e o pescoços, ao longo do esteno-cleido-mastoideo, assim fazendo passar dores, enjões e até acessos febris.

As ervas secas, que se empilhavam debaixo do catre, eram, dantes, recolhidas, na sua maioria, pela própria curandeira-ervanária, que as procurava nas colinas próximas, nas datas consideradas propícias. Porém, havia também, entre elas, muitas plantas que a medicina popular do Ocidente de há muito utiliza, e outras, ainda, importadas do território chinês.

Procuramos identificar esse vastíssimo manancial curativo, quase todo ele de origem vegetal, e também algum outro, que os portugueses de Macau adquiriam nas antigas farmácias portuguesas, para as suas *mezinhas de casa*.

Comparando as nossas listas de simples da *folhage* das senhoras de Macau, com as que Alceu Maynard Araújo registrou no seu trabalho (os *preparos dos raizeiros*), que servem de base à medicina popular alagoana, encontramos uma espantosa coincidência, não só em muitas das espécies, como nos respectivos usos.

Como explicar tal coincidência? Difusão por via portuguesa? Seleção empiricamente feita, ao longo de muitos séculos de experiência, pelas populações locais?

Os quadros seguintes apresentam, comparativamente, algumas das espécies vegetais comuns à medicina popular alagoana e à medicina popular de Macau.

| NOMES POPULARES | | NOME CIENTÍFICO | USOS | |
|--------------------------|--------------------------------|----------------------------------|---|--|
| BRASIL | MACAU | | BRASIL | MACAU |
| Abacateiro | Abacate | <i>Persea gratissima Gaertn.</i> | A folha é usada para "soltar as urinas" e curar doenças de rins e da bexiga. | A folha, em chás, é usada como diurético e específico para tratamento de diabetes. |
| Alçaçus "Cipó do Céu" | Alçaçus Regoliz Kam chou | <i>Glycyrrhiza glabra L.</i> | A raiz serve para fazer chá, contra a tosse. | A raiz é usada como tônico, demulcente e expectorante. |
| Alecrim de taboleiro | Alecrim | <i>Rosmarinus officinalis L.</i> | Chá contra febre e bronquites; como defumador de casas e pessoas para evitar o "mau olhar". | O vinho de alecrim (alecrim macerado em álcool) era usado em fomentações. Faz parte do chá de 7 folhas usado em lavagens contra "savan" ("mau olhar"). |
| Alfazema | Lavanda Alfazema | <i>Lavandula spica L.</i> | Chá contra dores post-partum e como defumador quando nasce uma criança. | Como defumador (bagaços secos) para afastar o mofo e o mau ar das casas. Dantes, também se relacionava com os partos. |

| NOMES POPULARES | | NOME CIENTÍFICO | USOS | |
|------------------|-------------------------------------|--|--|--|
| BRASIL | MACAU | | BRASIL | MACAU |
| Arruda | Ruda Chau-Chou | <i>Ruta graveolens L.</i> | Contra "mau olhado" em banhos ou defumações. | Faz parte do chá de 7 folhas para "lavá contra savan". É também usada como antiespasmódico. |
| Bonina (goma de) | Arrebique Maravilhas de Peru | <i>Mirabilis jalapa L.</i> | Em vinho branco para curar reumatismo | Emenagogo e anti-helminítico. A raiz é usada contra pancadas, feridas traumáticas e artrite reumatismal. |
| Canela | Canela Cinamomo Kwai pei | <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Nees. (Brasil) <i>C. cassia Blume</i> (Macau) | Para suadouro e como emenagogo. | É considerada estimulante e tônico e usada como emenagogo. |
| Cidreira | Melissa | <i>Melissa officinalis L.</i> | O chá é usado como calmante e sedativo. | O chá é considerado antiespasmódico e usado em casos de indigestão, cólicas e crises nervosas. |
| Coentro | Fan in sai | <i>Coriandrum sativum L.</i> | Contra gripe e resfriado. | As sementes são usadas como estimulante e sudorífico contra gripes e constipações. |
| Cravo do Reino | Cravoaria | <i>Eugenia caryophyllata Thunb.</i> | As sementes mascadas curam a dor de barriga. | As sementes são usadas contra náuseas, vômitos e flatulência e para facilitar a digestão. |
| Crista de Galo | Crista de Galo, flor Kai Kong Fá | <i>Celosia argentea L.</i> Var. <i>cristata L.</i> | Flores e folhas pisadas são usadas para lavagens e cataplasmas no tratamento de feridas, | As flores e as folhas são usadas contra hematomas, feridas, hemorragias e hemorróidas. |
| Defumador Preto | Tratar-se-á de "bisbim" ou benjoim? | Goma extraída de <i>Styrax benzoin, Dryand.</i> (Sin. <i>jindera strychnifolia Vill.</i>) | Contra "mal de inveja". Em casa desinfecta tudo. | Defumações contra "mau ar" e contra o mofo. |
| Erva-Doce | Aniso Erva-Doce | <i>Pimpinella anisum L.</i> (Brasil) <i>Illicium verum L.</i> (Macau) | Das sementes faz-se chá para tratar dores de barriga de criança e adulto. | Os frutos usam-se contra a indigestão, flatulência e cólica, principalmente nas crianças. |

| NOMES POPULARES | | NOME CIENTÍFICO | USOS | |
|-----------------|---|--|--|---|
| BRASIL | MACAU | | BRASIL | MACAU |
| Eucalipto | Eucalipto | <i>Eucalyptus sp. sp.</i> | O chá das folhas é usado contra a febre e o cheiro da tintura contra dores de cabeça. | O "chá" das folhas é usado em lavagens contra a febre. |
| Figo (folhas) | Figo de Portugal mou fá kuó | <i>Ficus carica L.</i> | Chá contra males de fígado. | O xarope de folhas de figo é considerado refrigerante e semelhante ao de capilé. |
| Gengibre | Gengivre Kéong | <i>Zingiber zingiber L.</i> (Sin. <i>Z. Officinale Roscoe.</i>) | Em álcool para esfregação no lugar dolorido; em massagens contra dores musculares. | É usado, em rodela, como tópico contra dores, principalmente cefaléias. Específico contra males causados por "vento". |
| Gergelin | Chi má | <i>Sasamum indicum L.</i> | As sementes, depois de pisadas, dão um leite que se toma no vinho branco. Os resíduos usam-se como tópico sobre tumefacções. | As sementes são consideradas um bom emoliente. |
| Hortelã | Hortelã sopa | <i>Mentha viridis L.</i> (Brasil) <i>Mentha arvensis L. f.</i> (Macau) | Contra gases intestinais. Antiflatulento. | O chá das folhas é usado contra flato. Também se usa contra dores reumáticas. |
| Jasmim | Jasmim mogarim mut-lei | <i>Jasimum officinale L.</i> (Brasil) <i>Idem e J. sambac L.</i> (Ait.) (Macau) | Usa-se o chá das folhas para "fazer descer as regras atrasadas". | As folhas e caules do primeiro usam-se contra doenças femininas e as flores do segundo contra a gripe. |
| Laranja | Laranja de casca grossa; Laranja doce | <i>Citrus aurantium L.</i> | A casca do fruto, em chá, é usada contra as dores de barriga e indisposição estomacal. | A casca dos frutos, seca ao sol, é usada como estomáquico. |
| Limão | Limão Neng-mong | <i>Citrus medica L.</i> | Na cachaça para curar resfriado. | Em infusão contra "frialdade", como suadouro. |

| NOMES POPULARES | | NOME CIENTÍFICO | USOS | |
|----------------------------|---|--|--|--|
| BRASIL | MACAU | | BRASIL | MACAU |
| Linhaça | Linhaça "entêra" | Sementes de <i>Linum usitatissimum L.</i> | Em chá contra "obra empi- tada", prisão de ventre e "dores caseiras". | São consideradas um bom emoliente. |
| Losna | Losna | <i>Artemisia absinthium L.</i> (Brasil) Idem: <i>Crossostephum</i> <i>chinensis L.</i> <i>var sinicum Baker</i> (Macau) | Contra dor de barriga. | A <i>Artemisia absinthium</i> é usada como vermífugo. O <i>Crossostephum</i> é usado contra "mau ar", feridas, reumatismo e tuberculose pulmonar. A <i>Artemisia</i> <i>vulgaris</i> é usada contra a disenteria. |
| Malva-Rosa | Alteia da China, Malva da China, Flor de Candeia | <i>Althea rosea Cav.</i> | Chá contra "mula", blenor- ragia e "doença de mulhe- res" | As flores e as folhas, em chá, são usadas como emo- liente e demulcente. Pisa- das e misturadas com mel usa-se como tópico contra chagas, "carbúnculos" e papeira. |
| Mamão | Papaia Mók-kuá | <i>Carica papaya L.</i> | Chá das folhas contra "em- pachamento" | Chá das folhas usado como vermífugo, tônico e esto- máquico. |
| Manjerição | Manjerição "Matchican" | <i>Ocimum minimum L.</i> (Brasil) | Para banho-de cheiro | Para lavagem "savan" (mau ar). |
| Melão de São Caetano | Margoso | <i>Momordica charantia L.</i> | Desinflamatório. | O fruto seco é usado para "chá-fresco" (desinflamató- rio). |
| Papaconha (ipecacuanha) | Ipecacuanha Poaya, Cipó | <i>Cephaelis ipecacuanha</i> Rich. (sin. <i>Callicocca ipe- cacuanha</i> Gomes et Brot.) | Chá contra calor nos intes- tinos e contra "berebas" e bronquites. | A raiz é usada como expec- torante e também contra disenterias. |
| Parreira | Abuta | <i>Cissampelos pareira L.</i> | Do tronco ralado faz-se chá abafado; É usado como sua- douro e contra todas as do- res. | Um dos componentes da "mezinha três paus" contra a cólera. |

| NOMES POPULARES | | NOME CIENTÍFICO | USOS | |
|------------------------------------|-------------------------------------|---|---|--|
| BRASIL | MACAU | | BRASIL | MACAU |
| Pinha, ata ou ariticum (caroço de) | Anona Fruta-pinha Fan-Lai-chi | <i>Annona squamosa L.</i> | As sementes, pisadas, são usadas contra os piolhos. Esta crença parece provir da semelhança do fruto com a cabeça dum preto e das sementes com parasitas. | As sementes são usadas como pediculicida. |
| Quiabo | Quiabo | <i>Hibiscus esculentus L.</i> | As sementes são usadas contra a tosse, torradas e misturadas no café. | Os frutos e as sementes são usados contra a diarreia e disenteria. Considerados semulcentes, emolientes e peitorais. |
| Quina | Quina, quinquina | <i>Cinchona sp. sp.</i> | Para cortar a febre. | Como aperiente macerada em vinho e contra "febre-frio" (malária). |
| Romã | Romã Romeira Seak-lau | <i>Punica granatum L.</i> | Chá da casca para gargarejar nas dores de goela. | Chá da casa do fruto contra "esquinência". Também se usa em gargarejos. |
| Ruibarbo | Ruibarbo da China Tai Wong | <i>Rheum palmatum L.</i> | Contra sífilis e boubá. | É usado como laxativo, estomáquico, emenagogo desobstruente e diurético. |
| Sabugueiro (sementes de) | Sabugo | <i>Sambucus nigra L.</i> | Com viola e sene faz-se um chá contra tosse e gripe. | As flores são usadas contra "frialdade", como suadoro. |
| Salsaparrilha | Fuling dos Chinas Pau-China | <i>Smilax papyracea Poir.</i> (Brasil) <i>Smilax china L.</i> (Macau) | Contra queimadura de sangue, sífilis e boubá. | Contra doenças venéreas e em muitas mezinhas, associado a outros simples, como alterativo e diurético. |
| Viola | Violeta "chêrosa" Viola | <i>Viola sp. sp.</i> | As flores usam-se associadas às flores de sabugueiro, contra a gripe. | As flores são consideradas peitorais e laxativas. Usam-se, aliadas a outros simples, como aromatizante. |

Além dos simples de origem vegetal, atrás citados encontramos, ainda, coincidência na utilização de outros medicamentos de origem animal e mineral, tais como:

1 — **Cavalo marinho** (hipocampo)

No Brasil, torrado e moído, é usado no tratamento de asma e “falta de ar”.

Em Macau é um medicamento caro que só se vende nas melhores farmácias chinesas e é usado como tônico e estimulante e considerado afrodisíaco.

2 — **Carapaça de cágado**

No Brasil o *casco de cágado da campina* é usado torrado, em chá, contra a asma e “fata de ar”.

Em Macau, por influência da medicina tradicional chinesa, é usado como tônico antipirético e nutriente.

3 — **Raspa de chifre de veado**

No Brasil é usado contra *caseira* (prisão de ventre).

Em Macau, associada a outros simples, é freqüentemente tomada como antiespasmódico, tônico e antipirético.

4 — **Pedra-hume**

No Brasil usa-se em banhos para *arrouxar as carnes*.

Em Macau, onde é conhecida por *pedrume*, é usada, aliada a outros simples, como estíptico e adstringente, e em defumações, com caráter mágico.

Da análise comparativa dos diversos simples usados em Macau e no Brasil, parece poder concluir-se que a maioria dos fitofármacos devem ter sido levados, provavelmente, pelos portugueses, de uns continentes para os outros, através dos mares, fazendo-os acompanhar da notícia das suas propriedades mais notáveis. É assim que encontramos misturas nas receitas de *raizeiros* do Brasil e nas *mezinhas de casa* das *nhonhonha* de Macau, plantas mediterrânicas européias, plantas da Índia e da China e plantas brasileiras.

Quanto aos simples de origem animal e mineral, a sua utilização não coincide, apesar do chifre de veado, por exemplo, constar das farmacopéias portuguesas antigas. A verdade é que a medicina caseira repugnou, sempre, de certo modo, a utilização de órgãos animais, e, mais ainda, a de minerais, mais ou menos identificados com possíveis venenos. Daí a seleção experimental desses simples, através dos séculos, e a tradição cultural de cada povo a conservar a sua utilização nos núcleos populacionais ou sociais mais isolados da medicina *erudita* e importada.

É de crer que os simples que lograram impor-se à consideração do povo, uma vez migrados, teriam pertencido, antes, à própria farmacopéia do grupo que os introduziu e que, assim, já fizera uma primeira seleção. Em segundo lugar, tornou-se imperioso que esses simples existissem no local, representados, pelo menos, por espécies afins, ou que fossem fáceis de aclimatar, de cultivar ou de adquirir. Por isso, nos nossos dias, os velhos fármacos que entravam em Macau, idos do Ocidente, tais como a quina, a copaiba, a ipecacuanha, a sena, a losna, a lavanda, o manjeriço e a própria linhaça, deixaram de poder comprar-se nas farmácias locais, e, por isso, se perderam na tradição médica popular dos *filhos da terra*.

As *mezinhas de casa*, de Macau, não foram, porém, totalmente abandonadas. O povo nunca poderá perder alguma coisa que criou para sua sobrevivência. Algumas dessas mezinhas vão, de fato, resistindo ao tempo e às inovações: o chá de casca de laranja

e de limão, o xarope de carambola, o chá de folhas de abacate e as preciosas *frescuras* de que as gavetas dos ervanários estão recheadas, estamos certos de que terão, sempre, um *gargu* (11) à sua espera na cozinha de algumas casas macaenses.

CHAMADAS

- (1) *Nome local dos luso-asiáticos nascidos em Macau.*
- (2) *Nome local de furúnculo, erupção cutânea.*
- (3) *Olhos inflamados, lacrimejantes. Derivado do chinês, sap () — molhado*
- (4) **JOÃO CURVO SEMMEDO** — *Polyanthea medicinal (. . .) — Lisboa, Oficina Herdeiros de A. P. Galhardo, 1741 — 5ª edição*
- (5) **ALCEU MAYNARD ARAÚJO** — *Medicina rústica (Prêmio Brasileira — 1959) — Brasileira Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1961 — volume 300 — pp. 180/191.*
- (6) *Tôi-san — De frente da Colina, em tradução literal. É um bairro dos mais modestos de Macau, implantado nos terrenos da Ilha Verde.*
- (7) *Velas de culto chinesas.*
- (8) *Nome português, de Macau, atribuído ao rolo de cabelo enrolado na nuca, penteado próprio das mulheres casadas.*
- (9) *Medula seca dos caules de Juncus effusus L.*
- (10) *Identificada com Herpes zoster.*
- (11) *Bule em barro cozido, não vidrado, de modelo chinês, onde se preparam as decocções medicamentosas.*

Cantigas Amigas na Tradição de Algarves: Gêneros, Estrutura, Linguagem.

Maria Alieta das Dores Galhoz (Lisboa)

No vigésimo quarto volume da REVISTA LUSITANA, J.A. Guereiro Gascon, publicou uma coleção de cantigas que pertencem à tradição da Festa do Espírito Santo, tal qual em 1918, se lembrava, ainda, de ter visto celebrar em Marmeleite, durante o "Conselho" de Monchique, que o velho aldeão denominava "cantigas de Santa Isabel ou cantigas dos foliões".

Talvez não seja inútil em justificar este duplo título.

As notícias históricas, que temos sobre esta Festa do Espírito Santo, sem arriscar considerações, nem sobre suas origens, nem sobre suas analogias, dizem que foi criada ao tempo de D. Diniz e D. Isabel, e celebrada à primeira vez em Alenquer, na presença da Rainha. Por conseguinte, esta Festa tornou-se uma tradição, que se espalhou da Beira ao Algarve, cuja fama e ritos passaram ao além-mar, com os descobrimentos.

"Cantigas dos Foliões" vem do fato que, seis indivíduos cantavam e traziam este título, no conjunto dos encargos de honra do cerimonial.

Permita-nos acrescentar uma nota em apoio: na tradição portuguesa, os textos poéticos, aos quais estas cantigas assemelham-se muito, são as cantigas que Gil Vicente dá a seus pastores e a seus "foliões" da Beira.

A coleção contém 35 composições, algumas estão conservadas completas e outras, visivelmente, reduzidas em fragmentos. Com estas cantigas os "foliões" deviam comentar as cerimônias da Festa ou anunciar os diversos momentos solenes do dia. A maior parte são cantigas de ocasião que aumenta motivos fáceis de identificar as glórias do Espírito Santo os símbolos religiosos ou mágicos, etc. De resto, algumas, a este objetivo escapam, em fazer a crônica rimada da festa, alcançadas e despojadas de justificações interpretativas, que atingem nossos olhos incompreensível e hierático, beleza do lirismo mais puro. Os motivos revelam os gêneros. Ali encontramos os "albas", os foliões, por eles, chamados "alvoradas"-:

Alevanta-te, graçala
Pois el-rê vai à caça

Alevanta-te graçala
Pois el-rê bêra do rio
Pois el-rê a la caça
De falcões leva quatro

Os elogios; os cantos religiosos “cantigas ao divino; nos cantos do anoitecer; as cantigas de amigo marinheiros”;

Chovia e anevava
Pela noite escura
E a ná que vai ao porto
Corre la fortuna.
Que me digas, marinheiro
Que navegas no rio
Na qual daquelas naus
Vai o sê diamigo?
—Que naquela diantêra,
Mastro erguido:
Que me digas marinhêro
Que navegas no alto
Na qual de aquelas naus
Vai o sê diamigo?
—Que naquela diantêra
Mastro alçado:

as “cantigas serranas”; os cantos de moça:

Moças de Lagos
Em Lagos nascidas
Branças e vermelhas
E tã clóradas.

Desde a primeira leitura levantamos, em sua estrutura e linguagem, aspecto de arcaísmo, durante muito tempo esquecido de nossa literatura, digo, língua literária, que nos aproximamos, sem procurar, lembrança dos cancioneiros-galego-portugueses e da cômoda explicação da influência fonética do castelhano.

Portanto, quando procuramos analisar mais objetivamente nossas impressões, nos chocamos com algumas questões, às quais não estamos na medida em responder, mas que estamos em harmonia — nós o cremos — com os problemas literário-lingüísticos, discutidos na Península.

A estrutura destas cantigas está muito mal representada entre os poetas portugueses da Idade Média, que em nosso folclore atual, encontra-se, durante muito tempo, tradição popular da Espanha. Trata-se de curta composição em quadras-dois ou três — em cantigas amigas, desenvolvidas numa série, estreitamente condicionadas por um primeiro dístico, cujos versos se repetem matematicamente, nos versos ímpares das estrofes. Eis aqui a fórmula: $2 + 2 \times (4)$, cujo esquema de rimas são: A A/A B A B/A e AC. A “alba” que nós lemos no momento oportuno, pode nos servir de exemplo. A medida das sílabas mais comum é o heptassílabo — falando-se à francesa, mas sujeito à vacilação de articulação e dos procedimentos do povo, que ajunta ou faz cair uma vogal, omite um artigo, apoiando-se sobre a cordenação linear da copulativa “e”. A rima, que é de regra, admite a correspondência de sílabas orais abertas e nasais mesmo as nasais palatais missa/passarinhos e se serve, em quase todas as compo-

sições, da disposição alternada do vocalismo-i/-a-.

Esta forma que, aparentemente, é fixa, se complica de vez em quando da existência de um estribilho, verdadeiro ou falso, tema inicial da mistura de duas várias medidas de sílaba do enfraquecimento da rima nos versos constituídos pelo primeiro dístico. Algumas dessas exceções parecem tão visivelmente devidas à necessidade de uniformidade, que ajuda a reter de cor, que é bem fácil, e em nosso parecer, muito ensaiado, em reduzir os dois dísticos longos, em série de cantigas amigas sem (leixapren), com ou sem estribilho. Então as duas quadras com sua imaginação:

Moças de Tolêdo
Chêra la sua roupa.

Moças de Tolêdo
Vão lavar o rio

Chêra la sua roupa
A trevo florido

Moças de Tolêdo
Vão lavar ò alto
Chêra la sua roupa
A trevo granado

Poderiam ter pertencido a uma composição cuja origem seriam estes dois dísticos:
Moças de Tolêdo vão lavar ò rio
Chêra la sua roupa a trevo florido.

Moças de Tolêdo vão lavar ò alto
Chêra la sua roupa a trevo granado.

Sua linguagem, em seus aspectos semânticos/e em sua sintaxe, é condicionada pela criação de cantigas amigas. Seja porque as composições mantêm um vocabulário das construções, em uso entre os cancioneros medievais, seja que elas apresentem novas formas de alternância, criadas em seqüência. Citamos para o primeiro caso a sinonímia tornada exata, de rio/alto, diamigo/diamigo, lez/mar, parecer/semelhar, dormir/folgar, erguido/alçado, florido/granado, e para o segundo a continuidade de cinco/quatro, analogia psicológica de menino/fidalgo e esta curiosa série/formas alotrópicas criadas formalmente à variação de cantigas amigas literal: relumbir/relumbrar, dórída/dórada, clóridas/clóradas.

Estes exemplos são os mais impressionantes por causa do interesse crítico — nesta estrutura — das palavras colocadas ao fim dos versos pares, que contém, para eles sós, a chave do jogo de alternância vocálica exigida e, também o mínimo de variação significativa que basta em representar o conteúdo poético da cantiga.

Mas nós ali encontramos outras expressões conservadoras, tal qual a exclamação medieval “pela própria falsa”, o bastão poético, quase tão velho como profissão, tingida

de sabor provençal, “brancas e vermelhas”, o laço de palavras cujo sentido é atualmente diferente ou sujeito a uma falsa identificação. Vale a pena citar um texto integralmente:

Perequito mano das manas
Pra que m'enganas?
Se fora lo perequito pela robêra
S'era uma falsa d'amores com uma soltêra;

Se fora lo perequito pela alevada
Se fora fala de amores com uma casada
Pra que m'enganas,
Perequito, mano das manas
Pra que m'enganas?

Este estranho Perequito é aqui um homem chamado Pero, a quem se faz o presente de dois diminutivos e que uma mulher acusa de ser volúvel, dizendo dele “amigo das amigas”. Vê-se portanto que as palavras “mano” e “mana” — particulares em nosso sul — são empregadas com o mesmo valor de tu familiar — e não de parente estrito — com a qual nós lemos “irmanas” nas “cantigas d'amigos” e mais longe no tempo “irmanelas” nas “cantigas d'amigo” mozarábicos, nós aí relevamos também um caso de sobrevivência de emprego do partitivo reduzido para ele:

— Pois el-rê vai a la caça
De falções levava quatro,

e o curioso emprego de um mais-que-perfeito do indicativo com o valor gramatical de um imperfeito do indicativo, que por seu turno tem um valor funcional de subjuntivo hipotético:

Se fora lo Perequito pela alevada
Se fora uma fala de amores com uma casada.

Nada resta fazer algumas observações, sobre o interesse que estas cantigas apresentam sob o ponto de vista fonético. Ainda que vacilemos, com sua redução enclítica e proclítica, nós aí relevamos alguns exemplos de emprego, nas formas de artigo e do pronome lo, la, los, las, não somente nos casos facilmente justificados por assimilação após l ou r colhê-la hortelana, vo'la dou-mas, ainda em outros menos comuns — a la caça do lo mar, la sua roupa. A conservação do -n- intervocálico é de regra das palavras tornadas fixas por sua posição final — hortelana, manhana, irmana, granada. Nós cremos também interessantes a forma sela, para a segunda pessoa do plural do imperativo, que se encontra entre um verso de uma dessas, cantigas, selá (de)-m' este cavalo é que nós podemos aproximar daquela que se encontra em casa de D. Diniz (Selad'o bayozinho) e a forma *haves* para a segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo haver.

Nós somos demarcados em nosso proveito, uma orientação analítica-descritiva e renunciamos em tirar conclusões mais subjetivas, porque não ousamos formular

no ar, julgamentos críticos árduos, em limitar as exigências e extensão dum exposto em 10 minutos às citações e a comparação dos textos necessários.

Resumiremos, portanto, alguns aspectos que seríamos felizes em desenvolver alhures.

1— Quanto mais conhecido da tradição espanhola, o gênero, em forma fixa, não é inteiramente inexistente nos textos portugueses, e encontramos o primeiro dístico e desenvolvido em duas séries, em nossos cancioneiros medievais, tal qual em casa de Gil Vicente.

2— É característico dos cantos dos “foliões” e dos cantos de núpcias de tradição das Astúrias e dos judeus de origem peninsular. O ritual tem, independentemente, curiosas semelhanças.

3— Estas composições, de tom popular destinadas a serem cantadas, não conheciam as cantigas amigas em uma só série, sem o artifício do “leixapren” e empregavam, sobretudo, simples repetição oral.

4— Os oradores regionais do Algarve apresentam ainda hoje, tantas formas arcaicas, que seria prudente considerar ao lado da influência castelhana, a possibilidade duma sobrevivência de particularidades fonéticas comuns, até um certo momento, em toda l' Al — Andalus.

Discussão

Intervenções de MM.M. Martins e M. Criado de VAL.

M. Martins (Lisboa) pergunta se existe algum documento, provando, que é sobre a ordem de D. Isabel d'Aragon, que estas festas do Espírito Santo, tem parte em lugar dos ritos pagões.

M. A. das Dores Galhoz responde que o fato é evocado na “Crônicas Seráficas”.

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS — LISBOA — 1961.

Separata das Atas IX Congresso Internacional de Lingüística Românica-Tomo II (Boletim de Filologia, Tomo XIX, 1960)

O IMIGRANTE ITALIANO, Seus Costumes, Sua Música, Seu Folclore.

Como ocorreu na edição anterior nº 37/38-1985, daremos a seguir alguns tópicos de alguns entrevistados, constantes do acima relacionado.

RODEIO — Entrevista com o Sr. Virgílio Noriller, residente na cidade de Rodeio. Julho de 1985.

Descendente de italianos da primeira geração, cujos pais vieram de Trento na época da imigração italiana, para o Vale do Itajaí. Aqui chegaram em novembro de 1875, tendo saído de Trento no mês de agosto. O nome do seu pai era Giuseppe Noriller, mas dada a dificuldade dos brasileiros, de o chamarem por esse, o chamavam de José, a sua mãe chamava-se Iluminata Domênica Ploteghr.

Esses imigrantes aqui chegados, ficaram em barracões no Vale do Itajaí, sendo posteriormente transferidos para a "colônia de Rodeio". Para facilitar o entendimento com os brasileiros, o Dr. Blumenau, mandou um intérprete, que falava além do italiano, o alemão e o brasileiro, cujo nome era Domênico Ferrari, que atuava junto aos engenheiros e italianos na distribuição e demarcação das terras destinadas aos colonos, indicando os lotes e seus respectivos donos.

Diz o Sr. Noriller ter entregue à Prefeitura de Rodeio, uma planta da divisa, de Timbó até o trevo atual, com a demarcação de todos os lotes daquela época. Foram 121 lotes entregues a 121 famílias. Tem em seu poder arquivado o nome e sobrenome de cada família, bem como o número de filhos.

Referindo-se a sua mãe, diz que seu nônio e seu pai, vieram juntos com a mesma família de imigrantes, em que se encontrava a italiana que veio a ser sua mãe. O seu nônio Vicente Plotegher, pai de sua mãe, já era viúvo e o seu nônio Noriller, os quais não conheceu.

Sr. Virgílio Noriller, nasceu a 25 de agosto de 1902, sendo sua idade atual 87 anos.

Lote recebido: Os meus avós quando aqui chegaram, após a curta permanência no Vale do Itajaí, receberam em Rodeio o lote nº 111 do caminho de Rodeio, hoje Rua Barão do Rio Branco, onde se encontram umas fábricas de descascadores de arroz e de óleo de sassafráz ARIPE. Ali se instalaram os meus avós com a sua família constituída de 5 filhos, sendo uma mulher. O meu pai era o mais velho da família, quando aqui chegou tinha 16 anos e a minha mãe 14. Casaram aqui mesmo em Rodeio, naquele tempo a Capela pertencia a Blumenau, pois a certidão de casamento foi regis-

trada lá, no ano de 1880. O primeiro filho do casal nasceu em 1881. Quando o meu pai casou, comprou o lote n.º 2 A, em S. Pedro Velho. Pra lá foi com a família e começaram a desbravar o mato, pois tudo era sertão. Construíram uma pobreza de comecinho e foram tocando pra frente com coragem e muito trabalho.

A nossa família era de 11 pessoas, sendo 7 homens e 4 mulheres. Desses, vivo só resta eu que sou o mais moço de todos.

Desenvolvimento de Rodeio

As dificuldades de sempre foram as estradas e em parte o comércio, pois o que se produzia na agricultura não se tinha pra quem vender, e a falta de estradas nos impossibilitava de levar o que se produzia para Blumenau, que despontava como grande centro consumidor e distribuidor do que se produzia. Fazia-se grande esforço pra transportar em carroças de 2 e 4 cavalos, milho, batatinhas e outros produtos da lavoura. Dava apenas pra se viver bem alimentados. Tínhamos avicultura e outros animais que cresciam bem, mas quanto ao resto, devido à precariedade das estradas, as dificuldades eram grandes.

Escolas

As escolas eram somente de ensino da língua italiana. Aos 15 anos acompanhei o meu tio, que era carroceiro, a Blumenau e lá comprei um livro misto, em italiano e português, sendo eu o primeiro que aprendeu a falar o brasileiro aqui em Rodeio, servindo até de admiração para os brasileiros que aqui vieram trabalhar, de eu falar tão bem o português. Eu dizia que era fruto da minha convivência com alguns brasileiros que comigo trabalhavam na lavoura.

Agricultura

A agricultura de Rodeio naquela época era: fumo em folha, milho, feijão e depois o arroz. O arroz começou a vingar aqui pelo ano de 1916. Para a cultura desses arrozais, tivemos que desviar o rio fazendo valos, isso em 1912. O segundo valo foi construído em 1916 e o terceiro, que vinha de São Francisco Novo pra fora, foi em 1918, o quarto em 1920. A produção era boa com muita saída, os compradores vinham comprar o arroz e era transportado por um trenzinho a Itopava Seca e de lá num rebocador para Itajaí, para uma grande indústria de beneficiamento de arroz de propriedade do falecido Prof. Henrique da Silva Fontes. O trajeto era o seguinte: o arroz seguia nas carroças até a estação, ali embarcava num vagão até Blumenau e daí descia num vagonete em cima de um rebocador para Itopava e de lá para o descascador do Henrique Fontes. Esse mesmo Henrique Fontes que era professor, depois advogado e que foi diretor da Faculdade de Direito em Florianópolis, e um dos fundadores da Universidade Federal de Santa Catarina. Eu tenho até um livro que tem a fotografia do Dr. Henrique Fontes com a sua biografia, mas não consta a sua passagem como industrial do arroz.

A época do arroz mesmo, aconteceu para o prof. Fontes em 1922, pois comprou um outro descascador em Acurra, do Scheidemantel, um alemão.

O Henrique Fontes explorou por muitos anos esse comércio do arroz, depois vendeu para um tal de Jacob Dalfovo que tem uma filha em Florianópolis. Ela casou

com o falecido João Bértolli que foi Dep. Estadual, e é pai do atual Dep. Moacir Bértolli, tio do Dr. Orlando Bértolli. O Moacir Bértolli é sobrinho de Leandro Bértolli, sendo que o nôno do Luiz Bértolli era o pai do Leandro e morava aqui em Rodeio. Suiu daqui em 1913, foi para Rio Oeste, explorou toda aquela região, dali pra cima. Eu e o Leandro temos a mesma idade, íamos à escola juntos. Ele é o avô do Moacir Bértolli.

O Sr. Virgílio Noriller completou a sua entrevista discorrendo ainda sobre: habitação, iluminação, dificuldades de outros tempos, manteiga enlatada. As dificuldades encontradas no início da colonização. Administração da comunidade. Carroças de cavalos. Agricultura. Animais. Desenvolvimento de Rodeio. Indústrias. Ferrarias. Caças. Pessoas que se destacaram no Município.

O sr. Virgílio Noriller e seus familiares. Cantantis ou Cantare. Da Alemanha para Santa Catarina.

Rodeio, julho de 1985

Jaraguá do Sul — 1985

Entrevista com o Sr. CLEMENTE PRÁDI e DELFINA PRÁDI.

Os meus avós chegaram ao Brasil no ano de 1896, após uma viagem de 30 dias ao porto do Rio de Janeiro. O destino dos imigrantes era a Argentina, mas por falta de navios, ficaram no Brasil.

Diz o Sr. Clemente, que por informações de alguns parentes, que haviam vindo antes, que aqui havia muita terra para todos, podendo-se plantar e criar a vontade, tinha muita lenha etc., pois isso faltava na Itália, além de tudo. Então os seus avós resolveram vir para Santa Catarina. Vieram para Itajaí, e depois subiram para Jaraguá. O seu pai tinha 2 anos, os seus avós, chamavam-se: Antonio Prádi e Carolina Martinelli Prádi. Eram 4 irmãos: Benjamim, Olívia, Abramo e Eugênio. Antes de irem para Jaraguá, ficaram em Blumenau, depois com um engenheiro francês, foram para Encruzilhada, e juntos com mais 6 camaradas, se iniciaram na lavoura. O engenheiro se dedicava somente no levantamento das terras.

Os seis que vieram para cá com os meus pais, foram: João Satler, Vitório Piazero, Angelo Piazero, Eugênio Campregher, Salomão Mengarda e meu pai Eugênio Prádi. Aqui se estabeleceram no ano de 1987. Os 6 foram os pioneiros, ou seja, os fundadores, depois foram chegando outros em maior número.

A Primeira Escola

Em 1906, foi criada a 1ª escola na Barra do Rio Cerro, onde tinha também uma pequena igreja. Como os alunos eram poucos, o 1º professor foi o meu tio Alexandre Prádi, que dava aulas na igreja, depois foi construída a escola, sendo que no primeiro ano, lecionava somente o italiano, pois ninguém compreendia o português. Com o decorrer dos anos criaram a escola reunida, já ensinando a língua brasileira, e demais coisas do Brasil.

O governo italiano sempre mandava dinheiro e livros para os imigrantes e seus filhos no Brasil.

Desenvolvimento

O desenvolvimento de Jaraguá do Sul, segundo diz o Sr. Clemente Prádi, foi todo ele na base da agricultura, algumas serrarias para preparar madeiras para as primeiras casas. Jaraguá como as demais cidades veio aos poucos. Bem antes desse crescimento os Jordan montaram uns engenhos de cana, cujas terras compreendiam quase toda Jaraguá. Quando pensávamos no crescimento da localidade pelo plantio da cana, ele largou tudo e foi embora para o Rio de Janeiro. Tempos depois a imigração foi intensificada. É interessante observar que em Jaraguá houve uma mistura de italianos com alemães, havendo muitos casamentos entre eles.

Do casamento do meu pai, só nasceram três filhos, Serafina, Filomena e eu, Clemente. Do meu casamento com minha esposa, não tivemos filhos, assim Deus não quiz, vivemos já 58 anos de casados, e temos nos dedicado a algumas adoções.

Oficinas

Aqui no tempo da colonização, foram surgindo pequenas oficinas de consertos. Não oficinas grandes de tudo fazer, um pouquinho de cada coisa.

Já em Rio Cerro, onde eu nasci, as oficinas foram maiores, com carroças de tração animal completas, além de outras coisas mais.

Indústrias de Jaraguá

O setor industrial custou muito a se desenvolver. Primeiro apareceram as casas comerciais que vendiam de tudo, eram os grandes armazéns. Os donos eram de Joinville, isso entre 1910 e 1920. Depois começaram a aparecer as pequenas ferrarias que fabricavam ferramentas para os agricultores, carroças, etc

Novos imigrantes

Com o decorrer dos anos foram vindos novos imigrantes de outras nacionalidades, principalmente alemães, que se dedicaram as plantações de fumo e milho. A cultura do arroz era apenas para o consumo das famílias, eram descascados no pilão. As rodas d'água que haviam eram só para tocar as serrarias.

Os Precursores

Os Zatter, os Prádis, Mengardi, Bortolini, Piazeras, foram os precursores do início de Jaraguá do Sul, depois foram vindos de outras nacionalidades. As estradas foram sendo feitas para melhor e tudo foi melhorando sempre.

Religião

A religião dos Prádis sempre foi a católica. Não temos ninguém que se tivesse tornado padre ou freira.

As igrejas de antigamente aqui, eram atendidas por padres que vinham de Rodeio. Eles aqui ficavam de 2 a 3 dias em cada 2 meses. Casavam, batisavam, etc. Os alemães

que eram Evangélicos e Luteranos, tinham o seu Pastor. Nós católicos, luteranos e evangélicos, sempre nos demos bem. A religião não obstava em nada o nosso relacionamento.

Dificuldades encontradas

Eu sou filho de Jaraguá do Sul, estou com 83 anos. As dificuldades que encontramos foram iguais a tantas outras encontradas pelos que aqui chegaram a procura de um novo teto. Cada um se defendia como podia, trabalhando de sol a sol. Casas, criações, roças, tudo era trabalhado pelos que integravam a família. As casas eram de "pau-a-pique". Todas as casas tinham um rancho fora onde eram guardados o material da lavoura, animais, e as carroças. As coisas foram melhorando, todos se ajudando mutuamente e melhorando as nossas vidas.

Condução e estradas

A condução era a cavalo e carroças com cavalos e carros de bois. Não havendo ainda estradas, se passava pelas trilhas das carroças, todas as famílias enfrentavam as mesmas dificuldades, que pouco a pouco foram vencidas.

Piazeras

O Angelo estudou e se dedicou a medição de terras, não era colono. Os Piazeras se destacaram muito na vida cultural de Jaraguá e outros que se radicaram em Rio do Sul. Família muito católica, além de várias freiras e padres, deu uma importante figura na religião, representada pelo Bispo de Lages, Dom Honorato Piazero, cujo Jubileu de Prata foi comemorado em 1983 em Jaraguá, onde reuniu os descendentes de todos os Piazeras, numa feliz confraternização.

Catanduvras — Fevereiro de 1985

Luiz José Zonta, é neto de imigrantes italianos que vieram para o Brasil entre os anos de 1885 a 1890.

Os seus avós eram de Treviso e Bérgamo. Os seus pais entretanto já nasceram no Brasil, Rio Grande do Sul. Diz o Sr. José Zonta ter nascido no município de Encantado, RS, de uma família de 12 irmãos homens, isso do primeiro matrimônio do seu pai. Do segundo vieram duas irmãs. Depois de crescidos cada irmão tomou rumo diferente, entre o Rio Grande e Santa Catarina.

Casou no RS, sendo a sua esposa Albina Panosso, de Bento Gonçalves. Seis meses depois de casados, se juntou a um grupo de companheiros que vieram para Santa Catarina, pois não tendo filhos, a coisa se tornou mais fácil. Inicialmente se localizou em Ibicaré que pertencia a Campos Novos, depois foi para Herval do Oeste, onde morou 25 anos, e finalmente Joaçaba. A família era composta de 10 filhos. Por um período de 25 anos trabalhou com os filhos somente na roça. Em 1961 passou a morar em Catanduvras, onde botou uma oficina de beneficiamento de madeira, tocada a roda d'água do rio. Nessa oficina trabalhava a maioria dos seus filhos. Eles entretanto não se acertaram, e começaram a casar e aí não deu nada mais certo, vendemos

a oficina, separando-nos. Fiquei com os dois mais novos, pois os 2 que casaram, dei a terra pra eles e cada um passou a trabalhar sozinho. E finalmente os dois que estavam comigo, também casaram passando a morar aqui perto. Nem todos casaram com descendentes de italianos. Um casou com uma caboclinha bem brasileira e uma filha também casou com um caboclo. Os demais todos descendentes de italianos. Hoje 33 netos e 5 bisnetos.

Trabalhos dos filhos

Quanto aos trabalhos dos filhos, tenho três na colonia e os demais são todos empregados, sendo que um entre eles tem uma oficina de beneficiamento de madeira, e está agora no ramo de construção.

Religião

Quanto à religião toda nossa família, diz o Sr. Zonta, professamos a religião católica, sem perder missa aos domingos.

Aqui era só um capoeiral

Quando aqui nos estabelecemos, era tudo capoeira. Como eu era forte e a família grande, iniciamos as derrubadas preparando a terra para os plantios. Estudando as terras vi que para a melhor lavoura, era do arroz. E assim fizemos, juntamente com os filhos plantamos arroz, cuja colheita produzia de 200 a 300 sacas. Sempre tivemos criação e uma junta de bois para lavar. As terras que tinha passei aos filhos em usufruto. É uma espécie de garantia enquanto vivemos. Para os quatro filhos homens que casaram, dei a escritura de cinco alqueires para cada um. Para as filhas, que foram seis, dei para a 1ª o enxoval, e igual para as outras cinco. Quanto às terras geralmente se dá para os filhos homens, pois se todos os filhos homens receberem as terras de herança as mulheres que com eles casarem passarão a ter terras. Entre os meus 4 filhos que receberam terras, apenas um vendeu. Uma das que passei a escritura.

Início de Vida em Santa Catarina

O início de nossa vida aqui foi difícil, mesmo. Primeiro fizemos um rancho de tábuas lascadas. Derrubamos um pinheiro e fizemos uma casa mais ou menos, com um ranchinho ao lado pra fazer fogo. Só fechada para não entrarem os bichos maiores. Isso foi antes de 1940. Foram anos difíceis, pois minha mulher ficou doente e tive que mandá-la pro Rio Grande pra se curar. Isso nos atrapalhou muito. Os filhos todos pequenos, a mulher quase não podia ajudar, aí então comecei a plantar fumo e fazer fumo de corda. Com isso fui indo, fui remando. A coisa foi melhorando. Comprei 5 alqueires de terra. Terminei de pagar e comprei mais cinco, e fui indo até conseguir 25 alqueires. Isso em Herval do Oeste. De repente me sobrou um dinheiro, aí decidi comprar terras para os filhos. Comprei aqui que ainda pertencia a Joaçaba. Foi então que me aconselharam a não dar para todos os filhos, porque eles poderiam me abandonar. Foi quando então resolvi aceitar os conselhos e dar em usufruto. Graças a Deus todos me acompanharam e quando casavam eu dava a madeira pra fazer a casa, *“que fizessem ferver a panela por conta, pra ver quanto custava a banha”*.

Da Casa

Quanto às dificuldades que existiam na habitação, nós não precisamos usar lampião com "banha de porco". O querosene já se comprava com facilidade em lata grande, não havia falta. Somente o incômodo daquela fumaceira dentro de casa. Depois surgiu o lampião com manga de vidro, depois o petromac, e por último o liquinho e, finalmente a luz elétrica.

— O Senhor Zonta falou ainda das caças, doenças, remédios caseiros, crendices, e do idioma italiano em família. Finalizando assim a nossa entrevista, que completa, constará do nosso livro, "O Imigrante Italiano, seus Costumes, sua Música, seu Folclore".

Voltando a entrevista com o Sr. Guerino Germano Anzollin, residente em Vargem Bonita.

Perguntando ao Sr. Guerino em que ano teve início a vinda de seus avós para o Brasil, disse: Meus avós desembarcaram em Santos, vindos da Itália, procedentes da Cidade de Vicenzi, incorporados a um grupo de imigrantes destinados ao Brasil entre os anos de 1885 a 1890. Com meus avós paternos e maternos vieram os meus pais com a idade aproximada de 10 a 12 anos. A família da minha mãe, não me recordo mas também era de 4 a 5 irmãos. Sendo que a família de meu pai era de 4 irmãos. Essas famílias vieram juntas no mesmo grupo e se instalaram no Rio Grande do Sul, onde se sabia haver as melhores terras para a agricultura. Desse relacionamento entre eles naturalmente, o meu pai casou com minha mãe. O meu pai chamava-se Angello Anzollin e minha mãe Justina Bassatti Anzollin.

Vivendo na mesma comunidade de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, todos eram imigrantes. Ali como disse acima eles casaram, constituindo uma família de 14 irmãos, todos vivos, além de outros que faleceram.

Vim para Santa Catarina com meus pais em 1936, tinha eu 21 anos com mais 5 irmãos, os outros entre irmãos e irmãs já casados ficaram por lá e em outros lugares do Rio Grande.

Como disse, os meus avós aqui chegaram com 4 filhos, meu pai e 3 irmãos todos de 10 anos para cima, sendo o meu pai o mais moço. Cresceram, e, trabalhando muito adquiriram novas terras, isso proporcionado pelo trabalho de todos.

Em 1936, com a notícia de haver terras boas e baratas em Santa Catarina, meu pai resolveu vender as suas terras, distribuindo parte com os outros filhos casados, e viemos para Cruzeiro do Sul, hoje Joaçaba. Com os meus pais vieram 6 filhos, contando comigo. Em Joaçaba meu pai adquiriu terras perto da cidade, muita terra, que tendo em vista o progresso da cidade as terras se valorizavam cada vez mais. Aí, então, eu que era o mais velho dos 6, resolvi vir para Catanduvas. Sendo mais distante se comprava maior quantidade de terra boa e barata. Meu dinheiro deu pra comprar bastante terras.

Estradas

Não havia estradas, tinha-se que transportar os mantimentos pelos caminhos nos lombos dos animais. Anualmente nos pagávamos os impostos com o serviço de abrir estradas. Estradas mesmo para nós. Trabalhávamos 6 dias cada um nessas estradas

destinadas a escoarem a nossa produção, facilitando assim a venda do que produzíamos para o comércio. No começo as estradas eram abertas braçalmente na picareta. O serviço de estradas era todo pago pelo Governo. Eram turmas de 20 a 30 homens, com picaretas, enxadas, carrinhos, carrocinhas, etc. Desmatavam, transportavam terras, e assim iam saindo as estradas.

Na continuação a sua entrevista o Sr. Anzollin, dissertou: "A produção e o que produziam na época. Carne de gado, casas pra morar. Da primeira casa construída. Linguagem (idioma italiano). Queixa do povo atual: do abandono da cultura do trigo naquela época".

A entrevista completa será publicada no livro em preparo.

CHAPECÓ, 1985

JOÃO FUCCINA — Em agosto do ano de 1985, estive em Chapecó, participando do 1º Encontro da Associação Catarinense de Escritores, realizado naquele importante município, patrocinado pela Prefeitura Municipal. Aproveitando essa única oportunidade que tive de conhecer Chapecó; por informações, fui ao encontro de um dos mais antigos moradores daquela região, o Sr. João Fuccina, com o objetivo de obter matéria para o meu livro "O Imigrante Italiano, Seus Costumes, Sua música, Seu Folclore".

Gentilmente recebido pela sua filha, professora Amábile Fuccina, disse-lhe do meu objetivo, e fui conduzido ao meu entrevistado. Homem forte, de regular estatura, facilmente começou a discorrer sobre sua marcante vida: Sou filho de imigrantes, descendente de italianos vindos da região de Veneza, em 1875, estabelecendo-se em Bento Gonçalves, RS, depois de uma sacrificante viagem de mais de 30 dias, juntamente com inúmeros outros imigrantes que com os meus pais, tinham também o mesmo destino, o sul do Brasil, fascinados pelas belas informações de que aqui era a terra da promessa.

Meus pais chamavam-se Amável Fuccina e Elisa Iganzerla Fuccina. Como tantos outros, eram pobres. Eram agricultores natos, proussão preferida para os escolhidos entre aqueles que desejavam vir para o Brasil. Aos dois anos fiquei órfão de pai e aos 9 anos perdi também a minha mãe, e passei a morar com meu tio Angelo Iganzerla e sua família. Aos dez anos comecei a trabalhar como madrinheiro, isto é, guiava as tropas de gado, depois me tornei carroceiro. Era uma vida dura, a terra da promessa ainda não havia me descoberto. Aos 22 anos, casei com Maria Colnagui Teresa, filha como eu, de imigrantes. Em Guaporé, no RS, nasceram nossas duas filhas. Em 1920, vim para Santa Catarina, fixando-me no interior de Xaxim, onde comprei 10 alqueires de terra de mata virgem, indo em 1922 com a família morar naquele fim de mundo, onde passamos a ocupar uma casa feita de "toras lascadas". Os bichos eram tantos que durante a noite vivíamos assustados com os pios das cobras. Haviam onças, porcos do mato, os tais de "cateto". Ali com minha esposa e as filhas passamos horrores: medo, fome, doenças, angústias, sem termos a quem recorrer. O vizinho mais perto ficava a 20 quilômetros, as dificuldades eram tantas que no 2º ano combinei com a minha mulher e fomos para Xaxim, onde abri uma "bodega",

como se chamava na época. Para isso vendi a nossa propriedade no mato, e comprei também um terreno, onde fizemos uma casinha. Graças a Deus as coisas foram melhorando, a nossa vontade de vencer era grande. O dinheiro foi aparecendo como por encanto. Em 1926, nos transferimos para Chapecó. Continuei com a bodega de "Secos e Molhados", que a minha mulher tomava conta, e eu passei a trabalhar com a carroça. Comprei mais 21 alqueires de terra, distante 5 km, em 1926. Em 1930, tomei parte na Revolução, sendo forçado a transportar as Tropas Armadas para diversos lugares, com a minha carroça puxada por 9 animais, correndo sério risco de vida. Hoje, com meus 91 anos, recordo todo aquele passado que tão distante ficou e tão presente está.

— A história da vida do Sr. João Fuccina, terá continuidade no livro de minha autoria em 1990, cujo título ilustra esta e os tópicos das demais entrevistas.

Doralécio Soares

Composto e impresso
nas oficinas gráficas da



Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, SC

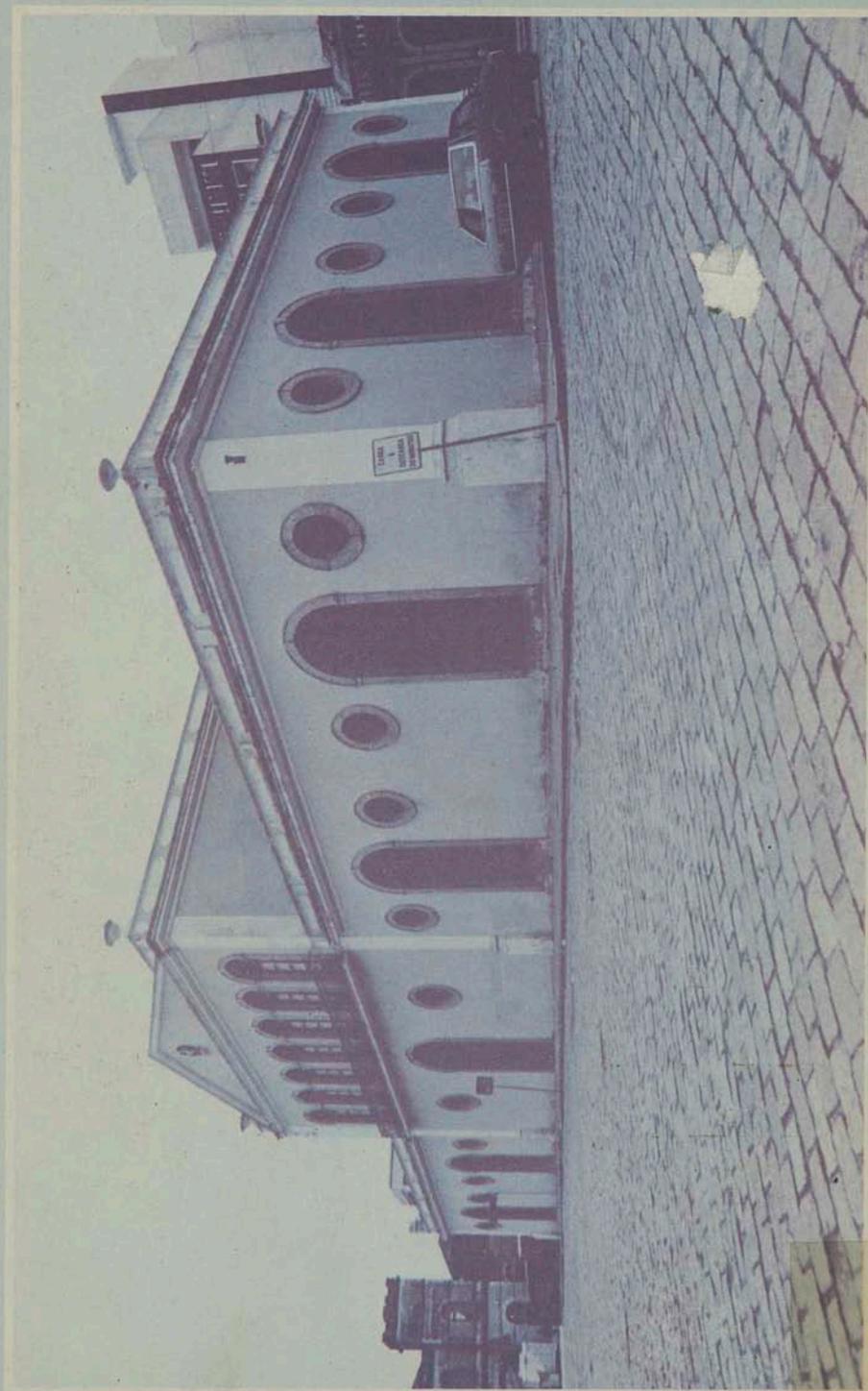
COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes / Endereços: Florianópolis — SC

Doralécio Soares (Presidente) — Rua Júlio Moura, 28 — 1º andar
Victor Antonio Peluso Junior (Vice-Presidente) R. Melo Alvim, 10
Myriam Conceição Beltrão de Carvalho (Secretária)
R. Adolfo Melo, 37 — 1º andar
Cléa Mendes Brito (Tesoureira) R. Melo Alvim, 9
Theobaldo Costa Jamundá — R. Bocaiúva, 208
Walter Fernando Piazza — R. Frei Evaristo, 209
Maria do Carmo Pinto — Av. Getúlio Vargas, 2201 — Tubarão — SC
Osvaldo Ferreira de Melo — R. Joaquim Costa, 11
Carlos Alberto Amgioletti Vieira — R. Profa. Otilia Cruz, 365
Nereu do Vale Pereira, Jardim Olívio Amorim, 24
Roberto Kel — R. Cruz e Souza, 48
Gelsí José Coelho — Museu de Antropologia, UFSC
Luiz Carlos Halfpap — Departamento de Ciências Sociais da UFSC
Lélia Pereira da Silva Nunes — R. Maria Eduarda, 44, Jardim Losangele
Paschoal Apostolo Pitsíca — R. Duarte Schutel, 41
Sônia Maria Copp da Costa — R. Fernando Trejo, 440 — S. Franc. do Sul
Sílvia Maria Günther — R. Max Colin, 850, ap. 2, Joinville.

Colaboradores:

Flávio José Cardozo — Florianópolis — SC
Dulce Martins Lamas — Rio de Janeiro — RJ
Laura Dela Monica — São Paulo — SP
Saul Martins — Belo Horizonte — MG
Ático Vilas Boas — Goiânia — GO
Mário Souto Maior — Recife — PE
Aleixo Leite Filho — Caruaru — PE
Ana Maria Amaro — Cascais — Portugal
Maria do Rosário Tavares de Lima — SP
Maria Alieta das Dores Galhoz — Portugal



ALFÂNDEGA
x-Alfândega

Rua Conselheiro Mafra, s/n
Fone: 22-6082

Centro — CEP 88010
Florianópolis — SC